

ANDRÉA LIMA DO VALE CAMINHA

**ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO:
RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA VIDA**

JOÃO PESSOA
2021

ANDRÉA LIMA DO VALE CAMINHA

**ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO:
RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA VIDA**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências
das Religiões (PPGCR), como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Ciências das Religiões. Na linha de
pesquisa: Espiritualidade e Saúde.**

**Orientador: Prof. Dr. Thiago Antonio
Avellar de Aquino**

**JOÃO PESSOA
2021**

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

C183e Caminha, Andréa Lima do Vale.

Espiritualidade, saúde e perdão: ressignificação esentido na vida / Andréa Lima do Vale Caminha. - João Pessoa, 2021.

139 f.

Orientação: Thiago Antonio Avellar de Aquino. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CE.

UFPB/BC

CDU 130.122(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO: RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA
VIDA

Andréa Lima do Vale Caminha

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Thiago Antonio Avellar de Aquino
(orientador)



Josilene Silva da Cruz
(membro-externo/UERN)



Sarah Xavier Vasconcelos de Fialho Rodrigues
(membro-externo/FTM)

Aprovada em 10 de dezembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

“Não tenho palavras pra agradecer a tua bondade, dia após dia, me cercas com fidelidade, nunca me deixes esquecer, tudo que tenho, tudo que sou e o que vier a ser vem de Ti Senhor...” (Vem de Ti, Senhor – Diante do Trono)

Ao Senhor, meu Deus: és o motivo do meu existir! Senhor, nunca me deixes esquecer que tudo que tenho, tudo que sou e o que eu vier a ser vem de Ti Senhor (Salmos 103: 1-3). Por isso, amado Deus, recebes toda a minha gratidão, absolutamente por todas as coisas. Nesse momento, te agradeço Senhor, por me concedeste essa tão preciosa obra na minha vida: a realização desse meu mestrado, obrigada Senhor! Recebe, Paizinho, Toda Honra, Toda Glória, Todo Louvor e Toda Adoração do fundo de minha alma.

Aos meus amados pais, Demeval e Noelzi, ambos *in memoriam*, por ter tido eu, o privilégio de ter nascido nesse lar tão cheio de amor e de princípios que trago comigo para onde vou. Pelo exemplo que foram para a minha vida! Do meu amado pai, herdei o desejo de “construir pontes” nas relações com as pessoas e da minha amada mãe, o gosto e a sensibilidade pelas artes de forma geral, especialmente, a música. Grande foi o legado recebi!

Aos meus amados irmãos, Tatiana, Cassandra, Demétrio e Sávio. Nutro, com cada um deles, um grande laço de amor. Gratidão, amados irmãos!

À minha família, minha maior herança aqui na terra!

A Iraquitã, amado esposo, amigo e companheiro de todas as horas. Gratidão por todo amor e companheirismo! Agradeço, nesse momento, por toda sustentação e encorajamento dia após dia nesse percurso! Foi meu interlocutor dentro de casa, levando-me a valiosas reflexões, dando-me suporte para chegar até aqui! Gratidão, amado esposo!

A Lucas, filho amado, tesouro da minha vida! Agradeço por todo amor, apoio, compreensão e até mesmo toda contribuição quando chamado para ajudar-me. Gratidão, amado filho!

Ao meu caro orientador, Professor Dr. Thiago Aquino, por todo acolhimento dedicado e zeloso que tive desde o primeiro momento que fomos apresentados. Agradeço as ricas indicações de leituras e minuciosas orientações, as quais em muito enriqueceram significativamente a minha pesquisa. Grata, Prof. Thiago, por sua paciência e serenidade, ajudando-me a perseverar!

Aos Professores Doutores Marinilson Barbosa e Hugo Alexandre, pelas preciosas contribuições por ocasião de suas participações na minha Banca de Qualificação.

As Professoras da banca examinadora, composta pelas Professoras Doutoras Josilene Silva e Sarah Xavier. Sou certa de que receberei grandes contribuições de vossa parte nesse momento tão importante da minha Defesa de Mestrado. Suas contribuições serão para mim essenciais e valiosas para a continuidade de minha pesquisa.

À Coordenação do Programa, que sempre esteve disponível e de prontidão a nos atender com as demandas solicitadas.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior) pelo apoio financeiro durante um período do mestrado.

Aos Participantes da pesquisa que, com muita prontidão, se dispuseram a participar das entrevistas e que tanto enriqueceram nosso estudo nos revelando questões importantíssimas para o avanço da minha pesquisa sobre a Espiritualidade, Saúde e Perdão.

À Rafaela Duarte (Rafinha), que foi uma das primeiras pessoas a me incentivar ao ingresso no Mestrado em Ciências das Religiões. Grata querida!

À Eunice Simões, que sempre com seu olhar de amiga me incentivou a ir além, sempre me apoiando na minha caminhada. Grata amiga!

Aos meus amigos, que sempre me encorajaram para a realização de meus sonhos e também aos que encontrei nesse percurso do mestrado, que com palavras de incentivo estiveram também me apoiando nesse momento específico de minha caminhada. Gratidão a todos!

“Aqueles que perdoam de verdade não esquecem,
mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma
força destruidora que os lesou. Quebram o círculo
vicioso, freiam o avanço das forças da destruição”

Carta Encíclica Fratelli
Papa Francisco

“O perdão é um catalisador que cria a ambiência
necessária para uma nova partida, para um reinício”

Martin Luther King

RESUMO

ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO: RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA VIDA

O objetivo de nosso estudo foi analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde. Nessa perspectiva, apreendemos o sentido da experiência de perdoar de líderes da espiritualidade cristã, considerando os aspectos da espiritualidade e da saúde implicados nessas experiências, bem como analisamos as narrativas das experiências de perdoar de líderes da espiritualidade cristã a partir das reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl. Adotamos como perspectiva metodológica a atitude fenomenológica de colocar em suspenso todos os nossos juízos acerca do fenômeno em questão. Com base nessa perspectiva, assumimos a postura de deixar os sujeitos narrarem, de forma livre, suas experiências de perdoar. Os participantes da pesquisa foram seis líderes da espiritualidade cristã, católicos e evangélicos de algumas igrejas da cidade de João Pessoa. Foram selecionados três padres e três pastores. As entrevistas foram transcritas na íntegra. A análise das narrativas foi feita por meio de análise fenomenológica hermenêutica, que consistiu na compreensão de que o pesquisador teve a tarefa de desvelar o fenômeno interrogado por meio da descrição das vivências dos sujeitos. Analisamos as descrições das vivências dos sujeitos seguindo os seguintes passos: a) Transcrição das falas acerca das experiências de perdoar dos sujeitos entrevistados; b) Organização das falas por meio de unidade de sentido de cada sujeito que se coloca em evidência por meio de palavras que expressavam o sentido pessoal de perdoar; c) Construção de uma rede de sentido que foi tecida ligando as unidades de sentido de cada sujeito com as construções conceituais de Paul Ricoeur e Viktor Frankl. Com base na análise realizada, chegamos à conclusão de que o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida enquanto experiência de superação de sofrimento, dor e ressentimento. Além disso, encontramos o resultado de que o percurso do perdão significa instaurar caminhos para uma vida saudável, na medida em que o ato de perdoar, além de ser uma experiência de ressignificar o passado no contexto da memória, é também uma busca de ressignificar a própria existência.

Palavras Chave: Espiritualidade; Saúde; Perdão; Paul Ricoeur; Viktor Frankl.

ABSTRACT

SPIRITUALITY, HEALTH AND FORGIVENESS: RESIGNIFICATION AND MEANING IN LIFE

The objective of our study was to analyze how forgiveness can be considered an experience of resignification and search for meaning in life in the context of the relationship between spirituality and health. To this end, we apprehended the meaning of the forgiving experience of leaders of Christian spirituality, considering the aspects of spirituality and health involved in these experiences, as well as analyzing the narratives of the forgiving experiences of leaders of Christian spirituality from the reflections of Paul Ricoeur and Viktor Frankl. We adopted as a methodological perspective the phenomenological attitude of suspending all our judgments about the phenomenon concerned. Based on this perspective, we assumed the posture of letting the subjects narrate, in a free way, their experiences of forgiving. Participants in the survey were six leaders of Christian spirituality, Catholics and evangelicals from some churches in the city of João Pessoa. Three priests and three pastors were selected. The interviews were fully transcribed. The analysis of the narratives was made through hermeneutic phenomenological analysis, which consisted in the understanding that the researcher had the task of discovering the phenomenon interrogated through the description of the subjects' experiences. We analyzed the descriptions of the subjects' experiences by following these steps: a) Transcription of the speech about the subjects' experiences of forgiveness; b) Organization of speech by means of the unity of meaning of each subject that stands out through words that expressed the personal sense of forgiveness; c) Construction of a network of meaning that was woven linking the units of sense of each subject with the conceptual constructions of Paul Ricoeur and Viktor Frankl. Based on the analysis carried out, we concluded that forgiveness can be considered an experience of resignification and search for meaning in life as an experience of overcoming suffering, pain and resentment. Moreover, we found the result that the path of forgiveness means to establish paths to a healthy life, in that the act of forgiving, besides being an experience of re-signifying the past in the context of memory, is also a search to re-signify one's existence.

Keywords: Spirituality; Health; Forgiveness; Paul Ricoeur; Viktor Frankl.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	09
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1 Perdão e ressignificação da memória em Paul Ricoeur.....	15
1.2 Sentido na vida e perdão em Viktor Frankl.....	18
1.3 Liderança da espiritualidade cristã.....	24
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
3. A EXPERIÊNCIA DE PERDOAR: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO.....	33
3.1 Descrição dos participantes da pesquisa.....	33
3.2 Chamado vocacional, formação eclesial e liderança cristã.....	34
3.3 Sofrimento, ressentimento e perdão.....	42
3.4 Experiência de perdoar, ressignificação e sentido na vida.....	53
3.5 Espiritualidade, saúde e perdão.....	58
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS E APÊNDICES	73
ANEXO A – Folha de aprovação do Comitê de Ética.....	74
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	79
APÊNDICE B - Questionário sociodemográfico.....	81
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada.....	82
APÊNDICE D -Transcrição das entrevistas.....	83

INTRODUÇÃO

A temática da Espiritualidade¹ e da Saúde recebeu nossa atenção especial nesses últimos tempos e, dessa forma, nos despertou para pesquisar sobre a relação entre esses dois conceitos, a fim de compreendermos como nossas vivências de abertura para o transcendente estão entrelaçadas com nossas experiências de bem estar. No contexto dessa relação, indagamos sobre a problemática do Perdão enquanto ação de natureza espiritual que pode nos conduzir para uma vida mais saudável. O foco do estudo foi apresentar que, por um lado, a falta de perdão reforça o ressentimento, levando ao adoecimento das pessoas e, por outro, a experiência de perdoar proporciona uma resignificação do sentido na vida, abrindo caminho para construção de uma vida saudável, como consequência possível do perdão.

Iniciamos nossas pesquisas em 2014, na intenção de investigar, do ponto de vista psíquico, como se experimenta o perdão. Desejávamos compreender, no campo de nossos estudos em psicologia, como o perdão poderia ser considerado uma atitude que nos traria consequências de uma vida mais saudável. Esse desejo nos levou a descobrir a obra de Paul Ricoeur (2012) *O perdão pode curar?*. Nessa obra, ele afirma que a atitude de não perdoar nos faz ficar doentes. O autor nos ajudou a compreender a falta de perdão como uma doença da memória.

Na nossa compreensão, quando se perdoa, não se está esquecendo, mas eliminando-se uma dívida por meio de uma atitude generosa de resignificar os fatos do passado que não se pode mudar, mas de encontrar um novo sentido para os referidos fatos. Dessa maneira, o perdão é libertador, pois ele é cura para a memória, que pode ser encarada não apenas como uma ferramenta de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, uma capacidade de (re) significar ou de (re) criar o passado.

Oriundo de tais estudos, escrevemos dois textos sobre o tema do perdão, publicados em 2015 e 2019. Esses estudos nos rederam ainda duas apresentações nos Congressos Internacionais de Psicopatologia Fundamental em 2014 e 2016. Paul Ricoeur, na sua obra *A memória, a história e o esquecimento* (2007), refere-se ao processo de

¹ Usamos o termo espiritualidade no sentido de experiência pessoal de abertura para o transcendente. Tal uso é inspirado na forma como Viktor Frankl compreende a espiritualidade enquanto valores e sentidos que o ser humano busca para a sua vida. Nesse sentido, a espiritualidade é muito mais ampla do que a religiosidade, que restringe a experiência de transcendência no contexto de uma determinada religião.

elaboração psíquica do ponto de vista desses três conceitos chaves e nos diz do quanto a experiência de perdoar é uma experiência difícil, mas não impossível. O perdão significa exatamente livrar-se do peso de uma dívida, possibilitando uma experiência efetiva de libertação tanto daquele que perdoa como daquele que foi perdoado. Ricoeur (2007) faz uso de uma metáfora: “a profundidade da falta e a altura do perdão” para expressar o processo da atitude de perdoar.

Na nossa prática clínica, tivemos a oportunidade de entrar em contato com casos em que a experiência de perdoar se fez e continua se fazendo presente em nossa atividade clínica na perspectiva psicanalítica. Esse foi, certamente, o nosso maior interesse e a nossa grande motivação em continuar investigando sobre a temática do perdão.

No decorrer de nossas investigações, entramos também em contato com a obra de Viktor Frankl e, nesse momento, foi possível perceber que a busca de sentido para a vida² é o principal atributo existencial do ser humano. Para Frankl (2002, p.92), “a realidade humana refere-se sempre a algo para além de si mesma. Está dirigida para algo que não é ela mesma”. Somos cientes de que Frankl não tratou diretamente o tema do perdão em suas construções teóricas. Entretanto, acreditamos que foi possível encontrar associações entre as noções de autodistanciamento, autotranscendência e sentido na vida de Frankl com a noção de ressignificação da memória de Ricoeur, que de maneira explícita trabalha o tema do perdão em seu pensamento.

É próprio do ser humano buscar um sentido para sua vida numa perspectiva transcendente. Seguindo os passos dessa perspectiva, podemos pensar que a atitude de perdoar, além de ser uma experiência de ressignificar o passado, pode ser também considerado uma busca de sentido para a própria existência. O perdão adquire assim um valor existencial. Acreditamos que fazer interlocuções entre Paul Ricoeur e Viktor Frankl foi uma escolha fecunda e que colhemos bons frutos do entrecruzamento teórico desses dois autores no sentido que pensamos as relações entre espiritualidade, saúde e perdão.

² Na obra de Viktor Frankl, é possível identificar pelo menos três formulações para pensar a relação entre sentido e vida. Ora encontramos sentido da vida, sentido para a vida e sentido na vida. Sentido da vida refere-se à totalidade da existência, da concepção à morte. Sentido para a vida diz respeito a ter uma meta uma razão para viver. Sentido na vida concerne ao sentido do momento, no aqui e agora (*hic et nunc*). Dessa forma, em nosso trabalho essas três formulações podem aparecer, respeitando os diferentes usos proposto por Frankl.

Para Alves e Aquino (2017), a busca do sentido da vida está associada a percepção ontológica do tempo que significa dizer que a vitalidade subjetiva das pessoas se estabelece por meio da conexão significativa entre passado, presente e futuro. Tal conexão interfere diretamente na qualidade de vida das pessoas. Identificamos nessa reflexão um caminho de fortalecer a aproximação entre Paul Ricoeur e Viktor Frankl para pensar o tema da memória e do sentido na vida suas relações com a experiência de perdoar.

Para Frankl (2019a, p.6), a “logoterapia, como análise existencial que é, reconhece na pessoa a ‘dimensão noológica’ situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística”. A partir dessa definição da logoterapia, é possível considerar que o perdão nos faz colocar em cena o tema do sentido na vida. Não perdoar pode gerar um vazio existencial que precisa ser trabalhado para nos fazer tomar o caminho de se libertar do peso do ressentimento.

No nosso entendimento, um ser saudável não pode ser o indivíduo que foi avaliado meramente pelo funcionamento fisiológico com base em marcadores bioquímicos. Segundo Toniol (2017), a saúde do ser humano é muito mais abrangente e complexa, contemplando também a dimensão espiritual. A Organização Mundial da Saúde - OMS, em 1984, definiu que a saúde é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, social, espiritual, e não somente ausência de doenças ou enfermidades. Foi esse aspecto espiritual da existência humana que nosso estudo se pôs a colocar em evidência para discutir as relações entre saúde, espiritualidade e perdão.

Associamo-nos ao pensamento de Koenig (2005) quando afirma que o tratamento de qualquer doença exige um cuidado com a dimensão espiritual. Considerar o aspecto espiritual do paciente significa conhecer o modo como ele utiliza sua espiritualidade para lidar com seu quadro de adoecimento. Quando se está doente, não se faz uso apenas de medicamentos para reequilibrar disfunções orgânicas. Nossas crenças e valores, elementos constitutivos que definem a espiritualidade para Koenig (2005), também podem ser usados a serviço de nosso bem-estar. Logo, a espiritualidade não pode ser negligenciada quando evocamos o problema da saúde numa perspectiva integral do ser humano.

A doença não é só um sofrimento identificado por meio de um diagnóstico médico. Ela é também uma construção individual e coletiva por meio de valores e crenças.

Além do paciente seguir as prescrições médicas, ele pode também agregar ao seu tratamento suas crenças e valores espirituais. A saúde estar diretamente associada ao sentido que encontramos para as nossas vidas. Dessa maneira, a espiritualidade pode servir de referência para se pensar o bem-estar.

Ser saudável exige uma atitude de interpretação da vida. Essa ideia é desenvolvida por Gadamer (2006), em seu texto *O caráter oculto da saúde*. Nesse texto, o filósofo afirma que a saúde não é apenas objeto de explicação objetiva. A vida nos coloca em situações de adoecimento que precisamos da criação de um estilo de vida capaz de assegurar um bem-estar possível. Desse modo, a espiritualidade pode ser um excelente exercício para se alcançar uma vida mais saudável, considerando as condições concretas de cada pessoa inserida no seu contexto social.

Ao falarmos de espiritualidade, podemos citar o instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (Whoqol – 100), que considera a experiência espiritual relacionada ao sentido da vida, não se restringindo às crenças e práticas religiosas. Referimo-nos aos sistemas de crenças que as pessoas adotam com o propósito de buscar sentido para suas vidas. No conjunto dessas crenças, o valor do perdão pode ocupar um lugar de extrema importância. Considerando que a esfera da espiritualidade tem um aspecto valorativo para a construção de uma vida saudável, podemos pensar o perdão como tendo um papel decisivo na saúde das pessoas. Nessa perspectiva, o perdão é considerado, por nós, como consequência para uma vida saudável e não como o estabelecimento prévio de um fim a ser alcançado.

Estudar o entrelaçamento entre espiritualidade, saúde e perdão torna-se relevante num cenário em que a falta do perdão pode gerar adoecimento no âmbito da memória e, segundo nosso entendimento, pode provocar também um adoecimento na esfera do sentido da vida. Para nós, Paul Ricoeur e Viktor Frankl são autores de extrema importância para se pensar o perdão como manifestação da espiritualidade e, como consequência, desfrutarmos de uma vida com mais saúde. Desse modo, consideramos que a nossa pesquisa é relevante para o contexto das Ciências das Religiões, à medida que coloca em destaque a relação entre espiritualidade, saúde e perdão para compreender o ser humano em suas experiências de natureza espiritual. Isso se torna mais evidente quando, especificamente, situamos nosso estudo no contexto da linha de pesquisa espiritualidade e saúde. Vale citar também, para evidenciar a tamanha importância dessa temática no cenário social e nacional, a instituição, através da Lei 13.437/2017, do Dia Nacional do Perdão, o qual é celebrado anualmente no dia 30 de agosto (BRASIL, 2017).

Destacamos que o objetivo geral de nosso estudo foi analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde. Como objetivos específicos propomos apreender o sentido da experiência de perdoar de líderes da espiritualidade cristã³, considerando os aspectos da espiritualidade e da saúde implicados nessas experiências, e analisar as narrativas das experiências de perdoar de líderes da espiritualidade cristã a partir das reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl, considerando as relações entre espiritualidade, saúde e perdão.

Nosso primeiro capítulo, que trata da fundamentação teórica, servindo de base para analisar as narrativas dos sujeitos de nossa pesquisa, foi dividido em três tópicos. O primeiro examina a questão do perdão relacionado à ressignificação da memória em Paul Ricoeur. Analisamos como a experiência de perdoar exige um trabalho no âmbito da memória cujo fim é superar o ressentimento e abrir um horizonte de esperança para uma consequente vida saudável no contexto da espiritualidade. O segundo explora o sentido na vida e perdão em Viktor Frankl. Versamos sobre a possibilidade de compreender o perdão como uma forma de encontrar um novo sentido para a vida na medida em que aquele que perdoa ressignifica seu modo de existir. O terceiro discorre sobre a liderança da espiritualidade cristã, considerando que os sujeitos de nosso estudo foram líderes da espiritualidade cristã.

No segundo capítulo, apresentamos nossas considerações metodológicas. Nele, mostramos que nossa pesquisa é do tipo qualitativa, tomando como referência a perspectiva metodológica da fenomenologia. Desse modo, assumimos a postura de deixar os sujeitos narrarem livremente suas experiências de perdoar. Não nos interessamos em buscar uma generalização por meio da frequência com que os dados foram coletados, armazenados e analisados. Nossa proposta foi investigar o problema do perdão, considerando a manifestação da atitude de perdoar dos participantes da pesquisa enquanto expressão de suas vivências.

No terceiro capítulo, discorreremos acerca das análises, com base na fundamentação teórica, das narrativas dos entrevistados. O foco é o entrelaçamento entre espiritualidade,

³ Em nossa pesquisa optamos por usar a terminologia “líderes da espiritualidade cristã” por entendermos que o foco da nossa investigação será a experiência pessoal desses líderes, no que diz respeito ao tema do perdão. Dessa forma, buscamos estar em sintonia com a opção metodológica escolhida, que é a fenomenologia cujo o propósito é descrever as experiências vividas dos sujeitos estudados, apreendendo o sentido dessas experiências.

saúde e perdão no contexto dos sentidos apresentados pelos sujeitos a partir de suas narrativas. Destacamos, em nossa análise, o chamado vocacional, formação eclesial e liderança cristã, bem como o sofrimento, ressentimento e perdão dos participantes da pesquisa. Nossas análises revelaram o fenômeno do perdão e suas relações com as ressignificações e os sentidos na vida dos entrevistados. Tudo isso, possibilitou compreender a espiritualidade e a saúde implicados na experiência de perdoar.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Reimão (2003), o perdão pode ser considerado como um *éthos*, que significa uma disposição ou um valor fundamental que é desenvolvido por uma pessoa, por um povo, ou por uma cultura que visa a realização de uma atitude benevolente da vítima renunciando à vingança e ao ressentimento. Desse modo, o perdão pode ser considerado uma virtude fundamental nas relações humanas em busca de uma cultura de paz. Particularmente, nosso estudo interessou-se por estudar a temática do perdão no entrelaçamento das questões em torno da espiritualidade e da saúde. Para tanto, percebemos que as reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl constituem referências teóricas importantes para se pensar a problemática do perdão nesse entrelaçamento.

1.1 Perdão e ressignificação da memória em Paul Ricoeur

“O perdão, em virtude de sua própria generosidade, se revela ser o cimento entre o trabalho de memória e o trabalho de luto”.

Paul Ricoeur

Na obra *A memória, a história e o esquecimento*, Ricoeur (2007, p. 465) fala de uma dificuldade de ofertar, receber e, sobretudo, conceituar o perdão. Para discutir sobre o perdão, ele evoca as expressões metafóricas: “profundidade da falta”, constituída pelo ressentimento e “altura do perdão”, formada pela elevada atitude de perdoar. A profundidade da falta diz respeito ao peso da memória cristalizada e aprisionada em lembranças traumáticas. A altura do perdão nos conduz a uma experiência de elevação, que nos projeta para um horizonte de futuro e de esperança.

Ricoeur identifica uma relação de desproporcionalidade entre a profundidade da falta e a altura do perdão, gerando uma tensão que torna o ato de perdoar uma ação de difícil realização. A experiência da profundidade nos deixa petrificado, imobilizado e fracassado sem alcançar a elevada atitude de perdoar. A experiência da altura nos remete a um movimento de elevação denominado, por Ricoeur (2007), de “a grande poesia sapiencial”.

Para perdoar, é necessário experienciar a profundidade da falta, que é o elemento impulsionador de todo o processo do ato de perdoar (RICOEUR, 2007). Somente haverá perdão quando for possível acusar alguém ou a si mesmo de realizar uma ofensa. Declarando a si mesmo ou a alguém como culpado, imputa-se responsabilidade pelos atos ofensivos. Essa declaração realiza uma rememoração do passado estabelecendo uma ligação entre a ação realizada e o seu agente. Nesse sentido, o ato de perdoar exige uma dissociação radical entre a ação e seu agente.

Ricoeur considera que não existe uma reciprocidade direta entre o pedido do perdão e a sua doação. Ao contrário, ele distingue de maneira verticalizada o ato de pedir e doar perdão. Aquele que perdoa não precisa da demanda de perdão do outro e nem do reconhecimento do ato cometido. Perdoar é simplesmente doar perdão. O perdão, segundo Ricoeur (2007), não segue modelo da troca. Isso significa dizer que não há uma obrigatoriedade de ofertar, receber e retribuir o perdão. Na verdade, o perdão ultrapassa um intervalo entre o alto e o baixo, entre o muito alto do espírito e o abismo da culpabilidade.

Em *O perdão pode curar?*, Paul Ricoeur (1996) afirma que não perdoar nos adocece. O autor contribuiu para a nossa compreensão de que a falta de perdão produz um adoecimento da memória. Quando se perdoa, não se está apagando da memória o acontecimento traumático, mas cancelando uma dívida por meio da atitude generosa de ressignificar os fatos do passado que não podem ser alterados. Assim, o perdão é libertador na medida em que ele é a possibilidade de cura do adoecimento da memória. Segundo Ricoeur (1996), o perdão é um sinal de luz para a cura no âmbito da memória, ressignificando a escuridão das feridas traumáticas causadas pelos eventos de sofrimentos passados, que insistem em permanecer vivos na memória.

Pensando sobre a memória num sentido mais amplo, Ricoeur (1996) retoma suas reflexões pondo em questão a crença de que somente o futuro é indeterminado e aberto, enquanto o passado é determinado e fechado. Ricoeur (1996) é enfático em afirmar que os acontecimentos do passado são impossíveis de serem eliminados. Todavia, o sentido a ser encontrado para esses acontecimentos pode ser mudado. Do ponto de vista do sentido, os episódios do passado podem ser abertos a novas significações, possibilitando novas formas de se projetar de maneira criadora no presente e no futuro.

O perdão significa exatamente livrar-se do peso da dívida, possibilitando uma experiência efetiva de libertação tanto daquele que perdoa como daquele que é perdoado. Aquele que perdoa lembra-se dos fatos passados de forma ressignificada, não mais com o peso de uma dívida a ser paga pelo ofensor. Sente-se livre como alguém que liberou uma “carta de alforria” ou para si ou para outrem. Aquele que recebe o perdão tem a possibilidade de acolhê-lo e, dessa forma, libertar-se do peso da dívida.

O que é anulado, na atitude de perdoar, é a dívida que o ofensor tem para com o ofendido e não a memória. Na memória irá ocorrer um trabalho de elaboração e ressignificação com relação ao sentido dado aos fatos traumáticos do passado. A anulação da dívida é a marca de libertação que o perdão proporciona ao que oferta e ao que recebe o perdão. Essa libertação projeta perdoador e perdoado para o futuro, possibilitando um horizonte de esperança.

Temos compreendido, através de nossos estudos, que a relação entre saúde, espiritualidade e perdão exige uma discussão sobre o conceito de memória. Na compreensão de Freud (1987), a memória não é concebida como um depósito de eventos passados que não podem ser alterados. Ele evidencia a memória como sendo instituída pela união entre a representação do passado e o labor psíquico de reconfigurar traços mnêmicos já constituídos. Dessa maneira, a memória é constituída de forma dinâmica. Na *Carta 52*, Freud (1987, p. 254) afirma que o material presente na memória em forma de traços está sujeito a um rearranjo ou a uma retranscrição.

A saúde se manifesta por meio da libertação do peso de uma dívida que o perdão proporciona. O perdão é libertador. Ele é capaz de estabelecer uma cura para a memória que, no lugar de permanecer estagnada, por um trauma vivido, cria um novo sentido para o passado. A memória é dinâmica. Ela corre o risco de cair na cristalização e na estagnação, quando não se perdoa e se produz uma espécie de adoecimento de natureza espiritual. Nesse sentido, é preciso rever o significado atribuído ao *logos* na medida em que a vida não é só explicada por proposições científicas. Ela é, antes de tudo, busca de sentido.

Perdoar não significa apagar da memória os fatos traumáticos que geraram sofrimento, mas ressignificar o passado abrindo a possibilidade de um novo sentido na existência daquele que perdoa. Na nossa compreensão, Paul Ricoeur e Viktor Frankl são autores de extrema importância para se pensar o perdão como manifestação da

espiritualidade, tendo como consequência uma vida mais saudável. Na nossa concepção, manter-se no ressentimento significa abrir caminhos para o adoecimento. Tomar a atitude de perdoar, ao contrário, significa instaurar veredas para a saúde. Nesse sentido, o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde.

A seguir discutiremos sobre a relação entre o sentido na vida e o fenômeno do perdão, segundo as ricas contribuições de Viktor Frankl. Desse modo, contaremos com as construções teóricas desse pensador, fundador da logoterapia. Nossas reflexões destacam não somente os aspectos de seu pensamento, mas também o seu profundo sofrimento e sua liberdade para se posicionar frente à dor vivida.

1.2 Sentido na vida e perdão em Viktor Frankl

“Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida”

Viktor Frankl

Viktor Frankl propõe uma definição bastante peculiar para *logos*. Tradicionalmente, traduz-se *logos* por conhecimento ou estudo. Ele, por outro lado, traduz o referido termo como “sentido”. Isso é inovador, pois quando se fala de *logos* estamos considerando a busca humana de encontrar sentido para a vida e não buscar explicá-la. É nessa perspectiva que ele cria a logoterapia para propor um trabalho terapêutico que consiste numa análise existencial de se buscar o sentido da vida, dando ênfase nas possibilidades existenciais de se realizar esse sentido (FRANKL, 2002).

Para Frankl (2005), a logoterapia, como análise existencial, reconhece no ser humano a “dimensão noológica”, que significa admitir uma dimensão espiritual para além do psicofísico. Essa dimensão é compreendida não somente como religiosa, mas valorativa, intelectual e artística. Dessa forma, a logoterapia é uma psicologia que introduz a noção de transcendência na ciência sem, entretanto, perder de vista o rigor científico. Nessa compreensão, o ser humano é percebido para além da imanência, rumo à transcendência. A logoterapia vem nos trazer uma mensagem transformadora do ser humano, ao libertá-lo dos determinismos, tantos psicológicos como sociais.

Viktor Frankl é um exemplo paradigmático do que significa viver situações traumáticas intensas, na medida em que ele viveu em campos de concentração, durante a perseguição nazista aos judeus na segunda guerra mundial. Nos campos de concentração, Frankl (2002) consegue vislumbrar a possibilidade de transcender todo o sofrimento vivido como prisioneiro, buscando sentido para a sua vida. O ser humano é o único ser que se preocupa com a questão do sentido da vida. Ele pode encontrar sentido a sua existência, considerando que ele carrega consigo uma “vontade de sentido” (FRANKL, 2005), um anelo direcionado a uma vida significativa. Por um lado, o ser humano procura sentidos na vida, por outro há um sentido a ser desvelado em cada situação.

Num lugar marcado pelo sofrimento, agonia, miséria e morte, Frankl (2005) supera tudo isso, transcendendo a essa situação vivenciada e lançando-se para além dela. Pela busca de sentido, o ser humano se abre para a transcendência. Com base em nosso entendimento, a partir de Frankl (2005), existe uma estreita relação entre a orientação interna de cada pessoa em busca de um sentido na vida e sua condição de saúde. Pensando na relação entre saúde e perdão, podemos compreender que, no lugar de ficar prisioneiro do ressentimento por falta de perdão, é possível romper as barreiras de um vazio de sentido para vida, instituindo o ato de perdoar. Assim, ao invés de se prender a um vazio existencial, busca-se, por meio do perdão, uma abertura no sentido de expandir ou alargar o sentido da existência.

O tema do vazio existencial em Frankl (2005) pode ser considerado por meio de elaborações, inspiradas em Heidegger, que foi produzida a partir das reflexões sobre a temporalidade e a mortalidade. Ele toma como ponto de partida, o caráter de transitoriedade da vida, definindo que o futuro ainda não existe e o passado já não existe mais. Logo, somente o presente realmente existe. Nessa perspectiva, o ser humano é aquele que caminha para o nada. Ele está constantemente ameaçado pela inexistência. Frankl (2005) se pergunta se diante da transitoriedade da existência humana é possível encontrar sentido na vida. A filosofia existencial, segundo Frankl (2005), afirma que é possível encontrar um sentido na vida por meio do heroísmo trágico que afirma sim para a vida apesar de sua transitoriedade. Nesses termos, a ênfase é dada ao tempo presente.

Além das reflexões existencialista, inspiradas em Heidegger, destacamos também a posição quietista, ligada à tradição de Platão e Santo Agostinho, compreendendo que apenas a eternidade é a verdadeira realidade. A eternidade abrange o presente, o passado e o futuro, concebendo essas três dimensões como uma ilusão de nossa consciência, na

medida em que tudo existe simultaneamente. Frankl (2005) compreende a posição existencialista como pessimista e a quietista como fatalista. Na primeira posição não há lugar para a perenidade e, na segunda, não há espaço para a mudança.

Diante desse dilema, a logoterapia criada por Frankl (2005), ocupa a posição média entre o quietismo e o existencialismo. Aqui ele recorre a metáfora da ampulheta, o antigo símbolo do tempo. A parte superior da ampulheta representa o futuro, o que está por vir, e a parte inferior refere-se ao passado, o que já passou. Entre as partes superior e inferior existe uma cânula que faz ligação entre essas partes, representando o presente.

O presente nos lança para o caminho de se buscar alcançar elaborações de sentidos na vida. Na visão de Frankl (2002), esse caminho é construído com base em três valores fundamentais, denominados de valores vivenciais, criativos e atitudinais. Os Valores vivenciais ou experienciais são aqueles que nos colocam em relação com outro. Podemos citar a situação em que Frankl, segundo relatos de Aquino (2011), estava vivendo um dilema existencial. Estava imerso num cenário em que precisava tomar a decisão se iria ou não para os Estados Unidos seguir sua brilhante carreira. Essa decisão implicaria deixar seus pais que já eram idosos para trás. Estamos aqui num contexto de natureza relacional, que exige um compromisso com o outro. Os valores criativos definem nossa capacidade humana de olhar uma situação e pensar diferentes maneiras de encontrar soluções.

Diante do dilema existencial vivido por Frankl, ele foi chamado a fazer um movimento interno de planejar uma alternativa de resposta. Nesse momento, ele se afastou do tumulto para refletir sobre o seu dilema que estava vivendo. Ele foi levado a discernir qual decisão deveria tomar: o amor a seus pais versus seguir sua brilhante carreira nos Estados Unidos, acompanhado de sua esposa. Até que, voltando para casa de seus pais, ele se deparou com a pedra de mármore que seu pai havia pego dos entulhos de uma Sinagoga de Viena. Na pedra estava escrito um dos mandamentos das leis mosaicas da Torá. Nesses escritos estava o mandamento que dizia: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que *Iahweh* teu Deus te dá” (Bíblia, Ex. 20:12). Diante desse fato, Frankl fica impactado e percebe que a resposta que ele estava buscando estava em congruência com valores judaicos recebidos por ele desde criança. Finalmente, os valores atitudinais definem as realizações do que é preciso fazer. Chegou à hora que Frankl precisou se posicionar frente ao dilema existencial que estava vivenciando. É,

nesse momento, que os valores atitudinais são ressaltados. Sua decisão foi ficar com seus pais e cuidar deles.

O existencialismo percebe apenas a passagem estreita do presente, sem considerar à parte superior e à inferior, o futuro e o passado. Em contrapartida, o quietismo vê a ampulheta em sua totalidade, mas considera a areia como uma massa paralisada que não “escorre”, mas simplesmente “é”. Como todas as comparações, Frankl (2005) vai dizer que também essa é falha. Segundo ele, é precisamente por suas falhas que a essência do tempo pode ser demonstrada.

O caminho da logoterapia de Viktor Frankl, que cria um canal de comunicação para se pensar o sentido na vida, representa, para nós, uma perspectiva de compreender o perdão como forma de encontrar um novo sentido para vida. Quando ele utiliza o método socrático, fazendo perguntas aos seus pacientes com o propósito de possibilitá-los construir novas elaborações para suas vidas, percebemos que seus pacientes visitam o passado fazendo conexões com o presente e abrindo novas perspectivas para o futuro. Na nossa compreensão, Frankl (2005) possibilita a criação terapêutica por meio da virada da ampulheta, trazendo movimento e espaços de mudanças, que corresponde a perspectiva existencialista, e suscitando um lugar para a perenidade, contemplada pela perspectiva quietista.

O perdão pode ser uma iniciativa atitudinal de realizar algo significativo na vida do sujeito. Quem perdoa não tem poderes de mudar os acontecimentos do passado que lhe fez sofrer, entretanto, pode se posicionar frente ao seu passado. Perdoar é uma atitude na medida em que a pessoa, não podendo modificar uma situação, pode mudar a si mesmo. Em outras palavras, perdoar é uma oportunidade de criar a experiência de assumir o “sofrimento sofrido com coragem”, expressão usada por Frankl (2005) para manifestar o poder de afirmar que o que passou, passou, mas também o que é passado continua presente, porém com o um novo sentido.

Frankl (2020), em seu discurso proferido a pedido da Sociedade de Médicos de Viena, em 25 de março de 1949, em memória dos membros que morreram entre os anos de 1938 e 1945, fez uma menção especial aos médicos Paul Furst e Ernest Rosenberg para destacar as atitudes de perdão à caminho da morte. Eles não pronunciaram palavras de ódio, mas apenas de saudade e de perdão saíram de seus lábios. Segundo eles, não eram os seres humanos, mas o sistema que levou alguns homens à culpa e outros à morte.

Nessa perspectiva, os médicos assumiram seus sofrimentos com coragem e escolheram o caminho do perdão.

As atitudes de Paul Furst e Ernest Rosenberg podem ser relacionadas à visão de Frankl (2002) sobre a tese do “otimismo trágico”. Estando eles a caminho da morte, expressão trágica de suas condições existenciais, escolhem se manter otimistas em relação à vida. É impressionante observar as afirmações de sim à vida apesar de estarem a caminho da morte, no contexto de um campo de concentração. Na nossa compreensão, eles conseguem conservar o sentido potencial da vida num cenário trágico. Seguindo os passos de Frankl (2002), é possível encontrar um sentido na vida, mesmo em condições “miseráveis”. Descobrimos nesse exemplo, a capacidade humana de transformar criativamente os aspectos negativos da vida em algo construtivo.

O otimismo, nesse cenário, não é fruto de uma ordem e nem de uma ação forçada. Tomamos o exemplo dos dois médicos que expressaram esse otimismo, num horizonte em que, apesar de estarem imersos num destino que não podiam mudar, eles escolheram o caminho de encontrar sentido no sofrimento. Identificamos aqui, a presença do otimismo trágico que diz sim à vida, mesmo estando diante da “tríade trágica”, constituída segundo Frankl (2002), por dor, culpa e morte. Para transformar a “tríade trágica” em “otimismo trágico” é preciso, segundo Frankl (2002), ter uma razão ou um sentido para viver. A “tríade trágica” não pode ser evitada, tendo em vista que ela é constitutivo da vida humana, mas é possível transcendê-la por meio do “otimismo trágico”.

Pensando o perdão em torno do sentido na vida associado ao “otimismo trágico”, podemos afirmar que aquele que sofre uma ofensa não pode se livrar dessa condição. Todavia, ele pode manifestar sua liberdade para perdoar, por meio do “otimismo trágico”. Desse modo, o perdão se constitui num ato de liberdade da vontade. Quando se perdoa, identificamos não somente o ato de perdoar, mas um sentido para se conceder o perdão. Logo, ato e sentido se entrelaçam na prática do perdão.

Mesmo em meio às circunstâncias de grandes aflições, o indivíduo tem a possibilidade de construir novo sentido para sua vida por meio do perdão. Diante de um sofrimento muito intenso, provocado pela ação do outro, a pessoa é desafiada a enfrentar o limite do chamado “insuportável”. Frankl (2020) nos faz lembrar que temos a liberdade de podermos nos posicionar de forma elevada, transformando o ressentimento em perdão.

A libertação, fruto do perdão, lança perdoador e perdoado para um horizonte de futuro cuja marca fundamental é a esperança. Evocamos aqui, o sentido original do perdão a partir da palavra grega *aphesis*, que significa jogar fora; mandar embora; libertar ou liberar.

Na nossa compreensão, a atitude de perdoar é uma experiência que nos transcende para além de nós mesmos, mas sempre a partir de nós. Isso quer dizer que aquele que perdoa vai estabelecendo uma atitude de autotranscendência, que significa, segundo Frankl (2002), dirigir-se para algo ou alguém diferente de si mesmo. Para Frankl (2002), a realidade humana não é concebida como sendo uma realidade fechada em si mesma, ao contrário, essa realidade é apontada sempre para algo ou alguém para lá de si mesma.

Perdoar exige um trabalho educativo que consiste na formação da sensibilidade de valores morais e religiosos que podem orientar o ser humano para atitude de perdoar. O perdão tem por objetivo alcançar a pessoa e não a ação que causou o sofrimento. Nesse sentido, é possível ensinar que o perdão se dirige ao ofensor, pois a ação que causou sofrimento no outro não perde seu estatuto de má ação, mesmo depois do perdão.

O perdão tem um importante valor, sobretudo, a gratuidade de se perdoar. Superar o ressentimento pela atitude de perdoar pode ser visto como a indicação de uma busca pelo bem estar como consequência da experiência de perdoar. Perdoar necessita de um trabalho na dimensão da memória e da autotranscendência, que se integram por meio do sentido na vida. Dessa maneira, seguindo os passos de Viktor Frankl, é possível redefinir o significado atribuído ao *logos* na medida em que a vida não é apenas explicada por proposições científicas, mas pelo sentido que buscamos nela. Do mesmo modo, a saúde não se reduz a um conjunto de esclarecimentos científicos, mas por meio de interpretações em torno do sentido da vida.

Após a realização de reflexões em torno do perdão e ressignificação da memória em Paul Ricoeur e o perdão e sentido na vida em Viktor Frankl, reconhecemos a necessidade de discorrer sobre a liderança da espiritualidade cristã. Tal decisão se justifica pelo fato de selecionarmos como sujeitos da nossa pesquisa líderes da espiritualidade cristã.

1.3 Liderança da espiritualidade cristã

“Sede meus imitadores, assim como eu sou de Cristo”

I Coríntios 11:1

Segundo Zilles (2004), dentro do cristianismo existem diferentes perspectivas de ser cristão. Nesse sentido, torna-se difícil identificar uma única forma de se reconhecer um líder da espiritualidade cristã. Todavia, podemos afirmar que todo líder cristão é aquele que toma Cristo como referência de liderança, mesmo que não seja uniformizada essa referência.

Segundo Santos e Ribeiro (2018), as lideranças cristãs da Igreja Primitiva imitavam a Cristo no martírio. Eles decidiam seguir a Cristo sem jamais abandonarem sua fé. Isso, muitas vezes, era motivo de perder a própria vida. Tudo isso acontecia no contexto histórico das grandes perseguições aos cristãos.

Para Santos e Ribeiro (2018), com o fim das grandes perseguições aos cristãos, surge um novo ideal de líder: ser ascético e manter-se virgem. Muitos líderes, com base nessa nova perspectiva, adotaram hábitos de flagelar o corpo e a Igreja Católica acaba introduzindo a prática do celibato. Desse modo, não se consegue intimidade com Cristo senão for capaz de se livrar das paixões desse mundo. Muitos líderes tomaram o caminho de experiências de unir-se a Deus por meio de uma contemplação mística. Alguns deles tomaram o caminho de torna-se monges, buscando um aperfeiçoamento da fé por meio de oração e trabalho em locais reclusos.

Mesmo com essas diferentes cosmovisões e diferenças históricas, o foco da vida do líder cristão é imitar a Cristo, buscando um modo de viver em que a espiritualidade consistia em viver intensamente o seu encontro com Cristo. Assim, o crescimento espiritual se alcança por meio de ações que possam balizar uma vida segundo Cristo. E como considerar ser um líder cristão no mundo contemporâneo? Quais os conflitos entre ser líder cristão do ponto de vista missional e institucional?

Inspirados em Silva (2020), identificamos a necessidade de não somente considerar a questão da liderança cristã como um problema conceitual, mas, em especial o ser líder cristão. Na compreensão do autor, evocar a questão do ser líder cristão significa

evidenciar uma reflexão sobre o sentido de ser líder, exigindo uma fenomenologia da experiência de tornar-se líder na perspectiva cristã. Nesse sentido, a leitura de Silva (2020), nos aponta um caminho existencial e identitário no que diz respeito a liderança cristã.

Com base nas considerações de Silva (2020), é possível identificar duas perspectivas de liderança cristã: “liderança institucional” e “liderança missional”. A primeira diz respeito a assumir a postura de liderar em sintonia com as exigências institucionais da igreja em que atua como sacerdote. O que prevalece é o respeito as obrigações normativas da comunidade religiosa em que está servindo. A segunda significa adotar a primazia da conduta de seguir as orientações de como ser líder cristão à luz do evangelho. O foco são os ensinamentos bíblicos e não as normatividades institucionais. No nosso entendimento, é possível identificar uma tensão entre essas duas perspectivas de liderança cristã.

Não desejamos enquadrar os entrevistados, a partir de suas narrativas, na perspectiva de “liderança institucional” e “liderança missional”. Apenas destacamos que, para nós, é possível verificar o quão desafiador é ser líder cristão em tempos contemporâneos. É bastante complexo respeitar os elementos identitários da liderança cristã tal como os prescritos nos evangelhos e as demandas institucionais das igrejas em que estão inseridos como sacerdotes.

Seguindo os passos de Vedoato (2013), podemos dizer que o líder cristão é um discípulo, mas também um missionário. Segundo ele, o discípulo é aquele que toma a Cristo como mestre e o segue. Esse discípulo, normalmente, recebe uma formação institucional, é ordenado e autorizado a ser um líder cristão da comunidade cristã da qual faz parte. Podemos dizer que nasce dois caminhos a seguir: a comunhão com Cristo, enquanto mestre a ser seguido, e as exigências institucionais de uma determinada igreja local. Para Vedoato (2013), o discípulo se torna um missionário, quando ele é enviado para cumprir uma missão. Aqui aparece o coração do problema de ser um líder cristão: seguir as ordens da missão de disseminar a fé cristã e, ao mesmo tempo, seguir as ordens institucionais, normatizadas pela base missionária. Tal missão pode criar uma dinâmica de sintonia entre essas duas ordens, mas pode gerar choques entre elas.

Acreditamos ser possível encontrar um caminho para evitar o conflito entre a visão missional e as exigências institucionais, tomando como referência, do ponto de vista da espiritualidade cristã, as orientações bíblicas de como ser um líder cristão. Seguindo os

passos de Costa e Oliveira (2020), as características do líder cristão devem ser norteadas por meio das orientações bíblicas do apostolado de Paulo. Tais orientações são analisadas à luz do texto bíblico I Tm. 3:1-7 e agrupadas em três partes, a saber: relacionamento familiar, autodisciplina e relacionamento com a sociedade.

Costa e Oliveira (2020) defendem que as orientações aos líderes cristãos, estabelecidas pela Bíblia, são princípios universais que devem reger a vida de toda liderança. Portanto, essas diretrizes devem ser norteadoras para todas as épocas e culturas, atravessando o tempo e as civilizações. Ser fiel ao seu chamado é uma premissa que jamais poderá ser negligenciada na vida de um líder da espiritualidade cristã. No entendimento de Costa e Oliveira (2020), no processo de desenvolvimento da espiritualidade cristã pode haver mudanças, muitas vezes necessárias, mas os princípios não mudam.

Ao falar sobre o caráter do apóstolo Paulo, Costa e Oliveira (2020) vai mencionar que ele foi um dos principais líderes da Igreja Cristã do primeiro século, sendo uma grande referência de integridade. Construir um caráter à semelhança de Cristo era a premissa principal para sua vida, bem como sua principal recomendação para os líderes de toda a Igreja de Cristo. Foi conhecido também pela sua coragem de enfrentar os desafios da liderança. Ele foi o mentor de outros líderes, dentre os quais destacam-se os jovens Tiago e Tito.

Considerando a relação entre o líder cristão e sua família, Costa e Oliveira (2020) ressaltam algumas orientações que foram estabelecidas pelo apóstolo Paulo. O apóstolo destaca que o líder cristão deve tomar o cuidado com a família como prioridade. Esse cuidado deve anteceder, até mesmo, suas obrigações com a igreja, com a preparação dos sermões, visitação e treinamento. Continua salientando que o cuidado com a família deve iniciar no cuidado com sua esposa, ressaltando a dimensão da fidelidade. O líder cristão deve ser bem-sucedido na organização e liderança de sua casa para servir de exemplo para toda igreja.

Costa e Oliveira (2020), ao falar do líder cristão e a autodisciplina ressaltam que o apóstolo Paulo orienta como o líder deve se comportar no que diz respeito ao seu cuidado pessoal. Nesse momento, o que está em destaque é o exemplo de cuidado que o líder cristão deve ter com sua saúde, forma de vestir e controle mental. Tudo isto,

contribui para o preparo das atividades que o líder cristão desempenha em seu cotidiano e o impacto de sua influência.

Como último grupo de orientação, o líder cristão e o relacionamento com a sociedade, Costa e Oliveira (2020) evidenciaram que as atitudes dos líderes devem ser as mesmas tanto para os convertidos como para os não convertidos, dando o bom testemunho. Essas atitudes exigem que o líder possua domínio próprio e equilíbrio emocional. O apóstolo Paulo salientou que um líder cristão não deveria ser um recém-convertido, pois a maturidade espiritual estava ainda sendo desenvolvida. Ressaltou ainda que, o líder cristão deve tomar decisões de maneira serena sem se deixar levar por impulsos desmedido. Além disso, deve possuir também um espírito pacificador.

Costa e Oliveira (2020) chegaram a conclusão de que em todas as esferas na vida do líder, seja familiar, pessoal e social, existem referências bíblicas para nortear a prática da liderança cristã. O texto de 1Timóteo 3:1-7 é um manual claro e objetivo do que Deus espera de seus líderes. Ter essas orientações como alvo e prática de vida deve ser a meta primordial na formação de um líder cristão por excelência. Tudo isso exige dele muita responsabilidade e compromisso.

Levando-se em conta as considerações supracitadas, é possível perceber o lugar de relevância que os líderes da espiritualidade cristã ocupam na formação espiritual de seus liderados. Mas, destacamos ainda, que eles exercem também influência a todas as pessoas que os procuram para receber orientações do ponto de vista ético e educativo. Nesse sentido, os líderes da espiritualidade cristã tornaram-se pessoas de fundamental importância para a realização do objetivo deste estudo, isto é, de analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa pesquisa é do tipo qualitativa que toma como referência a perspectiva metodológica da fenomenologia. Nesse sentido, adotamos a atitude fenomenológica de colocar em suspenso todos os nossos juízos acerca das relações entre espiritualidade, saúde e perdão. “A Fenomenologia tem por meta *ir-à-coisa-mesma* tal como ela se manifesta, prescindindo de pressupostos teóricos e de método de investigação que, por si, conduza à verdade” (BICUDO, 2000, p.71).

É bem verdade que recorreremos às reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl como fundamentação teórica para o nosso estudo. Isso significa que temos uma base interpretativa para analisar as narrativas de nossos entrevistados. Todavia, a fundamentação teórica, adotada por nós, não assume o lugar de pressupostos que possam impedir a livre expressão das experiências de perdoar dos sujeitos da pesquisa.

Assumimos a postura de deixar os sujeitos narrarem livremente acerca das questões propostas a eles. Nosso interesse, no primeiro momento, foi ouvir as falas dos sujeitos acerca de suas vivências do fenômeno de perdoar. Nossa preocupação não foi alcançar uma generalização por meio da frequência com que determinados dados foram relatados. Nossa proposta foi investigar o problema do perdão, considerando as experiências de perdoar dos participantes da pesquisa.

Do ponto de vista fenomenológico, toda realidade é fenomênica. Nesse sentido, o perdão é uma experiência vivida que pode ser descrita pelo sujeito que o experienciou. O perdão em nossa pesquisa não ganha o lugar de algo a ser explicado objetivamente, mas é acolhido como experiência subjetiva a ser descrita e interpretada.

Inicialmente, foi previsto realizar as entrevistas de modo presencial, num local onde os participantes da pesquisa pudessem se sentir seguros para falar livremente. Todavia, em função da Pandemia do Covid-19, iniciada em março de 2020, fomos levados a rever os procedimentos de realização das entrevistas, considerando a necessidade de se respeitar o isolamento social e as exigências das normas de bio segurança. Desse modo, as entrevistas ocorreram de maneira on-line, com exceção de uma delas que, ocasionalmente, ainda reunia condições de fazê-la de maneira presencial. Apesar de ter ocorrido de modo on-line, foi assegurado aos entrevistados, um ambiente capaz de favorecer um lugar de fala tranquilo e seguro com privacidade.

Os 06 (seis) participantes da pesquisa foram líderes da espiritualidade cristã, contemplando 03 (três) padres e 03 (três) pastores de igrejas da cidade de João Pessoa. A amplitude de idade variou de 39 anos a 78 anos e a média de idade foi de 54 anos. Justificamos a opção de entrevistá-los por entender que eles ocupam um lugar estratégico na formação espiritual, por meio da cosmovisão cristã, não somente de seus congregados, mas de todas as pessoas que os procuram para receber orientações do ponto de vista doutrinário, ético e educativo. Mesmo sabendo que a temática do perdão atrai interesse de diversas religiões, reconhecemos que no cristianismo essa temática ocupa um lugar de grande relevância.

A escolha de lideranças católicas e evangélicas se justifica ainda, por entendermos que essas duas matrizes da espiritualidade representam a maioria das comunidades cristãs de João Pessoa. Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, decidimos atribuir nomes fictícios para cada um deles. Tomamos como referência alguns dos nomes dos discípulos de Jesus mencionados na Bíblia.

Com o intuito de obter informações sociodemográficas dos sujeitos da pesquisa, tais como: idade, naturalidade, escolaridade, profissão, formação teológica e outras formações, bem como o tempo de atuação no sacerdócio, aplicamos um questionário para caracterizá-los. Realizamos também entrevistas semiestruturadas com base num roteiro construído, previamente pela pesquisadora, contendo questões que mobilizaram os sujeitos narrarem suas experiências de perdoar. O foco dessas questões foram a descrição das experiências de perdoar, entrelaçadas com a espiritualidade e a saúde.

Os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa, a garantia do sigilo das informações fornecidas, o compromisso de assegurar o anonimato, bem como o direito de suspender a participação na pesquisa a qualquer momento. Também foram avisados que as entrevistas seriam gravadas a fim de proporcionar os registros das falas para posterior transcrição e análise.

Após a realização das entrevistas, uma delas registradas no gravador e as demais por meio da plataforma do *google meet*, todas as falas foram transcritas na íntegra. A análise das narrativas transcritas foi realizada a partir da fenomenologia hermenêutica, inspirada na proposta metodológica de Martins e Bicudo (1989), que consiste na compreensão de que o pesquisador tem a tarefa de desvelar o fenômeno interrogado através de descrição das vivências dos sujeitos. A partir dessa descrição, construímos uma

rede de significados e sentidos que revelaram a compreensão dos entrevistados sobre o que vem a ser perdoar e sua relação com a espiritualidade e a saúde.

Nesse sentido, analisamos as descrições das vivências do sujeito seguindo os seguintes passos: a) Transcrição das falas acerca das experiências de perdoar dos sujeitos entrevistados; b) Organização das falas por meio de unidade de sentido de cada sujeito que se coloca em evidência por meio de palavras que expressam o sentido pessoal de perdoar; c) Construção de uma rede de sentido que foi tecida ligando as unidades de sentido de cada sujeito com as construções conceituais de Paul Ricoeur e Viktor Frankl. Esses passos orientaram as elaborações em torno dos resultados e discussões da nossa pesquisa, que foram organizados num capítulo intitulado: A Experiência de Perdoar: entrelaçamentos entre espiritualidade, saúde e perdão.

Com o intuito de identificar a estrutura lexical do discurso dos entrevistados, utilizou-se *A análise de similitude* que possibilitou localizar as ocorrências entre as palavras por meio do *Software IRaMuTeQ* (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) 0.7 alpha 2, desenvolvido por Pierre Ratinaud (CAMARGO; JUSTO, 2013).

O IRaMuTeQ é um *Software* utilizado como ferramenta de apoio para processar informações. Ele é usado em pesquisas qualitativas para realizar análises textuais elaboradas a partir de entrevistas. As narrativas verbais que foram transcritas se transformam em textos que constituem um *corpus* a ser analisado. Destacamos que esse *Software* é gratuito, facilitando, dessa forma, o acesso dos pesquisadores. Particularmente em nossa pesquisa, utilizamos o cálculo de frequência e a análise de similitude de palavras.

Para transcrever as falas dos sujeitos entrevistados, escutamos os registros de maneira atenta e cuidadosa e registramos tudo o que foi narrado. Para organizar as falas por meio de unidade de sentido de cada sujeito, realizamos várias leituras das narrativas e selecionamos trechos das falas que expressavam o modo como cada um compreendia a experiência de perdoar. Destacamos que essas unidades de sentido foram construídas ora extraíndo falas colocadas entre aspas e ora apresentando nossa apreensão comentada dessas falas. Para construir nossa rede de sentido, articulamos as unidades de sentido de cada sujeito, constituídos por extratos de falas e comentários elaborados com a base teórica adotada a partir das reflexões de Paul Ricoeur e de Viktor Frankl.

No tocante ao posicionamento ético dos pesquisadores, nosso projeto de pesquisa foi submetido e aprovado, sob o número do CAAE 38627620.7.0000.5188, junto ao Comitê de Ética em Pesquisas do Centro de Ciências da Saúde (CCS) pertencente à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atendendo as normas da Resolução 466/13 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes foram informados previamente sobre os objetivos da pesquisa e após a autorização deles, assinando o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas foram realizadas.

Ao referirmos a critérios de inclusão e exclusão de nosso estudo, consideramos como critério de inclusão a categoria de padres e pastores pertencentes as instituições escolhidas como cenário da pesquisa. Já para identificar o processo de exclusão do estudo, consideramos excluídos os padres e os pastores que se recusassem a assinar o TCLE. Ressaltamos que, nenhum dos sujeitos selecionados se recusaram a assinar o referido termo. Dessa maneira, todos eles participaram das entrevistas. Considerando que as entrevistas foram realizadas no período de Pandemia da Covid-19, os participantes da pesquisa assinaram o TCLE, fizeram o scanner do documento e nos enviaram.

Ademais, como toda pesquisa, a nossa previu alguns riscos. Mas, igualmente, também pressupôs alguns benefícios. Como riscos, nos preparamos para possíveis momentos de expressão de emoções por parte de alguns dos entrevistados. Desse modo, destacamos que um deles, em particular, se emocionou no momento de falar de um episódio do passado que o fez lembrar uma situação traumática vivenciada por ele. Na ocasião, fizemos um silêncio acolhedor de seu sofrimento e aguardamos com paciência o momento dele se sentir confortável até a retomada da entrevista.

Um dos grandes benefícios que nossa pesquisa permitiu foi a possibilidade de os sujeitos usarem o momento das entrevistas para produzirem novas elaborações em torno do perdão. Essas elaborações permitiram a construção de cenários narrativos, que mobilizaram os entrevistados a falar livremente sobre suas experiências de perdoar. Essa liberdade proporcionou a realização de recordações e, ao mesmo tempo, produções criativas sobre o sentido de perdoar.

Encontramos, no final da pesquisa, a descrição de várias experiências de perdão narradas pelos sujeitos da pesquisa, que nos revelaram o quanto o perdão pode ser visto como uma vivência de ressignificação e busca de sentido na vida. Tal revelação estabeleceu um encontro entre a descrição fenomenológica dos entrevistados com a fundamentação teórica elegida.

3. A EXPERIÊNCIA DE PERDOAR: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO

Nessa parte do trabalho, desenvolvemos uma análise das narrativas apresentadas pelos entrevistados à luz da fundamentação teórica já exposto. A nossa intenção foi descrever e analisar a experiência de perdoar dos entrevistados, buscando estabelecer entrelaçamentos entre espiritualidade, saúde e perdão. Para operacionalizar nossa intenção, realizamos inicialmente uma descrição dos participantes da pesquisa com o propósito de apresentar seus dados sociodemográficos, visando caracterizá-los para identificar seus lugares de fala. No nosso entendimento, essa caracterização foi fundamental para construir articulações entre os enunciadores, os enunciados e suas elaborações enunciativas em torno de suas experiências de perdoar.

Com o propósito de apresentar outras informações sobre os nossos entrevistados no tocante ao seu chamado vocacional, formação eclesial e liderança cristã, decidimos explorar as narrativas dos entrevistados no sentido de evidenciar suas perspectivas espirituais no contexto da experiência de perdoar.

Após traçar um perfil das lideranças cristãs entrevistadas, apresentamos algumas vinhetas concernentes aos seus sofrimentos, ressentimentos e perdão. Tais vinhetas com a identificação de cada entrevistado, por meio de seu nome fictício, representa as unidades de sentido particular dos sujeitos da pesquisa. Somente em seguida, discutimos as experiências de perdoar dos sujeitos da pesquisa no contexto da resignificação e sentido na vida. Finalmente, realizamos uma análise das descrições das experiências de perdoar, relatadas pelos entrevistados, articulando os conceitos de espiritualidade, saúde e perdão.

3.1 Descrição dos participantes da pesquisa

Dos seis participantes da pesquisa, três foram padres e três foram pastores de igrejas da cidade de João Pessoa. A amplitude de idade variou de 39 anos a 78 anos e a média de idade foi 54 anos. Justificamos a opção de entrevistá-los por entender que eles ocupam um lugar estratégico na formação espiritual, por meio da cosmovisão cristã, não somente de seus congregados, mas de todas as pessoas que os procuram para receber orientações do ponto de vista doutrinário, ético e educativo.

Com relação a naturalidade, todos os entrevistados são nordestinos, sendo dois oriundos da capital paraibana e todos os demais são de cidades do interior da Paraíba, Ceará e Bahia. Observamos a presença de uma migração de grande parte deles de cidades do interior para as cidades maiores.

Todos os entrevistados possuem curso superior. Eles, além da teologia, fizeram outros cursos acadêmicos que, em sua grande maioria, foram nas áreas de humanas. Destacamos, entretanto, que apenas um deles, fez seus estudos também na área tecnológica. Observamos que eles agregaram a suas formações teológicas, outras formações que enriqueceram suas experiências de atividades sacerdotais. Com relação as formações teológicas dos sujeitos da pesquisa, os padres concluíram suas formações seguindo os passos diocesanos estabelecidos pela igreja católica. Já os três pastores, fizeram suas formações em teologia nos Seminários ligadas às denominações evangélicas.

No que se refere ao tempo de atuação sacerdotal destes líderes cristãos, quatro deles atuam nessa atividade eclesial num período compreendido entre 11 e 19 anos. Dois deles, atuam entre 42 e 50 anos.

No que concerne a exclusividade ou não de suas atividades sacerdotais dos entrevistados, quatro deles atuam com dedicação exclusiva ao sacerdócio e dois, além dessa atividade, desempenham a função de Funcionário Público. Destacamos que esses dois últimos, apontam que suas atividades profissionais não são, de forma alguma, impedimentos para suas funções de lideranças espirituais cristãs.

3.2 Chamado vocacional, formação eclesial e liderança cristã

Com o propósito de apresentar outras informações sobre os nossos entrevistados no tocante ao seu chamado vocacional, formação eclesial e liderança cristã, decidimos explorar as narrativas dos entrevistados no sentido de evidenciar suas perspectivas espirituais no contexto da experiência de perdoar. Antes de evidenciarmos tais perspectivas, iremos mostrar, por meio da nuvem de palavras e da árvore de similitude, seguimentos de textos reveladores das palavras mais recorrentes e das palavras que mais se assemelham, usadas pelos líderes cristãos em suas narrativas.

Ademais, uma análise de similitude identificou as conectividades entre os itens lexicais centrais (Figura 2).

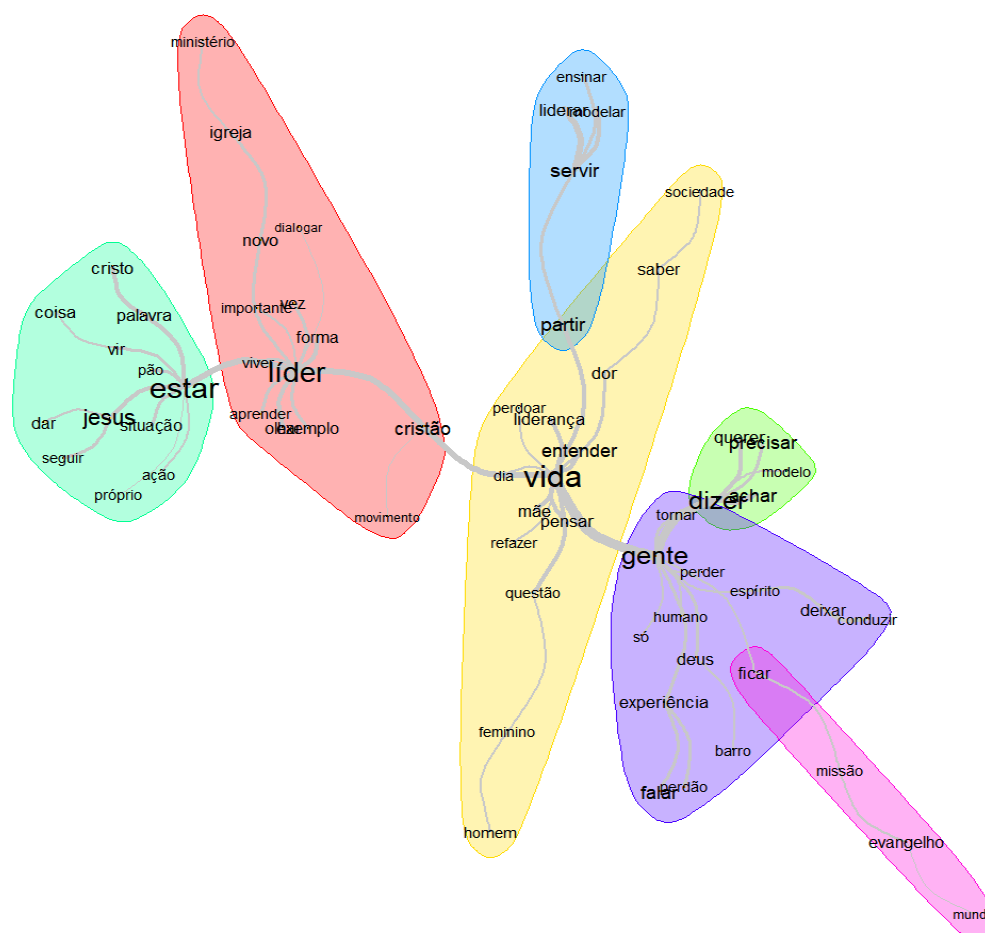


Figura 2. Árvore de similitude das narrativas de vida dos líderes cristãos

Seguimentos de textos contendo a palavra “Vida”:

“Então aqui a gente percebe que se deixarmos conduzir pelo espírito santo significa então experimentar a **vida** no seu drama mais profundo e com Jesus não foi diferente não foi diferente com os santos e santas e não é diferente com nenhuma pessoa” (Pedro)

“Algumas vezes posso dizer que pude aprender com os erros e é importante o líder católico cristão, um sacerdote, ele precisa também entender que ele também é passível de erros e os erros são importantes ao longo da **vida**” (André)

“Para que cada pessoa saiba que ela tem uma função social de produzir algo na sociedade principalmente na **vida** de outras pessoas para amenizar a dor do outro para levar sementes de esperança de esperança no coração dos outros para plantar uma visão de futuro de forma esperançosa” (Mateus)

“E ao mesmo tempo a decisão de seguir uma **vida** em que o ministério pastoral para mim não precisou ser a dedicação exclusiva eu tinha que ensinar as pessoas servir servindo-as” (João)

“Primeiramente, é uma resposta difícil, porque envolve valores abstratos, não é? Mas, eu entendo que um líder religioso ele naturalmente exerce uma liderança uma influência na forma das pessoas pensarem a **vida** a partir dos valores cristãos da fé cristã” (Tiago)

Seguimentos de textos contendo o verbo “Estar”:

“Corriqueiramente as pessoas acusam os outros pela dor que **estão** passando você me abandonou você me traiu você me roubou então essa cabeça ainda perdura uma mentalidade sacrificialista” (Pedro)

“E Cristo é essa resposta maior, muitas das vezes, eu **estou** aprendendo e ainda continuo aprendendo a ser um líder que assimila o jeito, o estilo de Cristo, as palavras, os comportamentos” (André)

“Eu tento, obviamente eu **estou** aquém do meu Senhor, mas eu creio que você lidera servindo as pessoas, esse serviço para mostrar o quanto a posição de líder ela é uma posição que tem o privilégio de olhar as pessoas na perspectiva da dignidade intrínseca delas” (João)

“Então para mim, a liderança cristã tem a ver com isso, com influenciar para o bem segundo a ótica de Jesus Cristo, conforme **está** na sua palavra que a gente entende como bússola para a nossa pregação e vida cristã” (Tiago)

Seguimentos de textos contendo a palavra “Líder”:

“Tem gerado um círculo virtuoso de novos **líderes** e eu posso dizer que hoje trabalho muito menos porque tem mais gente trabalhando dividindo as cargas comigo (João)

“Liderar pessoas, acompanhar pessoas, articular, gerir ali, o **líder** tem que ter essa sensibilidade com os momentos porque senão ele se perde. Ele se perde pelas suas emoções e às vezes tem alguém ali do lado que está com um problema” (André)

“Então eu sempre dialoguei com outros **líderes**, dialoguei com a igreja católica, dialoguei com a universidade, dialoguei com intelectuais, dialoguei com agnósticos, respeitando-os e procurei fazer na minha percepção de **líder** que eu não podia ficar atrás do muro nem também na posição defensiva, mas interagir” (Tiago)

Seguimentos de textos contendo a palavra “gente”:

“Então para mim a liderança cristã tem a ver com isso, com influenciar para o bem segundo a ótica de Jesus Cristo, conforme está na sua palavra que a **gente** entende como bússola para a nossa pregação e vida cristã” (Tiago)

“Tanto que Jesus diz, quer me seguir pegue sua cruz e me siga. Muita **gente** pode compreender essa cruz como peso como um sacrifício, é diferente” (Pedro)

“Eu acho que só a partir daí, e eu digo por experiência própria, só a partir daí, a **gente** vai tendo essa escuta mais profunda dos acontecimentos, digamos até mesmo das situações das próprias pessoas que estão envolvidas também” (André)

Pedro

O primeiro entrevistado, nomeado por nós de Pedro, destaca que se tornou padre a partir de uma forte influência de um padre da comunidade da qual fazia parte, muito importante na sua vida que veio a ser seu mentor. Com 13 anos, segundo ele, “ia abrir a cancela para o padre celebrar a missa”. A questão do celibato era para Pedro uma barreira para ele tornar-se padre. Pois, ele levava uma vida, como todos os jovens de sua idade, de namorar muito e, dessa forma, não se via como um padre. Quando esse padre o chamou para um curso vocacional, Pedro tomou um susto. Ele falou “a visão de padre que é celibatário, que é santo, essas coisas... então eu não me encaixava. Meu perfil não batia”. Foi fazer o curso e gostou muito das aulas e, assim, por conta dos estudos acabou enveredando nos caminhos de tornar-se sacerdote da igreja católica.

Do pondo de vista da formação eclesial, Pedro revela que ela foi realizada a partir da integração entre a formação no seminário e os movimentos sociais, em especial, junto ao movimento estudantil e aos trabalhadores rurais. Ele recebeu forte influência das comunidades eclesiais de base na sua formação. Em todas as paróquias em que atuou como padre levou consigo essa visão de atuar como cristão ligado às questões sociais da comunidade.

Enquanto líder cristão, Pedro recorre à metáfora de se conduzir pelo espírito. Segundo ele, “o livro do Gênesis, por exemplo, é do Caos primordial que o Espírito paira sobre as águas e do Espírito brota o cosmo. Então, o Caos sem ordem, sem lei, sem regras e no Espírito aí você ver o cosmo é o mito bíblico da Criação”. Como líder está sempre vivendo a tensão entre o caos e cosmo. Ele ainda se refere à metáfora do barro, na medida em que o líder cristão precisa fazer a experiência de se entregar para Deus a fim de que seja moldado por Ele. Desse modo, ele vai experimentar a vida em seu drama mais

profundo, vivendo intensamente o cotidiano com suas dores para poder, pelo espírito, construir uma vida mais leve.

André

André foi o nome que escolhemos para o segundo entrevistado. Segundo ele, sua vocação está diretamente relacionada a sua família. Na fala de André, destacamos a seguinte consideração: “observo que o chão da realidade familiar é um grande contributo para as bases de uma vocação acertada do ponto de vista sacerdotal”. A mãe, sobretudo, serviu como base fundamental para a caminhada vocacional de André. O engajamento de sua vida cristã, associada ao seu envolvimento com a vida eclesial, foi despertando em André sua vida vocacional. André decidiu fazer o curso de psicologia e descobriu, nessa formação, o papel da escuta e do cuidado psíquico com as pessoas, que fortaleceu ainda mais, segundo ele, sua vocação.

André teve uma formação eclesial muito voltada para formação filosófica e teológica associada à coordenação de grupos de orações, eventos religiosos, vigília e evangelização. Recorda da importância de sua participação na Jornada Mundial da Juventude como uma experiência central na sua formação eclesial, bem como tornar-se professor do seminário, ajudando na formação dos jovens que buscavam ingressar na vocação sacerdotal como padres.

André considera que ser líder cristão exige sensibilidade no que diz respeito à organização e planejamento para realizar com bom êxito sua função. Para ele, ser um bom líder requer proximidade com as pessoas. Isso lhe exige adotar uma postura de escuta e de cuidar. Nesse sentido, para ele, a psicanálise lhe ajudou muito na medida em que ela lhe permitiu vivenciar, enquanto analisando, a situação de falar de sua vida num espaço de escuta terapêutica. Todavia, André destaca que a vida de Cristo, descrita nos evangelhos, é a grande referência para tornar-se um líder cristão. É buscando seguir suas palavras, seus comportamentos e estilo de vida, que o entrevistado vislumbra ser um líder cristão.

Mateus

O chamado ao sacerdócio na vida de Mateus, o terceiro entrevistado, se deu de maneira muito curiosa. Na sua adolescência, Mateus se dizia ateu, mas, paralelamente ele destacou seu forte interesse pelos estudos sobre religião. Nessa etapa de sua vida, com muitas curiosidades e questionamentos, afirmou ter sua autoestima baixa. Uma depressão

atípica, que não se manifestava visivelmente, bateu a sua porta. Descreve que quando estava chegando ao “fundo do poço”, teve uma experiência religiosa através da escuta de uma música numa igreja evangélica. A música dizia: “você tem um valor”. Segundo Mateus, naquela noite, ele teve uma experiência religiosa. E a partir desse dia, ele percebe um chamado vocacional para cuidar de pessoas. Um detalhe particular na história do chamado vocacional de Mateus foi cuidar de pessoas sem abrir mão de sua profissão. Dessa maneira, Mateus continua exercendo as suas funções de trabalho e com um chamado Pastor bivocacionado.

A formação eclesiástica de Mateus se deu após sua experiência de conversão religiosa. A partir de então, Mateus decide se aprofundar nos estudos da Bíblia e, dessa forma, fez um curso num instituto bíblico para esse fim. Ele desenvolveu estudos e pesquisas nas áreas de História e de Ciências das Religiões. Um aspecto de destaque na formação eclesiástica de Mateus foi o fato dele se definir como autodidata. Dessa maneira, ele já vinha estudando sobre religiões, inclusive a cristã, antes mesmo de ter vivenciado a sua experiência religiosa. Com a sua prática de trabalhar com reabilitação de dependentes químicos, foi pesquisar sobre a influência da espiritualidade e da saúde nessa prática, considerado por ele, experiência importante na sua formação.

Ser exemplo de líder cristão para Mateus é olhar para a liderança de Cristo, nos aspectos da empatia, se identificando com a dor do outro e, sobretudo com os excluídos da sociedade. Mateus disse que tem um chamado para inspirar pessoas na busca de serem melhores na sociedade. Todavia, não somente serem melhores, mas para serem também agentes de transformação social. Para ele, um líder cristão é aquele que “aponta para quem Cristo é”.

João

O quarto entrevistado, nomeado João, destaca que seu chamado vocacional recebeu forte influência de duas experiências vividas por ele. Uma, foi como professor de escola bíblica. João relatou: “Eu fui convidado para substituir um professor e aquilo ali me encantou, o ensino, a docência teológica”. E a outra, foi num culto em que escutou um testemunho de um jovem. João disse: “aquilo ali falou muito a meu coração sobre o quanto eu poderia, de alguma maneira, ser útil nas mãos de Deus”. Mas, o desafio só estava começando na vida de João. Ele não entendia como iria dar um sim a tal chamado, uma vez que exercia seu trabalho como servidor público. Posteriormente, João compreende que ele poderia exercer o seu chamado vocacional sem necessariamente abrir

mão de seu trabalho. Dessa forma, ele exerce até os dias de hoje o seu chamado, denominado por ele: “Pastor bivocacional”.

João disse que sua formação eclesial se pautou por uma formação teológica no seminário juntamente com sua formação laica no espaço universitário. Não pensava que sua formação deveria se prender ao locus religioso. Segundo ele, “eu posso dizer que a minha formação teológica ela foi sempre transversalizada com a filosofia, com direito, com a sociologia. Eu acho que isso ajudou a ter uma compreensão mais ampla do ministério”.

Com relação à liderança, João afirmou que é preciso tomar os ensinamentos bíblicos como referência. Para ele, a principal orientação é liderar adotando a postura do servir, assim como fez Cristo. Uma segunda perspectiva, é agir modelando comportamentos a partir de suas ações, que devem ser tomadas como referências para a comunidade. Isso é para João um chamado para ser imitadores de Cristo. Foi a partir dessas ideias que João foi participar da vida política em cargos públicos e dividir tarefas dentro da comunidade em que é líder.

Tiago

Chamamos de Tiago, nosso quinto entrevistado. Ele, ao falar do seu chamado vocacional ao sacerdócio, destacou a influência que teve de advir de uma família cristã evangélica, como sendo um aspecto favorável para sua futura decisão ao chamado vocacional. Tiago explica que a convivência, desde tenra idade, no meio da igreja, foi fazendo crescer nele um amor as coisas do Reino de Deus. Ele lembrou, quando adolescente e jovem, de sua paixão pelas atividades da sua comunidade e, desse modo, Tiago foi despertado para realizar estudos teológicos e tornar-se pastor.

No que se refere a formação eclesial de Tiago, além da teologia, cursou história, filosofia e psicologia e fez estudos também na área de ciências sociais. Ao falar do seu interesse por psicologia, disse ele “nasceu da necessidade de me preparar mais para conhecer melhor a alma humana e as demandas dessa alma”.

No aspecto da liderança cristã, Tiago revelou que ser um líder cristão seria alguém que deveria influenciar para o bem, segundo a ótica de Jesus Cristo. Tiago percebeu nele uma grande potencialidade de liderança. Dessa maneira, ele disse se vê “como apenas um servo que entende que o seu papel ultrapassa o limite da paróquia e vai abrindo espaços nas fronteiras que estão à sua frente”.

Simão

O sexto entrevistado, que chamamos de Simão, disse ter recebido o seu chamado muito cedo, indo para o seminário com 15 anos de idade. Simão recebeu forte influência de seus amigos mais próximos que, de certa maneira, foram responsáveis pela decisão tomada acerca de seu chamado. Ele relata que tornar-se padre em sua cidade fazia parte de uma espécie de cultura da cidade.

A formação eclesial de Simão teve uma forte influência da filosofia. Ele decidiu interromper sua formação, temporariamente, por entender que não se encontrava preparado suficiente para assumir um compromisso como sacerdote na igreja naquele momento. Decidiu fazer um curso universitário, mas não conseguiu concluí-lo. Acabou retornando ao seminário para concluir sua formação teológica e ser ordenado padre.

Com a relação a liderança cristã, Simão disse “o papa é nosso líder”. E continua a sua fala dizendo “os bispos, os padres e os leigos deveriam se espelhar nele. Eu me vejo nesse caminho. Sinto que o meu legado foi deixar por onde passei pequenos grupos de pessoas catequizadas para viver, em comunidade, o Evangelho de Jesus”.

3.3 Sofrimento, ressentimento e perdão

Nesse momento, vamos apresentar narrativas e comentários relacionados ao sofrimento, ressentimento e perdão, vivenciados pelos sujeitos da pesquisa. O destaque será identificar situações de sofrimentos, descrever como esses sofrimentos foram guardados na memória e as ações de perdão realizadas como resposta de superação do ressentimento.

Pedro

Pedro faz distinção entre dois tipos de dores. Uma é sentida, quando se perde um ente querido e a outra diz respeito à experiência de sentir-se indignado com situações inaceitáveis. Esse segundo tipo de dor, relatada por Pedro, pode ser compreendida como sendo uma situação sofrida relacionada, por exemplo, a um preconceito sofrido, como foi o caso descrito por ele. Pedro diz que a indignação demanda uma resposta ética. Segundo ele, a indignação é diferente da raiva e do ódio. A raiva e o ódio são histéricos, diz Pedro. Já a indignação exige uma atitude, uma resposta ética.

Ele relata quatro situações de sofrimento marcantes em sua vida. Todas elas ligadas ao preconceito racial. Uma delas, ele disse que, ao entrar pela primeira na igreja que

assumiria como padre, percebeu que os casais que estavam sentados no banco da frente se levantaram e foram embora. Também falou que, certa vez, um amigo lhe apresentou a sua família na festa da padroeira da cidade e, nesse momento, seu amigo fez o seguinte comentário: “Por trás dessa pele dele, tem uma pessoa pra lá de gente boa”. Destacou outra feita que, quando foi abastecer o carro e o alarme disparou, o frentista disse para ele: “Rapaz, chame o dono do carro para ver se ele conserta”. Num outro episódio, comentou que foi ao supermercado e percebeu que estava sendo seguido pelo vigilante. Tomou a atitude de ir até ao gerente e após se apresentar lhe disse: “Eu sou padre, apesar de ser negro e estar comprando um vinho, não quer dizer que eu vou roubar o vinho”.

Pedro descreve situações de perdão vivenciadas por ele. No seu entendimento, o perdão requer a reconciliação. Pois, na sua compreensão a reconciliação tem a ver com o que foi quebrado e para Pedro, quando se perdoa, tanto a si mesmo quanto aos outros, há uma restituição na dimensão da integridade do ser. Na sua percepção, o homem é um ser frágil, assim como as relações humanas as são. Ao falar de sua experiência com o perdão disse ele: “O perdão me ajudou mais no fazer as coisas. É nunca fazer nada interessado ... Porque isso traz saúde”. Continuou sua fala nos dizendo que a vida é um presente e mencionou: “O presente...e o que a gente faz, a gente cuida ou descuida... Eu tenho consciência de que a vida é frágil e que é impossível viver sem experimentar essa fragilidade, então o ato de perdoar é reconhecer a vida como fraca” ... “O perdão a si mesmo é condição para você perdoar o outro”.

Ele continua dizendo que é nessa experiência de fragilidade humana que também vem a experiência do perdão. Disse Pedro: “Porque se temos consciência que somos barro e que, portanto, nos quebramos, o perdão é a capacidade de se refazer”. Falando sobre o perdão expõe que é a questão mais importante acerca do sofrimento humano. E continua falando que o perdão é a oportunidade de refazer o sentido das situações de sofrimento. Pedro tem a compreensão de que a dor ressignificada deverá resultar numa vida mais leve. Disse ele: “Quando a gente fala da teologia da graça é que a experiência da vida agora é tão leve que você com essa experiência de um perdão, você consegue agora perdoar o outro”.

Segundo Pedro, “quem nunca perdoou ninguém é porque nunca perdoou a si mesmo” ... “Uma pessoa doente é aquela que perdeu a esperança” ... “Então, a pessoa que consegue alimentar o perdão significa não permitir que a dor e que o sofrimento causado pelas relações, tornem a vida pesada; uma mágoa” ... “Então, o perdão é para você ter saúde, para você ter alegria para viver”, disse Pedro.

Particularmente, analisando as narrativas de Pedro, no que diz respeito ao sofrimento, ao ressentimento e à experiência do perdão, identificamos um destaque dado por ele a dor. Essa dor sentida em forma de indignação causada por uma ofensa recebida. É ao falar sobre esse tipo de dor, de sofrimento que podemos recorrer àquilo que Ricoeur (2007) chama, metaforicamente de “profundidade da falta”, quando o momento é identificado com dor, sofrimento, lamento e indignação.

Todavia, reconhecemos que Pedro, no decorrer de sua experiência marcada pelo ressentimento e na busca de superar esse tempo, caminha na direção da “altura do perdão” e toma, nesse momento, uma atitude chamada por ele de “atitude ética”. Tudo isso se passa, na visão de Ricoeur (2007), no âmbito da memória, que, quando cristalizada nas cenas traumáticas, impede o fluir do perdão e consequentemente de se ter uma esperança de futuro.

O problema da relação entre sofrimento, ressentimento e perdão, além de estar associado a memória, como remarca Ricoeur, pode ser compreendida a partir de uma perspectiva existencial. Lembramos de Frankl (2019b) quando ele fala de valores atitudinais como uma postura interna, um posicionar-se. Tal postura diz respeito às realizações do é preciso se fazer. Não basta apenas decidir o que fazer e ser criativo apontando um caminho de realização, é preciso agir para efetivar uma escolha elaborada. Assim associamos a “atitude ética”, tomada por Pedro para perdoar, com os valores atitudinais franklianos. Percebemos que essa disposição interna de Pedro, explorada por Frankl, pode ser comparada com a capacidade de realizar valores atitudinais através das experiências de sofrimento e indignação.

André

André, ao falar de situações de sofrimentos e ressentimentos vivenciadas em sua vida, relatou que, ele tem uma postura mais conciliatória nos seus relacionamentos, não é uma pessoa que vai ao embate. Reconhece que talvez por esse motivo, muitas vezes, guarde, de forma mais intensa, o conflito existente. Contou que, uma certa vez, na convivência com um colega de sacerdócio, percebeu uma indiferença e hostilidade desse seu colega para com ele. Inicialmente, André diz não ter compreendido aquela situação. Disse ele: “tentei conversar várias vezes, mas a coisa se tornou muito mais difícil de conviver e depois fui percebendo que existia algo em mim que mexia com ele”. André disse que aquele conflito lhe fez refletir muito sobre a maneira como estava lidando com situações de limite e de ressentimento. Surgiu no meio daquela situação, uma questão

sobre a culpa. De quem seria a culpa? Percebeu que a raiva e o ressentimento estiveram presentes dentro dele, mas percebeu também que o saldo daquela experiência vivida lhe fez sair mais fortalecido.

Com relação as experiências sobre o perdão vivenciadas por André, ele nos falou que ocorreram vários momentos em sua vida que ele precisou perdoar, bem como pedir o perdão. Ele nos relatou um episódio com uma amiga, que acreditou não ter agido corretamente com ela. Deveria, segundo ele, ter estado mais próximo dela num dado momento. Essa situação gerou um forte conflito na relação, sobretudo da parte dela. André não correspondeu a demanda da amiga no momento por achar que ela estava querendo controlar sua liberdade.

Mais adiante, André teve a oportunidade de conversar com sua amiga, esclarecer a situação e pedir-lhe perdão pela forma como ele havia agido na situação passada, causando-lhe sofrimento. E, dessa forma, percebeu que houve um entendimento. Houve crescimento com essa experiência vivida. André disse: “Acredito que o perdão é uma linguagem que comunica amor”. A respeito de sua experiência do perdão, André disse que nunca teve a necessidade de dizer diretamente para pessoa “eu te perdoo”. Até porque, dizer eu te perdoo, para ele, parece que a gente está numa posição de juiz. Nesse sentido, estaríamos sentenciando as pessoas. Isso nos colocaria numa situação de superioridade. Todavia, ele diz que “a experiência de dizer: Me perdoe, foi mais nobre”.

André, na mesma perspectiva de Pedro, destaca na sua fala, a questão do sofrimento quando considera a relação sofrimento, ressentimento e perdão. Todavia, ele confere um destaque aos sentimentos de raiva e de ressentimento. Pontua ele, que esses sentimentos se dão muitas vezes em sua vida, pelo fato dele se considerar uma pessoa conciliadora que não tem o comportamento de ir ao embate. Isso significa dizer que, quando ele sofre por causa de uma ofensa recebida, esses sentimentos nele geralmente são acionados e ele tende a guardar de maneira intensa o conflito gerado.

Na narrativa de André podemos observar tanto a atitude de perdoar quanto a de pedir perdão. E é curioso porque em sua descrição apesar de ele pontuar que nunca sentiu a necessidade de expressar “eu te perdoo” e sim a de “pedir perdão”, todavia ele diz se sentir perdoado e também de ter perdoado. Lembramos, nesse momento, quando Ricoeur (2007) nos fala do perdão como um ato de libertar-se do peso de uma dívida, proporcionando uma vivência efetiva de liberdade tanto daquele que perdoa, quanto daquele que é perdoado.

Nessa mesma perspectiva de superação do ressentimento vivido por André, lhe fez refletir sobre a maneira como estava lidando com situações de limite. Aqui, nos remetemos a Frankl (2005) para destacar quando André diz sentir-se perdoado e perdoando também, nessas atitudes, percebemos que um novo sentido foi encontrado para a sua vida.

Mateus

Mateus nos relatou que, na sua adolescência, foi acometido por uma depressão que lhe trouxe fortes sofrimentos para sua vida. Descreveu acerca de um trauma vivido na infância. Falou que uma pessoa que tinha ligações afetivas com ele e que, naquela ocasião, se encontrava sob efeito de álcool, acabou falando palavras muito agressivas para ele em relação ao seu futuro. Mateus mencionou que essa pessoa disse para ele que ele não iria ser ninguém na vida, que ele não prestava. A partir de então, ainda criança, Mateus começou a desenvolver uma visão de futuro fracassada acerca de sua vida. Esse trauma ocorrido em sua infância foi uma experiência que marcou profundamente a sua vida emocional, interferindo em sua autoestima e o levando a desenvolver um processo de depressão. Mateus relatou que essa situação vivenciada por ele na infância lhe trouxe um trauma que lhe causou ressentimento. E esse ressentimento, disse ele, só veio se dissolver quando ele teve uma experiência religiosa.

A noção de saúde psíquica, por meio do perdão, pode ser considerada a partir da Psicologia Existencial de Viktor Frankl. Segundo Gassin et al. (1995), essa psicologia nos ajuda a considerar que o perdoar é uma atitude que está associada ao aprimoramento do sentido encontrado no sofrimento. Desse modo, perdoar é a oportunidade de transformar de forma positiva aquele que sofre.

Mateus, ao se referir à experiência de perdão em sua vida, imediatamente se reportou ao momento em que vivenciou uma experiência religiosa. Tal experiência lhe possibilitou entender o traumático que havia sofrido no passado e as razões dele pensar em suicídio. Essa vivência permitiu Mateus ter consciência do passado sofrido e, naquele momento, ele perdoou a pessoa que tinha lhe magoado. Percebeu que havia uma questão espiritual e entendeu que essa pessoa estava sob efeito do álcool. Agir como verdadeiro cristão lhe exigia perdoar. Tudo se transformou e aquela situação do passado não lhe trazia mais peso.

Mateus ainda relatou outra experiência de perdão em sua vida. Segundo ele, sempre teve uma relação conflituosa com seu irmão. Um dia, após sua conversão a Cristo, em um dado evento, sentiu a necessidade de falar com seu irmão e, ao chegar em casa, foi pedir perdão a ele. Infelizmente, isso não aconteceu, pois eles não se encontraram. Nessa mesma noite, o irmão de Mateus foi para um evento e no retorno para casa, o carro dele quebrou a caixa de direção e capotou. O acidente fez com que ele passasse cinco dias em coma na UTI. A partir de um diálogo com Deus, Mateus sentiu um forte desejo de pedir perdão ao irmão, que veio a falecer cinco dias depois. Sua experiência de perdão foi vivida no sentido de ele perdoar e sentir-se perdoado por ele.

Ao analisarmos a fala de Mateus referente às suas experiências vivenciadas acerca do sofrimento, do ressentimento e do perdão, pudemos remarcar que o sofrimento adveio de um trauma sofrido no período de sua infância que desencadeou, posteriormente, uma depressão. Esse trauma deixou Mateus ressentido e provocou nele uma paralização a ponto de levá-lo a programar tirar sua própria vida. Mas, foi justamente por meio de uma “vivência religiosa”, chamada assim por ele, que a sua vida tomou outra direção e a partir desse momento, Mateus muda completamente os seus planos de vida.

Com base em Ricoeur (2019), identificamos que essa experiência traumática sofrida por Mateus em sua infância não pode ser desfeita, enquanto ocorrência factual, entretanto, concordamos com ele ao dizer que o sentido dado a tal ocorrência, esse sim, pode ser mudado. Dessa maneira, na nossa compreensão, quando Mateus teve uma “vivência religiosa”, algo de novo se deu em sua maneira de perceber a experiência de trauma vivenciada por ele no passado. Frankl (2020) designa essa ocorrência factual como área do destino, mas perante a facticidade da existência, há uma área facultativa denominada por ele de área da liberdade.

Frankl (2005) cria o termo “vazio existencial” para designar a experiência de angústia que muitas vezes levam as pessoas a terem ideias suicidas. Podemos nos inspirar nesse termo e apontar que Mateus experienciou um quadro de vazio existencial, na medida em que ele foi bastante perturbado ao escutar palavras de que ele “não iria ser ninguém na vida”. Ser ninguém pode significar a experiência de nadificação da vida. Mas, a vivência religiosa lhe abriu, em sua área da liberdade, um novo horizonte de vida. Assim como Frankl pôde vislumbrar a possibilidade de transcender todo o sofrimento nos campos de concentração, buscando um sentido para a sua vida, percebe-se que Mateus, por caminhos diferentes, também buscou novos horizontes de sentido para sua vida.

Gassin et all. (1995) partindo do entendimento da Psicologia Existencial de Viktor Frankl, nos ajuda na compreensão de que o perdoar é uma atitude que está associada ao aprimoramento do sentido encontrado no sofrimento. Desse modo, percebemos que Mateus trilhou por esse caminho, quando, por meio do perdão, buscou uma oportunidade de transformar de forma positiva o seu sofrimento.

João

João, ao relatar acerca dos sofrimentos vividos, contou que se entristeceu com eles, apesar de ser uma pessoa com a facilidade de relevar as ofensas. Entretanto, ele falou que nas suas experiências de sofrimentos e dor não foram transformadas em ressentimento e amargura. João percebeu que essa sua postura de lidar com o sofrimento e a tristeza lhe favoreceu a não se tornar uma pessoa ressentida. Ele descreveu: “Eu já tive muitas pessoas que me fizeram sofrer, mas eu não permiti que o meu sofrimento se transformasse em raiz de amargura ou de ressentimento, pelo menos que eu me lembre. Eu sempre trabalhei muito a dor sentida, tentando entender a limitação que o outro tem ao me ferir”.

João enfatizou que para perdoar faz-se necessário se colocar no lugar do outro e dizer assim para si mesmo: “eu já devo ter feito muita gente sofrer”. Na continuidade de sua fala, ele disse que sempre viveu situações de dor, mas nunca havia deixado que elas avançassem em sua vida. Tal perspectiva lhe fez perdoar pessoas que lhes fizeram mal, em alguns casos até mesmo antes delas pedirem perdão.

João relatou que sua predisposição em perdoar ficou mais fácil ainda, quando ele entendeu a graça de Deus sobre a sua vida. Ele narrou que existe momentos em que há uma necessidade de se tomar a decisão de perdoar. Segundo João, o não perdão é sinônimo de ressentimento, de raiz de amargura. Na sua fala sobre sua experiência de perdoar mencionou: “Eu já tive momentos de dizer assim: poxa me trataram injustamente, não deveriam ter feito isso. Aí vem a raiva, vem a tristeza, vem a dor”.

Continua falando ele que o exercício da transparência é um forte aliado para o processo de cura na atitude de perdoar. No entendimento de João, oferecer o perdão a outrem não estar necessariamente vinculado ao pedido. Para João, se vincularmos o perdão ao pedido, vivemos uma dinâmica de reação e, assim, deixamos de ser ator de nossa própria história. Para ele, toda retenção de perdão, toda amargura, é um fardo.

Ao falar de si, de sua predisposição ao perdão, João comentou: “Eu sou uma pessoa de fácil perdão com a consciência de que o não perdão me faz mal e não vai mudar a outra pessoa. O que vai mudar o outro é minha capacidade de talvez abrir o meu coração respeitosamente, falar dos meus conflitos”. Lembrou das palavras de Jesus quando ele falou que se uma pessoa tiver alguma coisa contra alguém vai lá e fala, abre o coração, se a pessoa não aceitou, chama uma testemunha. João fala que aprendeu muito sobre o quanto às vezes uma terceira pessoa, numa função conciliadora, é importante num processo de conscientização de pedir perdão.

Na fala de João acerca de suas experiências em torno do sofrimento, do ressentimento e do perdão, podemos destacar a ênfase dada por ele ao tema do perdão como fim para libertar-se do ressentimento. Ele trata da amargura associado ao ressentimento. No que diz respeito, particularmente, à questão do perdão como alternativa de superação do ressentimento, nos lembramos de Ricoeur (2019) quando fala da diferença entre esquecimento de fuga e esquecimento ativo. No esquecimento de fuga, a tendência é fugir do trabalho de memória em busca do perdão, permanecendo conectado ao passado traumático. Pelo contrário, o esquecimento ativo torna a pessoa ofendida liberta da situação traumática, vivida no passado.

Quando João em sua narrativa nos diz que para perdoar precisa se colocar no lugar do outro como alguém que pode também ter feito o outro sofrer, nos faz lembrar de Frankl (2005) quando ele vai tecer sobre a capacidade humana da autotranscendência. Ele vai falar que a existência humana é sempre auto transcendente. Dessa maneira, esse homem está sempre se dirigindo ao encontro de algo ou de alguém além de si mesmo.

Tiago

Tiago, ao relatar acerca de experiências que lhes causaram sofrimentos, disse que algumas delas ele esqueceu conscientemente, mas outras, não tem como esquecê-las porque são fortes. Disse ele que no início de seu ministério sacerdotal sofreu muito preconceito social com relação a função de pastor. Isso ocorreu em várias vertentes da sociedade, inclusive nos meios universitários. Então, o caminho de Tiago, enquanto pastor, foi de superar preconceitos sociais até em ambientes não esperados. Ele usou uma metáfora para ilustrar essa sua fala: “viver entre flores e espinhos” para falar da dificuldade da vida de um pastor. Disse também que gostaria de lembrar das pessoas que o fizera sofrer, guardando-as em sua memória, com aquilo que lhe dar esperança e descontaminar a sua alma. Isso o faz muito bem, disse ele.

Ao falar das experiências vivenciadas acerca do perdão, Tiago lembrou de uma pessoa que o fez sofrer no início de seu ministério pastoral. Recordou que naquela época, muito jovem ainda, a pessoa que o fez sofrer, bem mais velha, tinha um reconhecimento de liderança muito forte na igreja. E assim, sentiu-se perseguido, humilhado e destrutado. Essa situação foi muito forte na vida de Tiago. Segundo ele, “o coração de um pastor tem que ser um coração permeado de possibilidades de afetos. Tem que ser um coração marcado por experiências de tolerância, de compreensão e de perdão”. Com esse entendimento, ele compreendeu que não deveria guardar ressentimento, decidindo perdoar o ofensor.

E a partir de então, Tiago aprendeu a lidar com algo chamado no meio religioso de cura da alma, cura interior. Para ele, não há caminho mais libertador do que o do perdão. Discorrendo sobre experiências vividas acerca do perdão, continuou dizendo que foi caluniado, perseguido, mas, mesmo diante dessa situação, decidiu liberar o perdão. E entendeu, dessa forma, que há três caminhos no processo de perdoar. Primeiro é o caminho de reconhecer que foi ferido, mas também pode ter ferido alguém. Segundo é liberar no coração a possibilidade de perdoar e depois perdoar de verdade.

Tiago revelou que hoje se sente um homem de alma leve. Na sua fala relatou: “Já perdoei mesmo e não há ninguém do qual eu fuja ou me esconda porque meu coração aprendeu que ser perdoador é parecer um pouco com Jesus Cristo”. Continuou ele descrevendo sobre o perdão, dizendo que, na sua experiência, o perdão tem etapas, faces e interfaces. Primeiramente, ver como sendo pedagógico porque ele ensina a pessoa a ser humilde e mais humana. O perdão revela na pessoa que foi magoada, a ferida, as condições humanas. Segundo, mostra que não perdoar irá adoecer a alma. Dessa maneira, o perdão além de ser pedagógico, ele é também é terapêutico. Ele leva a pessoa a descobrir feridas e a curá-las. Assim, o perdão é um remédio que cura a alma.

Tiago disse que, por meio do perdão, se joga fora a dor e a mágoa, tornando-se, dessa forma, mais leve. Disse ele ainda que o perdão, no bom sentido, ele humilha a pessoa. Isso significa, na opinião dele, que o perdão humilha no sentido de reconhecer que você também erra, você também fere os outros. Segundo Pacciolla (2015), o perdão é um fenômeno humano que pode ser associado a condição antropológica de que errar é humano. Pensamos que pudemos associar a fala de Tiago com o teórico acima citado, quando o entrevistado nos disse que ninguém tem o direito de não perdoar, considerando que sempre existirá alguém que você feriu e talvez você nem saiba que feriu. Tiago conclui dizendo mais uma vez que o perdão é terapêutico, pedagógico, mas também ele

é profundamente reflexivo. Ensina a pessoa a ser mais humano, mais verdadeiro e tolerante com a dor dos outros que nos fazem sofrer, mas também com a nossa atitude que fere os outros e que também os outros sofrem por nossa causa.

Nas suas experiências em volta do sofrimento, do ressentimento e do perdão, Tiago destacou o preconceito social com relação a função de pastor, bem como situações de humilhação e destrato por ocasião da falta de reconhecimento de sua liderança, no início de seu ministério. Essas situações marcaram sua história, enquanto líder espiritual. Tiago, frente à essas pessoas que o fizeram sofrer, compreendeu que não deveria guardar ressentimento, decidindo perdoar suas ofensas. Ele percebe o perdão como libertador.

Recorremos ao entendimento de Ricoeur (1996), quando ele afirma que não perdoar nos adoece e percebemos na fala de Tiago que mesmo com as situações de sofrimento vividas por ele referentes ao preconceito social sofrido e experiências de humilhação e destrato, ele resolveu não guardar ressentimento e, ao contrário se enveredar pelo caminho do perdão e da libertação.

A posição de fazer uso de sua liberdade e decidir perdoar de Tiago nos remete a perspectiva dessa liberdade como eixo fundamental da antropologia frankliana, conforme o entendimento de Xausa (1986, p.157) que, segundo ela, a liberdade tem uma direção transcendente: não é só uma “liberdade-de”, mas é uma “liberdade-para”. Acompanhando o pensamento frankliano, o ser humano é um ser livre e responsável. A liberdade e a responsabilidade, juntamente com a espiritualidade, fazem parte da dimensão noética, eminentemente humana. Percebemos em Tiago, no momento em que tudo levaria ao destino de abrigar mágoas e ressentimentos, ele faz uso de sua liberdade para posicionar-se e decidir não guardar ressentimentos e sim perdoar.

Simão

Simão relatou que no decorrer de sua vida sofreu com problemas de relacionamentos, sobretudo, quando mais jovem, por causa do seu temperamento, que segundo ele, era muito forte e hoje, disse ele, já está mais educado. Continua dizendo ele que, nos dias atuais, não tem ninguém com quem tenha intrigas. Ele falou que tem o hábito de pedir perdão no altar. Recordou que no seu aniversário de sacerdócio fez seu ato penitencial pedindo perdão no altar a Deus e ao povo, falando dos seus pecados em público.

Pacciolla (2015) corrobora com a compreensão de Ricoeur de que perdoar não é fácil. A dificuldade de perdoar existe, sobretudo, pelo fato da dificuldade de sentir-se

culpado e conseqüentemente de arrepender-se. Assim como Ricoeur, Pacciolla (2015) vai dizer que se não há culpa, o perdão não faz sentido, porque somente poderá perdoar se houver um culpado. No contexto do sentimento de culpa, percebemos a exigência de uma elaboração psíquica que está diretamente relacionada à responsabilidade. Para sentir-se responsável são necessários o reconhecimento e a admissão da própria culpa.

Simão discorreu: “Eu cometi o pecado de público, porque eu não peço perdão? Essa história de só pedir perdão a Deus não é tudo. Deus quer que a gente peça perdão ao outro. Vai reconciliar-se com teu irmão e depois volta à mesa”. Reforça dizendo que não tem essa dificuldade hoje. Simão falou que não traz tristeza no coração. Se depender dele tem paz com todos. Todavia, percebe que tem situações que não depende somente dele, depende também do outro. Na sua fala, disse: “Eu não quero morrer levando isso nas minhas costas. Eu gostaria de morrer em paz com todo mundo”.

Ao falar sobre o perdão, Simão relatou que num momento de muito sofrimento e dor que atravessou em sua vida, resolveu escrever uma carta pedindo perdão para as pessoas que considerava que deveria pedir perdão. Ele se comoveu muito com a resposta de uma dessas pessoas. Ele disse que essa resposta produziu nele uma comoção que se estende até os dias de hoje. A marca dessa resposta dizia: “Se Deus foi misericordioso para com você, procure ser misericordioso para com seu irmão”. Simão disse que essas palavras de misericórdia dessa pessoa foram, para ele, a experiência mais marcante da sua caminhada até hoje.

Simão, ao vivenciar momentos de sofrimento, ressentimento e perdão em sua vida, nos narrou o quanto foi desafiador para ele superar as situações de sofrimento referentes aos relacionamentos ligados a fase da sua vida quando era mais jovem, devido ao seu forte temperamento. Apesar desse desafio enfrentado devido a força de seu temperamento, mas isso não lhe impediu de desenvolver o hábito de pedir perdão pelos seus erros e, na maioria das vezes, no altar. Simão falou também que não traz tristeza no coração nos dias atuais.

Segundo Ricoeur (2007), o perdão não segue a marca da troca. Nesse sentido, seguindo esse entendimento, não há uma obrigatoriedade de ofertar, receber e retribuir o perdão. Aqui, encontramos uma associação na experiência vivida por Simão quando ele nos diz que pedia perdão das suas falhas diante de Deus e dos homens, mesmo sem saber como o outro receberia esse pedido, mas para ele, o que deveria ser levado em conta era o seu coração disponível tanto a perdoar quanto para pedir perdão.

Encontramos nesse momento, uma ligação da experiência relatada por Simão sobre sua atitude de pedir perdão e perdoar com as capacidades de autodistanciamento e autotranscendência preconizadas por Frankl (2005), sendo entendida por esse autor como um fenômeno intrinsecamente humano. Pois, ao tomar a decisão de perdoar, partindo de si mesmo, mas ao mesmo tempo se distanciando de si e indo em direção ao outro, tanto para perdoar, quanto para pedir o perdão, compreende-se que está no outro a possibilidade de perdoar ou não perdoar, mas está na pessoa que oferta o perdão a liberdade de se posicionar diante da circunstância que está a sua frente.

Buscando construir uma rede de sentido a partir de um esforço de ligar as unidades de sentido de cada sujeito entrevistado com as construções teóricas de Paul Ricoeur e Viktor Frankl, propomos conectar dor, sofrimento e lamentações com a disposição interna de perdoar. Essa disposição está presente entre todos os entrevistados. Todavia, percebemos que o grande desafio de todos eles foram vencer o ressentimento, que no nosso entendimento, exige um trabalho de memória, seguindo os passos de Paul Ricoeur e um posicionar-se buscando um novo sentido na vida, seguindo o caminho de Frankl.

Dessa forma, exercitamos o espírito analítico de apresentar a posição particular dos sujeitos entrevistados (unidades de sentido) e uma construção sintética reveladora de uma rede de sentido. Sinteticamente, perdoar é libertar-se de um peso de uma dívida, superando o ressentimento e abrindo um horizonte de futuro para a existência. Essa síntese representa a rede de sentido que construímos para este tópico que desenvolve os temas do sofrimento, ressentimento e perdão.

3.4 Experiência de perdoar, resignificação e sentido na vida

Aqui, nesse item, discutimos as experiências de perdoar dos sujeitos da pesquisa no contexto da resignificação e sentido na vida. O ponto crucial nesse momento é analisar as narrativas das experiências de perdoar dos sujeitos entrevistados, considerando os significados de suas falas pessoais – unidades de sentido, a construção de uma rede de sentido a partir desses significados e a utilização das reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl com relação as noções de resignificação e sentido na vida no contexto do perdão.

Pedro

Para Pedro, o sentido da experiência de perdoar tem inspiração na palavra de Jesus que diz que é preciso amar o pecador e não o pecado. Seguindo essa orientação, Pedro afirma que as pessoas são mais importantes do que aquilo que elas causam. Ele fez essas elaborações destacando o quanto a vida é importante. Segundo ele, a vida se impõe como um elemento sagrado. Pedro chama a atenção de que o ato de perdoar pode transparecer, para alguns, uma atitude de autossuficiência na medida em que a postura de perdoar pode revelar um sinal de que nada o afetará.

Pedro compreende que o perdão é uma experiência de gratuidade, expressada no campo da graça. Ele relaciona essa gratuidade à vida como um presente, isto é, a vida deve ser recebida como uma dádiva que não deve ser desprezada. Dessa maneira, ele vê no perdão uma forma de fazer com que a vida seja leve no lugar de pesada.

Tomando ainda Jesus como referência, Pedro menciona a passagem bíblica em que Jesus diz que devemos perdoar setenta vezes sete, deixando claro que essa referência não é no âmbito do quantitativo, mas diz respeito a predisposição para estar sempre pronto para perdoar. Destaca aqui também esse aspecto de aprendizagem, pedagógico do perdão.

Das narrativas de Pedro sobre a experiência de perdoar no contexto da ressignificação e do sentido na vida é possível fazer dois destaques importantes. O primeiro é que ele considera que “as pessoas são mais importantes do que aquilo que elas causam”. Tal compreensão pode ser relacionada ao entendimento de Ricoeur (2007) que situa o ato de perdoar no cenário da dissociação radical entre a ação ofensiva e o seu agente. Essa distinção fica bem evidente na fala de Pedro. Nesse sentido, focar na pessoa no lugar da ofensa abre-se caminho para o perdão. Em segundo lugar, identificamos, na fala de Pedro, a compreensão de que perdoar “é uma experiência de gratuidade, expressada no campo da graça”. Tal perspectiva encontra fundamento na compreensão de Ricoeur (2019) de que o perdão é a manifestação de um gesto gratuito. Isso significa dizer que o perdão é realizado por meio do dom, na medida em que ele é a expressão do ato de alguém que perdoa sem nenhuma exigência da parte do ofensor.

Reconhecemos, inspirado em Frankl (2002) que o ato de perdoar de Pedro representa uma mudança de atitude, já que ele não pode alterar a situação de sofrimento vivida. Pedro desenvolveu o poder de reconhecer que o passado não pode ser alterado, mas ressignificado. Isso significa dizer que ele encontrou um novo sentido para a situação traumática vivida no passado.

André

O sentido que a experiência de perdoar traz para André se remete a uma liberdade interior, um cancelamento de uma dor, de um sofrimento. O sentido passa por um dar sentido ao existir. Disse ele: “Quando você cultiva uma mágoa, um ressentimento, realmente a vida vai sendo travada”. Continua André dizendo que quando se perdoa, se caminha de forma livre. Para André, perdão e liberdade andam de forma inseparáveis. Falou também sobre a leveza que a experiência do perdão nos revela. Ele disse que quando não se perdoa, a pessoa se torna aprisionada, escrava dos acontecimentos traumáticos do passado.

Na fala de André sobre a experiência de perdoar no cenário da resignificação e do sentido na vida, identificamos na sua afirmação que o perdão estar diretamente associado à liberdade. Logo, perdoar é livrar do peso de uma dívida. Esse entendimento entra em sintonia com a ideia de Ricoeur (2019) de que o perdão é o cancelamento de uma dívida de maneira gratuita. No lugar de ficar prisioneiro do passado, André abre um horizonte de futuro por meio do perdão.

Do ponto de vista de Frankl (2002), a liberdade tem um lugar central na sua obra. A centralidade da liberdade possibilita vislumbrar o perdão como a escolha livre de se doar perdão. Essa escolha faz André tomar o caminho de no lugar de “cultivar mágoas”, travando a vida, decide perdoar e atrair para si a leveza da vida.

Mateus

Mateus relatou que a experiência de perdoar lhe trouxe crescimento espiritual, significando para ele colocar-se no lugar de igualdade para com o outro, revelando uma atitude de humildade. Mateus toma como referência para apresentar essas ideias, sua relação com Deus, que pode ser compreendida como a experiência de se fazer pequeno diante da grandeza de Deus.

O relato de Mateus, realizado de maneira sintética, referindo-se a experiência de perdoar no contexto da resignificação e do sentido na vida, destaca dois aspectos: a atitude de humildade e de apegar-se diante de Deus. Com relação a humildade, pensamos que Mateus situa todos os seres humanos como idênticos, na medida em que qualquer um pode falhar ou fazer o outro sofrer. Nesse sentido, a pessoa humana é posta em destaque, remetendo essa ideia a Ricoeur (2007) que aponta a necessidade de focar na pessoa no lugar de sua falta para poder perdoar.

Quanto ao apequenar-se diante de Deus, podemos relacionar com a abertura de transcendência de Frankl (2002). Nos apegamos aqui, a noção de apequenar-se independentemente da perspectiva de Deus vivida por Mateus. Destacamos a abertura para um outro que transcende a si mesmo.

João

João falou que a sua experiência de perdoar perpassa paralelamente pela sua vivência de alguns anos caminhando com Cristo e com a igreja local. Dessa forma, ele disse que vai percebendo em si e também acompanhando pessoas com problemas de não perdoar e de pecado. Assim, o sentido central de perdoar para João está ligado à convicção de quem ele é, enquanto um ser incompleto, pecador e que muitas vezes consciente e inconscientemente causa danos aos outros. Disse João: “Eu não entenderei a dimensão do que é perdoar o outro, o sentido do perdão, enquanto eu não entender profundamente o quanto eu preciso do perdão de Deus”.

João enfatiza que o sentido do perdão diz respeito à resposta dele a Deus, manifestando gratidão por ter sido por Ele perdoado sem merecer. Então, na sua opinião, não há ninguém que ele possa dizer que tal pessoa não merece o seu perdão. Se assim for, ele diz: “eu não entendi a graça de Deus e acho que sou merecedor do perdão de Deus”. Ele finaliza dizendo que o sentido do perdão para ele é entender que diante de Deus, sendo ele culpado, Deus o perdoou, porque então ele negaria perdão ao outro? O sentido do perdão está na convicção plena de que ele foi perdoado por Deus sem merecer.

Na narrativa de João acerca da experiência de perdoar na perspectiva da ressignificação e do sentido na vida, ele assinala dois elementos fundamentais: a incompletude do ser humano e a dimensão da graça de Deus com relação ao perdão. No que se refere à incompletude, assinalada por João, recorremos a Frankl (2005) quando ele fala do desejo de sentido como experiência de falta que mobiliza o ser humano para buscar um sentido de seu viver. Frankl considera o desejo de sentido associado a insatisfação ou incompletude. Seguindo essa perspectiva, compreendemos que João, nas suas experiências de perdão, tem o entendimento de sua incompletude diante da completude e plenitude de Deus.

Quanto a questão da dimensão da graça, recorremos a Ricoeur (2019), quando ele compreende que o ato de perdoar implica necessariamente uma ação de gratuidade. João deu destaque ao perdão, concedido por Deus aos homens. Ele também enfatiza a dimensão do perdão como gratuidade.

Tiago

Para Tiago, o ato de perdoar lhe trouxe e continua lhe trazendo a experiência que ele chama de “dinâmica de perdoar todos os dias”, lhe fazendo refletir sobre o valor da vida que estar nos outros. Assim como João, Tiago associa sua experiência de perdoar com a sua vivência com Cristo, ou seja, para ele se Cristo nos perdoou um dia porque ele não iria, assim, perdoar todos os dias. O perdão o faz uma pessoa mais empática e, sobretudo, mais humilde. A sua experiência é que somente perdoando é que ele se vê digno de ser ministro de Cristo. Finaliza dizendo: “Não há como viver sem perdoar”.

Segundo Tiago, associar o perdão à ressignificação e ao sentido na vida significa considerar o poder transformador do perdão cotidianamente na vida humana. Perdoar, na sua visão, resulta em grandes mudanças na forma de existir. Enfatiza o perdão como elemento chave para que a pessoa se torne mais humilde, destacando, dessa forma, o valor da humildade. Podemos observar, no pensamento de Ricoeur (2019), a força transformadora que tem o perdão, sendo capaz de estabelecer no âmbito da memória uma abertura para novas elaborações acerca dos acontecimentos traumáticos do passado.

Inspirado na vontade de sentido de Frankl (2019b), podemos compreender que não perdoar é conter as elaborações criativas da vontade de sentido. Logo, quando Tiago estabelece como meta o propósito de perdoar cotidianamente, podemos dizer que ele coloca em evidência a vontade de sentido se renovando em sua vida.

Simão

Simão, ao falar do sentido que a experiência de perdoar ofertou para sua vida, enfatizou a paz e a felicidade. Ele disse que ao se confessar, momento sacramental, sente paz, liberdade e amor que, para ele, são os maiores sentido do perdão. Concebe o padre como ministro do perdão. A missão principal do padre é exatamente a missão de Jesus, a de perdoar, disse Simão.

Identificamos, na fala de Simão, uma aproximação entre o ato de perdoar e a experiência de paz e felicidade. Pensando particularmente na felicidade, nos apoiamos na ideia de Frankl (2019b) de estabelecer uma ligação entre sentido, felicidade e prazer. Segundo este pensador, a paz e a felicidade seriam consequências adicionais de uma ação que possua sentido. Dessa forma, não podem ser concebidas como finalidade última, pois o sentido do ato de perdoar deve ser um fim em si mesmo. Nessa perspectiva, Simão não apenas se esforça em ser feliz, mas encontrar uma razão para ser feliz. Tal razão pode ser

encontrada no ato de perdoar. Não basta apenas ter a convicção de que se deve perdoar, é preciso que o perdão tenha sentido na vida de quem o pratica.

A compreensão de Simão acerca do perdão nos faz lembrar da equação da experiência de perdoar proposta por Ricoeur (2007), que consiste em situar embaixo a confissão da falta, no alto o hino do perdão. No nosso entendimento, quando Simão foi ao confessionário não foi apenas narrar suas falhas, mas também foi reconhecer que estava precisando do perdão. Perdão esse, que o lançou para o alto, lhe conduzindo ao sentimento de paz.

Ligando as unidades de sentido dos sujeitos da pesquisa, podemos dizer que quando se perdoa estar-se considerando que a pessoa é mais importante do que a ofensa sofrida. Para tanto, é necessário reconhecer que não se pode alterar o passado, mas ressignificá-lo. Apesar desses elementos estarem presentes nas narrativas dos participantes do estudo, identificamos que o grande desafio é reconhecer que a experiência de perdoar é essencialmente uma ação movida pela gratuidade. Ressaltamos que a gratuidade relacionada ao perdão é fundamentada nas reflexões de Paul Ricoeur. Particularmente, concordamos com essa compreensão por entendermos que quando se perdoa, se estar cancelando uma dívida sem exigir nada em troca.

Suscintamente, perdoar é um ato de gratuidade que valoriza a pessoa, possibilitando a busca de um novo sentido ao passado na medida em que não se pode alterá-lo. Eis aqui uma rede de sentido que elaboramos por meio das unidades de sentidos das falas de cada entrevistado em torno da experiência de perdoar, ressignificação e sentido na vida.

3.5 Espiritualidade, saúde e perdão

Nesse momento, propomos analisar as descrições das experiências de perdoar, relatadas pelos entrevistados, articulando os conceitos de espiritualidade, saúde e perdão. Nos procedemos da mesma maneira, apresentando as unidades de sentido e, em seguida, construindo uma rede de sentido que expressa uma síntese das falas.

Pedro

Pedro destaca que o benefício de perdoar é ter uma vida mais tranquila. Para ele, Deus se mostra no ato de perdoar. Identificamos aqui, o divino, o sobrenatural no ato de

perdoar. Isso quer dizer, para nós, que há uma dimensão espiritual no momento em que se perdoa.

Pedro, recorrendo a sua crença, afirma que o perdão é o sacramento mais difícil de ser realizado. Lembramos aqui de Paul Ricoeur (2007) quando afirma que a atitude de perdoar é difícil, mas não impossível. Ele discorre sobre o tema do perdão dizendo que ele é difícil de se dar, de se receber e de se conceituar. Pedro diferencia a dor física da dor da alma, situando o perdão como uma dor vivida pela alma. Isso significa dizer que, segundo ele, quando um ladrão causa um ferimento no corpo, estamos diante de uma dor física. Entretanto, se uma filha bate no rosto do pai, essa dor não é somente física, mas uma dor da alma.

Pedro ressalta que o perdão representa para ele a busca de uma vida mais tranquila. Tal busca pode indicar a procura de uma vida mais saudável no campo do sentido, seguindo a perspectiva de Frankl (2005). Desse modo, a saúde não é vista aqui a partir de uma leitura funcional ou orgânica, mas no âmbito de um sentido para a vida. Encontramos, assim, a presença da espiritualidade como elemento constitutivo de uma vida saudável.

As reflexões sobre as relações entre espiritualidade, saúde e perdão nos faz lembrar o entendimento que Gadamer (2006) tem sobre o caráter oculto da saúde. A dimensão oculta significa considerar um aspecto interpretativo da vida saudável. O apelo à uma hermenêutica da saúde coloca em evidência aspectos de natureza simbólica para se compreender o ato de perdoar. Parâmetros físicos ou orgânicos não são suficientes para compreender a saúde humana.

André

André revela que a experiência de perdoar nos torna livre e leve, criando um ambiente de paz e abrindo um horizonte de reconciliação. Destacou que perdoar é um bem maior para si mesmo. Quando se perdoa, André diz que se cancela adoecimentos físicos, psíquicos e espirituais. Porque, para ele, existem muitas doenças que são uma somatização do ódio, do rancor e da raiva, afirmando que, no final das contas, perdoar gera saúde.

André ressalta que o perdão nos conduz para uma vida mais livre e leve, estabelecendo um cenário de paz. Identificamos em sua narrativa a interrelação entre espiritualidade, saúde e perdão por meio de ações que se expressam no contexto da

produção de sentido. Assim, tornar-se saudável, segundo Winnicott (2011), está diretamente associado ao viver criativo, que diz respeito a tudo que realizamos para reforçar o sentimento de que estamos vivos, apesar do sofrimento e do desamparo. Para ele, ser saudável é buscar um modo de existir criativo que não se confunde com a criação artística de uma habilidade peculiar própria daquele que faz arte. O viver criativo é a expressão de uma vida que se reinventa permanentemente.

Essas considerações podem ser relacionadas com as elaborações de Ricoeur e Frankl, na medida em que o perdão é o ato de cancelar uma dívida como resultado de um trabalho no âmbito da memória e da elaboração de sentido. O destaque aqui é dado a pensar a saúde do ponto de vista existencial ou singular.

Ainda percebemos que na fala de André ele fez menção ao perdão como possibilidade de reconciliação. Pensamos que, essa perspectiva pode ser considerada à luz da noção de reparação de Klein (1996). No nosso entendimento, é possível considerar uma aproximação entre o perdão como abertura para reconciliação e a atitude de reestabelecer vínculos humanos por meio da reparação.

Klein (1996) vincula a força poderosa do amor ao impulso de reparação, que visa prevalecer o amor em relação ao ódio. Reconhecemos que, ser afetado por alguma ofensa nos deixa inclinados para o sentimento de ódio. Todavia, as elaborações do perdão é uma indicação de que é possível buscar uma vida saudável como consequência da experiência de perdoar, fazendo triunfar o amor em detrimento ao ódio. Apesar do amor sobressair em relação ao ódio, não podemos separar a díade amor e ódio nas reações humanas, na medida em que ambos são constitutivos do agir humano.

Mateus

Mateus, assim como André, toma a leveza como benefício que a experiência de perdoar vem trazer a sua vida. Ressaltou o perdão como um aporte pedagógico, pois, dessa forma, pode falar de sua experiência de perdoar para outras pessoas e, assim, elas podem aprender com a experiência dele. Finalmente, o principal benefício que a atitude de perdoar veio mostrar a Mateus foi entender que perdoando estaria agradando o coração de Deus, então, o foco de sua vida é agradar a Deus. Nesse sentido, ele busca o perdão, mesmo entendendo que nem sempre nossa vontade é perdoar, mas saber que Deus se agrada com a atitude de perdoar.

Mateus também destacou um aspecto positivo do perdão que André também havia destacado, a saber, a liberdade. Disse ele, quando não se perdoa, ficamos presos as falhas dos outros. E continua dizendo que viver preso à falha dos outros é considerarmos alguém inerrante. Mateus usou a metáfora usada por Jesus que diz que nós somos o sal do mundo, para dizer que perdoar é trazermos tempero para uma vida sem sabor. Dessa maneira, a vida passa a ter um gosto melhor.

Mateus percebe o ato de perdoar como um testemunho de vida de caráter pedagógico. Segundo Pacciolla (2015), o perdão pode ser compreendido no contexto da formação, exigindo daquele que perdoa e daquele que recebe o perdão, um esforço pedagógico. Tal esforço está diretamente associado ao contínuo processo formativo da consciência moral. Para ele, é necessário possuir a consciência de ter cometido um erro ou reconhecer sua culpa para poder receber o perdão.

Apesar de reconhecermos a dimensão da consciência moral em torno do perdão, tal como Pacciolla (2015) a concebe, admitimos que Ricoeur tem razão quando destaca que apenas a dimensão da consciência moral não é suficiente para todo o processo que envolve a atitude humana de perdoar. Para Ricoeur (2019), a experiência de perdoar nos lança no contexto da gratuidade do perdão. Inspirados em Frankl (2019b), é preciso recorrer à atitude de transcendência para se experimentar o perdão. Evidentemente, essas considerações não retiram o valor pedagógico e moral da atitude de perdoar.

Em especial, Frankl (2019b) admite à existência de uma dimensão espiritual que direciona as ações humanas, a dimensão noética. Tal dimensão nos liberta dos determinismos psicológicos, sociais, morais e religiosos. É por essa razão, que o perdão pode ser associado a espiritualidade e a saúde na medida em que, a experiência de perdoar é a expressão da dimensão noética tal como é concebida por Frankl (2019b). A dimensão noética, enquanto genuinamente humana, nos direciona para uma abertura de sentido que extrapola os ressentimentos dos traumas sofridos pelas ofensas praticadas por um ofensor.

João

No contexto da espiritualidade, João evidencia que para se compreender o perdão, necessitamos alcançar o sentido da profundidade do perdão de Deus e de sua graça. Ele disse que no capítulo 2, do livro de Efésios, da Bíblia Sagrada, o autor da epístola vai falar do amor primeiro de Deus quando éramos inimigos de Deus. João percebe que o perdão está ligado a misericórdia e a graça. Mas, ressalta que a misericórdia e a graça não são antônimos de justiça.

Na percepção de João, as pessoas que têm uma maior dificuldade de perdoar são pessoas rancorosas. Geralmente, essas pessoas, têm uma auto imagem deturpada, além disso, se acham mais dignas do que aquelas a quem ela nega o perdão. Ele, ao se referir acerca dos benefícios que o perdão lhe traz, destaca que a pessoa que consegue perdoar dorme um sono tranquilo, acorda sem pensar no seu agressor, não precisa desviar os seus caminhos para não encontrar aquela pessoa. A pessoa que perdoa exercita a misericórdia de Deus. Outro benefício dito por João é ter uma visão mais positiva das pessoas, acreditar na restauração delas. Segundo ele, “perdoar faz bem. Perdoar traz saúde para a alma”.

João ressalta a importância dos benefícios do perdão, considerando sua condição de Ministro do Evangelho enquanto canal de propagação da graça de Deus. Perdoar, nesse sentido, é uma necessidade, na visão dele, para que a sua mensagem tenha “personalidade”. Salientou que o perdão é algo tão poderoso que na hora que se perdoa quem o ofendeu e o trata bem, a Bíblia diz que aquele que perdoa estará amontoando brasa viva sobre a cabeça do inimigo.

Percebemos na fala de João que, apesar de sua orientação de natureza religiosa, ele expressa uma espécie de ato espontâneo de perdoar. Segundo Ricoeur (2007), não há uma relação de reciprocidade entre o pedido de perdão e sua concessão. Nesse caso, é possível a pessoa ofertar perdão sem atrelar ao pedido de perdão do outro. Identificamos em João uma inclinação generosa para doar o perdão. Isso reforça a compreensão de Ricoeur (2007) que o perdão está situado nos limites da justiça. Se nos apegarmos ao senso de justiça, muito provavelmente iremos desenvolver um sentimento de vingança. Nesse sentido, “a atitude de perdoar demanda uma travessia que se configura numa *odisseia*, conduzindo-nos a um caminho para além das exigências legais ou morais, instituídas socialmente (CAMINHA, 2019, p.177).

Do ponto de vista de Frankl (2019b), as ações humanas estão fortemente presentes nas decisões dos sujeitos. Isso significa dizer que somos responsáveis pelos nossos atos. Desse modo, o ato de perdoar exige uma atitude de responsabilidade. Reconhecemos que a tarefa de perdoar não é fácil, mas nas palavras de Ricoeur (2007) “não é impossível”. Observamos o engajamento de João no sentido de valorizar o perdão em sua vida, transformando-o numa prática de espiritualidade associada à saúde. Localizamos no próprio ato de narrar a possibilidade de reelaborar o sofrimento e transformá-los em perdão. Acreditamos que seja por essa razão que em sua narrativa, João nos diz: “Perdoar faz bem. Perdoar traz saúde para a alma”. O apelo a noção de alma serve para reforçar

que não podemos reduzir a saúde ao mero equilíbrio funcional e orgânico do corpo, separado das elaborações de sentido que realizamos ao longo das nossas vidas.

Tiago

Tiago nos revela, em sua fala, que a experiência de perdoar lhe traz grandes benefícios para sua vida. Ele destaca três: O primeiro é saber que é um desafio do qual ele não pode abrir mão. Enfatiza que é um estado de abnegação contínuo, que exige renúncias da parte do ego em função do outro. Tiago exemplifica dizendo que todo dia alguém pode fazer alguma coisa que lhe fira. Dessa forma, essa experiência se vivifica dentro dele. É um desafio de todo dia ser mais humano, mais sensível.

Em Segundo lugar, Tiago enfoca que a experiência de perdoar lhe faz crescer e ser mais tolerante com os outros. Ele utiliza a metáfora do elástico para falar da tolerância. Diz ele: “A tolerância é um elástico que a nossa alma cria para poder lidar no mundo dos outros. E se eu não tenho tolerância, eu radicalizo, e se eu radicalizar, não tenho como conviver. Então, a tolerância é o elástico da minha convivência”.

Como terceiro benefício, Tiago vai falar do quanto o perdão lhe ensinou no decorrer de suas experiências de vida. Enfatiza que o perdão é um remédio que não permite a sua alma adoecer. Quando se estar doente, toma-se remédio e existe alguns medicamentos que precisam ser tomados, continuamente, todos os dias. Então, para Tiago, o perdão é um remédio que ele toma todos os dias para que sua alma não adoça.

Tiago, ao falar da importância de se perdoar, destacou que, enquanto cristão e Ministro do Evangelho, primeiramente, deve ser coerente com a sua fé cristã. Ser coerente com Jesus Cristo que lhe perdoou primeiro. Na sua fala lembra que só é d’Ele um ministro e um servo porque Ele lhe perdoou. Em segundo lugar, ele falou que perdoar é importante para criar possibilidades reais de convivência com o diferente, com o erro e as feridas dos outros. E finalmente, o perdão nos ensina todos os dias de forma terapêutica. Ele cura nossa alma. Desse modo, Tiago continua falando sobre o perdão afirmando: “Ele liberta a minha alma de prisões que me fariam menos humano, me fariam menos digno da vida que tenho. Sem perdão a gente fica amargo, fugidio, arredo e ressentido. Então, perdão, para mim, é condição de respiração da alma para seguir vivendo”.

Analisando as falas de Tiago, podemos associar seu entendimento de que o perdão exige uma renúncia de si para perdoar com as noções de autodistanciamento e autotranscendência de Frankl (2005). No que diz respeito ao autodistanciamento, podemos compreender que o perdão demanda uma atitude de afastar-se de si mesmo e

mover-se em direção ao outro. Com relação a autotranscendência, impõe-se a necessidade de esquecer-se de si para poder se colocar no lugar do outro, enquanto alteridade. O perdoador, passa a perceber o outro para além de si, mas partindo sempre a partir de si mesmo.

Ao falar que o perdão é a "...condição de respiração da alma para seguir vivendo", Tiago aponta para o horizonte de esperança que o perdão proporciona. No lugar de se tornar refém de uma memória cristalizada, prisioneira de suas lembranças traumáticas, Tiago opta pela prática do perdão. Segundo Ricoeur (2007), o perdão nos lança para um horizonte de esperança. "É justamente essa esperança que habita o ato do perdão: o ser humano não esgota seu ser na ação má e isto significa que ele possui a capacidade de ir além do mal cometido" (SALLES, 2019, p.429).

Tiago também nos fala da responsabilidade de ser coerente com a sua fé em Cristo, considerando seu lugar de Ministro do Evangelho que tem a consciência de que ser cristão pressupõe ter sido perdoado por Cristo. Essa compreensão nos faz lembrar de Pacciolla (2015), quando diz que o perdão, particularmente no campo religioso, deve ser associado à dimensão da transcendência. Se tomarmos como exemplo o contexto judaico-cristão, encontramos a peculiaridade de que Deus nos perdoa. É possível ter como motivação para atitude de perdoar, a condição de ser perdoado por Deus. Pacciolla (2015) afirma que essa forma de perdão segue o modelo da "pedagogia divina", que consiste em admitir que o perdão foi gerado a partir de uma dimensão transcendente.

Encontramos, nas narrativas de Tiago, o entrelaçamento entre espiritualidade e saúde gerados pelo ato de perdoar. Segundo (Aquino, 2020, p.71), "os atos espirituais em sua origem não são passíveis de reflexão, ou seja, são pré-reflexivos". Nesse sentido, apela-se aqui para a dimensão intuitiva da consciência. Isto é, a relação imediata da consciência com o objeto. Assim, o perdão segue a lógica do amor, que perdoa o outro gratuitamente.

Seguindo os passos de Frankl (2005), a espiritualidade diz respeito ao anseio pelo sentido presente na vida humana. Com base nessa compreensão, entendemos que o perdão é uma forma de busca de sentido na vida, visando uma vida mais saudável "a espiritualidade se torna uma força motriz de crescimento e cura porque põe a pessoa em movimento para fora de si mesmo" (CARRARA, 2016, p.80). Logo, o perdão lança o ser humano num caminho de liberdade, leveza e saúde.

Simão

Simão considera a atitude de perdoar como beneficiário da paz, da liberdade e do amor. Segundo ele, devemos perdoar para poder reconstruir a família de Deus, no sentido mais amplo da palavra reconstruir. Só através do perdão, a partir de mim, disse ele, eu vou colaborando com essa reconstrução da unidade que deve existir entre os filhos e o Pai. Não é possível fazer essa comunhão sem o perdão.

Simão mencionou sobre experiências que vivia todas as semanas no Seminário que se chamava “quebra casca”. Tratava-se de um momento de revisão de vida entre os seminaristas. Todos os presentes eram levados a falar sobre episódios que poderiam ter interrompido o bom relacionamento durante a semana. Aquele momento, era propício para haver arrependimento, bem como uma ocasião para o perdão e reconciliação. Tempo de reconstrução da unidade e da comunhão consigo mesmo, com os outros e com Deus.

Pensamos ser pertinente fazer associação desta vivência da “quebra casca” relatada por Simão, no Seminário, com o que Pacciolla (2015) nos diz acerca da correlação entre culpa e perdão. Segundo ele, para se doar e receber perdão é preciso ter a consciência de que se cometeu um erro e de se reconhecer culpado. Tudo isso é fundamental para se elaborar o autêntico perdão. Perdão e culpa possuem, assim, uma correlação. É por essa razão que Pacciolla (2015, p. 263) afirma que “quanto melhor se analisa a psicopatologia da culpa, melhor se compreende a psicodinâmica do perdão”.

Simão ao narrar sobre suas vivências concernentes a relação espiritualidade, saúde e perdão, evidenciou o perdão como expressão de liberdade, de paz e de amor. Essa expressão tem como fundamento a virtude do perdão. Segundo Aquino et al (2019), Frankl considera o perdão como uma postura de vida, mesmo tendo perdido quase toda sua família em campo de concentração. Com essa postura ele adota uma atitude a favor da cultura de paz no lugar da cultura de guerra.

Buscar uma cultura de paz, por meio do perdão, no faz lembrar do entendimento de Ricoeur (2007) sobre a necessidade de desligar o agente de seu ato. Um ato pode ser muito traumático e doloroso e até pode parecer imperdoável. Entretanto, o agente é uma pessoa em que se pode lançar sobre ele a generosidade do perdão. Em outras palavras, o ato é reprovável, mas a pessoa pode ser perdoada.

Na intenção de agrupar as diferentes unidades de sentido dos sujeitos da pesquisa, no que diz respeito à espiritualidade, saúde e perdão, foi possível identificar entre os entrevistados que o ato de perdoar trouxe benefícios à saúde. Destacamos que, não se trata diretamente da saúde funcional ou orgânica, definida por parâmetros biomédicos.

Nos referimos a saúde do ponto de vista existencial ou de encontro de sentido. Isso pode ser identificado nas falas dos sujeitos quando eles mencionam que o perdão possibilita uma cultura de paz e um horizonte de reconciliação, reestabelecendo vínculos por meio da reparação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nosso estudo foi analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de resignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde. Tal análise foi realizada a partir do registro das experiências de perdoar de líderes da espiritualidade cristã, considerando os aspectos da espiritualidade e da saúde implicados nessas experiências. As narrativas dessas experiências de perdoar foram analisadas a partir das reflexões teóricas de Paul Ricoeur e Viktor Frankl, considerando as relações entre espiritualidade, saúde e perdão.

Com base na análise realizada, chegamos à conclusão de que o perdão pode ser considerado uma experiência de resignificação e busca de sentido na vida enquanto experiência de superação de sofrimento, dor e ressentimento. Quando não se perdoa, existe uma tendência de se permanecer ligado à situação traumática do passado, naufragando, dessa maneira, no adoecimento. A memória aqui, corre o risco de cair na cristalização e na estagnação. Quando se perdoa, acontece uma espécie de torção que vai da dimensão do ressentimento para a vontade de resignificar a vida.

O percurso do perdão, ao contrário, significa instaurar caminhos para uma vida saudável, na medida em que o ato de perdoar, além de ser uma experiência de resignificar o passado no contexto da memória, é também uma busca de resignificar a própria existência. O perdão, desse modo, ganha um sentido existencial. Assim, a vontade de sentido é o ânimo fundamental do ser humano para encontrar e realizar sentidos e propósitos para a vida.

Com a apropriação conceitual de uma memória dinâmica sujeita a constantes elaborações e reelaborações, o ser humano pode, pelo perdão, dissolver a dor e encontrar um sentido para viver. Quem consegue encontrar um sentido na vida consegue suportar as dores do sofrimento. A busca de sentido na vida é a principal força motivadora para se viver. Existe em cada um de nós uma vontade de sentido que direciona a nossa vida para além de nós mesmos.

Foi nesse contexto, que aproximamos Ricoeur e Frankl para mostrar que o perdão exige daquele que perdoa o reconhecimento de que não se pode alterar o passado, mas resignificá-lo e, assim, dar novos sentidos ao presente e ao futuro. Segundo Ricoeur, perdoar não significa retirar do outro as consequentes responsabilidades de seus atos, mas

fazer uma dissociação radical entre a ação efetuada e seu agente, outrora presente na atitude de ressentimento. Essa dissociação na nossa compreensão, não é resultado apenas de um trabalho de memória, mas também é fruto de uma atitude da vontade de sentido, inspirada nas reflexões de Frankl. Vale ressaltar que o processo do perdão não segue a lógica de uma troca, ou seja, aquele que perdoa não necessita de receber o pedido de perdão de quem lhe ofendeu. Nesse sentido, caso o ofensor solicite o perdão, este pode ser recusado pelo ofendido, evidenciando o sentido da generosidade, da doação e da gratuidade do perdão.

Quando se perdoa, ocorre um deslocamento da dimensão do ressentimento para a vontade de sentido. Perdoar exige a vivência de um processo que se dá no âmbito da memória, na medida em que as reminiscências das mágoas de um sofrimento é ressignificada. Todavia, perdoar também exige uma atitude de autodistanciamento e autotranscendência, que no campo do perdão, consiste em dedicar-se a tarefa de se distanciar-se de si mesmo (autodistanciamento) e dirigir-se ao outro para lhe ofertar perdão (autotranscendência). Perdoar requer a atitude de transcender a si mesmo, manifestando a postura generosa de doar perdão.

O ato de perdoar é, sobretudo, uma ação espiritual. Percebemos que, tanto para Ricoeur como para Frankl, a espiritualidade não é um conceito preso à religião. Ela é o gesto demasiadamente humano que visa à busca de sentido para a existência. A vida torna-se insuportável sem um sentido para vivê-la. Podemos ver no ato de perdoar toda força do sentido de espiritualidade nas obras de Ricoeur e Frankl. O ser humano tem a possibilidade, por meio da atitude de perdoar, dissolver a dor do ressentimento e encontrar um sentido para viver.

Existe, em cada um de nós, a sensibilidade de se inclinar para a vingança ou para o perdão. Particularmente, acreditamos que o perdão nos traz saúde por nos livrar do ressentimento e nos fazer criar um horizonte de futuro regido pela gratuidade de doar perdão. Isso nos faz mais humano, independente da religião que seguimos.

Ademais, consideramos que foi possível identificar que o perdão trouxe benefícios à saúde dos entrevistados. Salienta-se que a saúde mencionada não se trata, meramente, da saúde funcional ou orgânica, preconizada por critérios biomédicos. O que destacamos, no tocante a saúde, foi seu aspecto existencial e de criação de sentido. Tal perspectiva relaciona espiritualidade e saúde na medida em que perdoar se caracteriza pela experiência de abertura para o transcendente. Nesse sentido, apesar dos entrevistados

serem todos cristãos, quando nos referimos à transcendência, não nos limitamos à religiosidade, mas ao fenômeno de se distanciar de si mesmo para ofertar ao outro a generosidade do perdão.

Tornar-se saudável, pelo caminho do perdão, significa agir com maturidade, do ponto de vista emocional, para se colocar no lugar do outro e buscar um novo começo para a vida. Ressaltamos nas narrativas analisadas que o perdão se estabelece a partir de um processo, que nos lança para além de exigências legais, morais ou religiosas. Nossa pesquisa nos revela que perdoar depende totalmente do desprendimento de quem oferta o perdão. Essa oferta pode ser considerada um gesto espontâneo e criativo, resultado de elaborações plásticas do sujeito que perdoa. Destacamos que, o perdão não é um remédio a ser prescrito para se obter saúde. No nosso entendimento, ele proporciona uma vida mais saudável como manifestação consequente da experiência de perdoar.

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir com o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), em especial com a linha de pesquisa: Espiritualidade e Saúde, por meio desse estudo que nos revelou o quanto importante é a dimensão da espiritualidade na promoção da saúde através do perdão.

Gostaríamos de destacar o quanto desafiador foi, para nós, realizar essa pesquisa no contexto da pandemia do Covid-19. Tempos marcados por muitas perdas e dores, que nos exigiu resiliência e ressignificação da vida. Nossos teóricos de base, Ricoeur e Frankl, não foram apenas referências para analisar as narrativas dos entrevistados, mas sobretudo, interlocutores viscerais para atravessarmos esses momentos tão difíceis. Eles nos ajudaram a intensificar a vida num cenário sombrio.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. Batista; AQUINO, T. A. Avellar de. *Atitude Religiosa e Percepção Ontológica do Tempo: Um Estudo Correlacional com Pacientes com Insuficiência Renal Crônica em Hemodiálise*. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo – RS, v. 9, pp. 55-68, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v9n1/05.pdf>. Acesso em: 19 de agost. 2021.
- AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011.
- AQUINO, T. A. de A. et al. *Monotropismo e movimento para a paz no pensamento de Viktor Frankl*. Interações, Belo Horizonte – MG, v. 14, n. 26, pp 29-314, 2019. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18226/16351>. Acesso em: 20 de agost. 2021.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *Espiritualidade e transcendência na perspectiva de Viktor Frankl*. Aufklärung, João Pessoa - PB, v.7, n. esp. 2020, pp. 65-72. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/56740/32227>. Acesso em: 16 de agost. 2021.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: Confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia brasileira de estudo*. Versão Almeida Século XXI. São Paulo. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2016.
- BRASIL. *Lei nº 13.437/2017, de 19 de abril de 2017*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/hpsenado>. Acesso: 01 de novembro de 2021.
- CAMARGO, Brígido Vizeu e JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas psicol.* [online]. 2013, vol.21, n.2, pp. 513-518. ISSN 1413-389X. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 15 de set. 2021.
- CAMINHA, Andréa Lima do Vale. (2014). *Perdão e saúde: tensões entre memória e esquecimento*. Revista Mosaicum, Teixeira de Freitas – BA, ano10, nº 20, pp. 64-71. Disponível em: <https://revistamosaicum.org/index.php/mosaicum/article/view/136/119>. Acesso em: 20 de junho 2020.
- _____. *Saúde Psíquica: reflexões sobre o perdão*. In: LEITE, Ursula e MENDES, Inês Cavalcanti. A qualidade imperfeita e a clínica psicanalítica. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.
- CARRARA, Paulo Sérgio. *Espiritualidade e saúde na logoterapia de Viktor Frankl*. Interações: Cultura e comunicação, Belo Horizonte - MG, v. 11, n. 20, 2016, pp. 66-84. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n20p66/10883>. Acesso em: 03 de junho 2020.

COSTA, Diego Oliveira da e OLIVEIRA, Luan da Silva de. *Características do Líder Cristão: um estudo de I Timóteo 3:1-7*. Revista Luzeiro, Vol. I. nº1, 2020. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ou5Z0HiSyKkJ:luzeiros.faama.edu.br/index.php/revistaluzeiros/article/download/4/4+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 de junho 2021.

FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 2019a.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 2002.

_____. *Um Sentido Para a Vida: Psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Ideias & letras, 2005.

_____. *O Sofrimento Humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. São Paulo: É realizações, 2019b.

_____. *Psicoterapia e Existencialismo: Textos selecionados em logoterapia*. São Paulo: É realizações, 2020.

FREUD, S. *Carta 52*. ESB. In: Rio de Janeiro: Imago, 1987. V.1.

GADAMER, Han-Georg. *O caráter oculto da saúde*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GASSIN, A. Elizabeth et al. *The Will to Meaning in the Process of Forgiveness*. Journal of Psychology and Christianity. 1995, Vol. 14, No. 1, 38-49. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1995-30113-001>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KOENIG, H. G. *Espiritualidade no cuidado com o paciente*. Curitiba: Editora Fé, 2005.

MARTINS, Joel; BICUDO, M. A. Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC e Moraes, 1989.

PACCIOLLA, Aureliano. *Psicologia Contemporânea e Viktor Frankl: Fundamentos para uma psicoterapia existencial*. São Paulo: Cidade Nova, 2015.

REIMÃO, Cassiano. *Guerra, paz e perdão*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, nº 16, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 37-48. Disponível em: file:///D:/Andrea/Downloads/RFCSH16_37_48.pdf. Acesso em: 20 de set. 2021.

RICOEUR, Paul. *Epílogo: O perdão difícil* (2007). In: A memória, a história, o esquecimento. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.

_____. *O perdão pode curar?* Revista Viragem, n. 21, 1996. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf. Consultado em: 02/11/2019.

SALLES, Walter Ferreira. *Paul Ricoeur e a lógica do perdão*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 414-435, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2019v17n52p414/14613>. Acesso em: 20 de maio 2020.

SANTOS e RIBEIRO. *Espiritualidade e secularismo na atualidade*. Revista de teologia da Faculdade FASSEB, Vol. 8, nº1, 2018. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:K25nQ6j-wBMJ:www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfa>. Acesso em 15 de set. 2020.

SILVA, Marinilson Barbosa da. *Fenomenologia da liderança, pentecostais e religião: uma análise fenomenológico-existencial acerca do significado do ser líder religioso em comunidades pentecostais e neopentecostais no Vale dos Sinos – RS*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

TONIOL, Rodrigo. *Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade*. Anuário Antropológico, Brasília, UnB, 2017, v. 42, n. 2, pp. 267-299 Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas_vol_42_n2/Atas do espirito.pdf](http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas_vol_42_n2/Atas_do_espirito.pdf). Consultado em: 15/11/2019.

VEDOATO, Giovani Marinot. *O cristão hoje: discípulo e missionário de Jesus Cristo*. Revista Castelo Branco Científica, Ano II, nº 03, 2013. Disponível em: <http://cbc.fcb.edu.br/img.content/artigos/artigo77.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANEXOS
E
APÊNDICES

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO: RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA VIDA

Pesquisador: ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38627620.7.0000.5188

Instituição Proponente: CENTRO DE
EDUCAÇÃO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.354.378

Apresentação do Projeto:

Projeto do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (Mestrado)/CE/UFPB. Pesquisa é do tipo qualitativa que adota como perspectiva metodológica a fenomenologia. As entrevistas serão realizadas individualmente em local adequado para que os participantes da pesquisa se sintam seguros e vontade para falar livremente. Os participantes da pesquisa serão líderes espirituais cristãos católicos e evangélicos de algumas igrejas da cidade de João Pessoa. Serão selecionados três padres e três pastores em João Pessoa - PB.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Vale lembrar que esta pesquisa apresenta riscos considerados “mínimos”, pois os participantes podem ficar inibidos no momento da entrevista. A possibilidade dos participantes da pesquisa, no momento de suas narrativas se sentirem constrangidos por revelarem experiências pessoais.

Benefícios: Quanto aos benefícios, pretende-se ampliar o debate acerca das relações entre espiritualidade, saúde e perdão, possibilitando os sujeitos usarem o momento das entrevistas para produzirem novas elaborações psíquicas em torno do perdão e, dessa forma, rever sua postura de ressentimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De comum acordo com os objetivos, referencial teórico, metodologia e referências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta a documentação de praxe.

Recomendações:

Divulgar resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1631004.pdf	28/09/2020 15:49:26		Aceito
Outros	8_INSTRUMENTO_PARA_COLETA_DADOS.pdf	28/09/2020 15:48:58	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	28/09/2020 15:48:42	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Orçamento	6_PREVISAO_ORCAMENTARIA.pdf	28/09/2020 15:48:33	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Cronograma	5_CRONOGRAMA_DE_ATIVIDADES.pdf	28/09/2020 15:48:20	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Projeto Detalhado	4_PROJETO_DETALHADO.pdf	28/09/2020	ANDREA LIMA DO	Aceito

Continuação do Parecer: 4.354.378

/ Brochura Investigador	4_PROJETO_DETALHADO.pdf	15:48:05	VALE CAMINHA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	3_TERMO_DE_ANUENCIA_02.pdf	28/09/2020 15:47:45	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	3_TERMO_DE_ANUENCIA_01.pdf	28/09/2020 15:47:33	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Outros	2_CERTIDAO_DE_APROVACAO_DO_PROJETO.pdf	28/09/2020 15:47:14	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito
Folha de Rosto	1_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	28/09/2020 15:46:50	ANDREA LIMA DO VALE CAMINHA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 22 de outubro de 2020

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900

UF: PB **Município:** JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa intitula-se: **ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E PERDÃO: RESSIGNIFICAÇÃO E SENTIDO NA VIDA** e está sendo desenvolvida por **ANDRÉA LIMA DO VALE CAMINHA**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões – Nível Mestrado, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Professor Dr. THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO.

O objetivo geral do presente estudo é analisar como o perdão pode ser considerado uma experiência de ressignificação e busca de sentido na vida no âmbito da relação entre espiritualidade e saúde. E os objetivos específicos, são: Registrar as experiências de perdoar de líderes da espiritualidade cristã, considerando os aspectos da espiritualidade e da saúde implicados nessas experiências e analisar as narrativas das experiências de perdoar de líderes da espiritualidade cristã a partir das reflexões de Paul Ricoeur e Viktor Frankl, considerando as relações entre espiritualidade, saúde e perdão.

Justificamos o estudo do entrelaçamento que envolve a relação entre Espiritualidade, Saúde e Perdão por entendermos torna-se relevante num cenário em que a dificuldade de perdoar adoece as pessoas. Perdoar não significa apagar da memória os fatos traumáticos que geraram sofrimentos, mas ressignificar o passado abrindo um novo horizonte para o futuro. Na nossa compreensão, Paul Ricoeur e Viktor Frankl são autores de extrema importância para se pensar o perdão como manifestação da espiritualidade em busca de uma vida saudável.

A sua participação na pesquisa é voluntária e de fundamental importância e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum prejuízo. Vale lembrar que esta pesquisa apresenta riscos considerados “mínimos”, pois os participantes podem ficar inibidos no momento da entrevista. Quanto aos benefícios, pretende-se ampliar o debate acerca das relações entre espiritualidade, saúde e perdão, possibilitando os sujeitos usarem o momento das entrevistas para produzirem novas elaborações psíquicas em torno do perdão e, dessa forma, rever sua postura de ressentimento. Os

riscos se justificam, pois, mesmo com a possibilidade de ficar, em algum momento, inibido com a presença da pesquisadora assistente, o pesquisado terá a oportunidade, em querendo, tirar suas dúvidas a respeito de dita matéria, tudo como preceitua a Resolução 510/16 do CNS e suas complementares.

Solicito sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou publicar em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido no mais absoluto sigilo.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes da Resolução 510/16 do CNS – Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, _____ declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento, assinada por mim e pela pesquisadora.

João Pessoa-PB, ____ de _____ de 2021.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora Responsável

Endereço da Pesquisadora Responsável: Av. Manoel Moraes, 632 / Ap. 201 / Manaíra - João Pessoa / PB

CEP: 58.038-231 - Fones: (83) 9 9986.9070 - e-mail: andrealvcaminha@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João

Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO****I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

Idade:

Naturalidade:

Escolaridade:

Profissão:

Formação teológica/Instituição:

Outras formações/Instituição:

Tempo de atuação no sacerdócio:

APÊNDICE C

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS PROPOSTOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.
2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.
3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?
4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?
5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?
6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?
7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?
8. Afinal, para quê perdoar?

Endereço do Pesquisador Responsável:

Av. Manoel Moraes, 632 / Ap. 201 / Manaíra

João Pessoa / PB

CEP: 58.038-231

Fones: (83) 9 9986.9070

E-mail: andrealvcaminha@gmail.com

Endereço do Comitê:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba

Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar

João Pessoa/PB

CEP: 58.051-900

Fones: (83) 3216-7791

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTADO 1: PEDRO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 51 anos

Naturalidade: Tanquinho / BA

Escolaridade: Superior

Profissão: Sacerdote

Formação teológica/Instituição: Seminário da Diocese e PUC/SP

Outras formações/Instituição: Filosofia/Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
Campus São Leopoldo - Uni sinos - RS

Tempo de atuação no sacerdócio: 19 anos

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Eu ia com o padre abrir as cancelas com 13 anos para ele celebrar as missas. Ele ia celebrar as missas e eu jovem com 13 anos ia abrir as cancelas. Aos poucos eu comecei a participar da igreja. E o padre, uma pessoa muito especial até hoje está na minha vida. O meu mentor. Ele deixou de ser padre, casou-se com uma freira, mas é Professor da Uni sinos. Eu namorava muito, eu tive uma vida como um jovem, tranquilo. Tanto que quando o padre me chamou para um curso vocacional, para mim foi um susto. Porque primeiro, a visão de padre que é celibatário, que é santo, essas coisas... então eu não me encaixava. Meu perfil não batia. Mas, eu fui fazer o curso vocacional e ele disse se você não gostar você vem embora, e acabou, mas aí eu gostei das aulas (risadas). Gostei das aulas, do curso e aí fiz uma semana do curso vocacional. Mas aí era para eu fazer uma experiência com os Jesuítas, foi em Feira de Santana. Mas, aí meu pai veio a falecer. Aí pronto

acabou, eu esqueci. Meu pai faleceu, então eu já não tinha 16 anos. Aí eu fui servir o exército, então eu passei 2 anos no exército e quando sai do exército, as irmãs já tinham vindo embora. Vieram para Alagoa Grande, aqui na Paraíba, as irmãs de Tanquinho, as freiras que viviam junto com o padre. As filhas do Sagrado Coração de Jesus. Tinha uma casa paroquial muito grande. O padre morava numa casa e elas noutra e aí a comunidade se desfez, cumpriu a missão. O padre ficou cinco anos, as irmãs já tinham ficado mais de vinte e aí elas abriram uma casa aqui em Alagoa Grande na Paraíba. E aí como meu pai faleceu, quando eu terminei o exército elas me convidaram e eu vim passar umas férias de um mês e estou até hoje na Paraíba. Porque aí foi que eu conheci o padre Magela e Ana Maria disse faça uma experiência no Seminário. Eu já estava com 20 anos. Entrei no Seminário, curiosamente, tinha eu que era um negro, um índio da Baía da Traição e um outro, do Rio Grande do Norte, de Mossoró. Um branco dos olhos verde, Lisboa. Eram nós três no Propedêutico, no bairro das Indústrias. E aí fizemos um ano de propedêutico e no ano seguinte, entramos no Seminário em Bayeux e de Bayeux, viemos para aqui para o Castelo Branco que a gente chamava de Gaiolão. Fiquei cinco anos. Fiquei um ano em Bayeux e 5 anos no Centremar estudando filosofia e teologia. Acontece que os cursos de filosofia e teologia estudados nos Seminários não são reconhecidos pelo MEC. Por isso, que na pós eu tive que fazer tudo junto para ser reconhecido. Como eu gosto de estudar não foi problema para mim. Fui ordenado no ano de 2000. O Dom Marcelo nos dizia que nós seríamos padres do Novo Milênio. E aí quando estávamos em 97, no quarto ano de Seminário, aí minha mãe faleceu e aí foi o nó para minha vida. Porque, na vida da gente tudo pode dar errado enquanto a gente tem mãe. É então isso eu vim acordar depois. Aí eu descobri porque eu era tão danado. Porque depois que a mãe morre aí pronto foge os pés. É como que eu tivesse que assumir todas as consequências das minhas atitudes. Antes não. Então tudo pode dar errado, então a gente volta para casa. Mas, essa casa é a mãe. E depois eu sou o primeiro filho, sou o mais velho de seis filhos. E veja entrar no Seminário com 20 anos foi difícil porque eu queria trabalhar para ajudar porque meu pai já tinha falecido e eu queria trabalhar para ajudar a criar meus irmãos. E aí foi um dilema isso, para decidir foi muito difícil. Então o Reitor na época Luiz Antônio disse fique no Seminário e aí Deus me deu uma graça e me sustentou no Seminário: todos meus irmãos se tornaram evangélicos. Essa foi a graça que Deus me deu.

Porque que agora eu não estaria mais preocupado com bebida. Eu tinha um irmão que era muito mulherengo. Hoje são todos trabalhadores. Então até hoje estão bem de vida. Uma irmã hoje mora em Feira de Santana. Uma outra irmã mora em Salvador, junto com outro irmão e em Tanquinho, uma irmã e um irmão.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.

Com as irmãs e o padre na cidade, a gente começou a participar do movimento estudantil e do sindicato dos trabalhadores rurais em Tanquinho. Então essa experiência foi que também deu uma arrancada na questão do Seminário. O Seminário foi consequência de uma vida. Foi o auge das CEBs, no ano de 93/ 94. Tanto que quando chegamos no Seminário a nossa primeira reunião com Dom José Maria Pires, nos apresentamos ele disse vamos ter bons padres, porque todos já vem do sindicato, já vem de uma experiência. Dom José tinha um projeto de diocese, portanto um projeto para os padres. Então se não tem um projeto de diocese, o padre vai servir pra que? Ele nos dizia, então, no Seminário a formação estava envolvida num projeto de diocese que é trabalhar com os pobres, trabalhadores rurais, MCT, pastoral de rua, moradores de rua. Comecei a liderar uma Paróquia no ano de 2000. No ano de minha ordenação. Assim que somos ordenados, somos dirigidos para uma Paróquia. Então eu fui para Pitimbu. Quem atendia eram os Franciscanos, que atendia no Conde. E aí os Franciscanos largaram, então nós tínhamos lá 16 comunidades. E Pitimbu, Caaporã eram comunidades. A experiência de estar à frente dessas comunidades era um desafio, porque não fazíamos outra coisa senão celebrar. Desafio: organizar 16 comunidades. Cada comunidade tinha seu dinheiro próprio. Os Franciscanos ficaram lá 20 anos, então não podia de um momento para outro mudar as coisas. Então, depois de 1 ano fizemos uma assembleia e dissemos vamos pensar num grupo que represente toda a Paróquia. Para pensar depois uma formação, precisa primeiro ter numa identidade. A cabeça da gente funcionava assim. Então, foi muito bonito o primeiro ano. E aí fizemos uma assembleia, criamos um grupo para coordenar toda a Paróquia, daí em cima dessa coordenação a gente pensar a questão dos sacramentos. Mas aí aconteceu que o bispo pediu para eu ir para Mataraca. Então, meu projeto todo foi embora. De lá foi o Leônidas. E eu fui para Mataraca. Fiquei um ano em Mataraca. Mas aí eu já queria estudar e então fiz um

projeto de mestrado e fui aceito para estudar na PUC de São Paulo. Em 2002 eu já fui estudar e lá eu fui padre auxiliar. Fiquei ajudando até 2010. Fiquei oito anos fora entre graduação e pós. Voltei em 2010 e fui para Pilar e fiquei 3 anos em Pilar como padre responsável. E de Pilar fui para Juripiranga. O bispo precisou de um padre em Juripiranga. Mas, o bispo me tirou de Pilar por conta de um acontecimento. Mataram um jovem de 16 anos. Entraram numa casa tinha seis pessoas. Então eles entraram armados e as pessoas se assombraram e eles mandaram ficar quietos, arrobaram a porta e mataram o jovem. Sabia quem queriam matar. E eu então, perguntei a namorada dele. Eu vou fazer uma pergunta, mas sua resposta é o silêncio. Se você ficar calada não precisa me responder. Quem você acha quem matou seu namorado? Foi a polícia e ela ficou em silêncio e então na missa eu comecei a falar do grupo de extermínio que tinha lá em Pilar, como é que a polícia entra na casa e mata um jovem e aí o bispo soube e me tirou. É uma covardia até hoje eu tenho raiva. E até hoje é assim. Luiz Couto já tinha denunciado o grupo de policiais que exterminavam jovens ali, na região de Itabaiana, Sapé, Pilar e Juripiranga. Fiquei 3 anos em Juripiranga e aí foi quando na época do mestrado eu fiquei na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, fiquei como auxiliar e quase três anos passei lá e quase três anos estou aqui como pároco.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

Então, a experiência que mais me afetou foi a experiência de ter perdido minha mãe. E nesse tempo, eu procurei muito, primeiro fugir, talvez eu pensei que correr para estudar fora ficar 8 anos estudando fora fosse para fugir disso. Mas, foi ao contrário. Eu encontrei nos estudos um modo de lidar com isso que é humano. Então, espiritualidade na teologia é se deixar conduzir pelo espírito e aí se deixar conduzir, então se a gente vai para o livro do Gênesis, por exemplo, é do Caos primordial. O Espírito paira sobre as águas e do Espírito brota o Cosmos. Então, o Caos sem ordem, sem lei, sem regras e no Espírito aí você ver o Cosmos é o mito bíblico da Criação. Então, se deixar conduzir pelo Espírito Santo vai ser sempre essa presença do Caos e do Cosmos. Então, o homem, o *Adamam*, barro vermelho, a matéria prima é do Cosmos, da terra, então feito de barro e em Jeremias no capítulo 17, ele vai dizer nós somos como pote de barro nas mãos do Oleiro, nos quebrantamos, mas Deus é quem monta. Então, esse caráter de barro

é muito interessante porque nós não somos Deus, somos humanos. Então, entre o nascer e o morrer, não tem como experimentar esse caráter de barro, perder alguém que a gente ama, uma doença que a gente experimenta, os rompimentos da vida, das amizades. Então, aqui a gente percebe que se deixarmos conduzir pelo Espírito Santo significa então, experimentar a vida no seu drama mais profundo e com Jesus não foi diferente, não foi diferente com os santos e santas e não é diferente com nenhuma pessoa. Então, eu acho que o Heidegger quando fala da questão *Fati* da vida e vai para o mito de Hígino que são bem parecidos não é que feito de barro, de lama, então entre o nascer e o morrer é essa experiência fática da vida, frágil da vida. Mas, é nessa experiência frágil que também vem essa experiência do perdão não é, porque se temos consciência que somos barro e que portanto, nos quebramos, o perdão é a capacidade de se refazer. É a capacidade de montar de novo e montar de novo setenta vezes sete. Então, o perdão é essa experiência. E eu me sinto um pouco privilegiado de poder ter essa leitura, porque diante da experiência *Fati*, corriqueiramente, as pessoas acusam os outros pela dor que estão passando: “você me abandonou, você me traiu, você me roubou”, então, essa cabeça ainda perdura uma mentalidade sacrificialista. Alguém precisa pagar pela dor que eu estou passando, nem que saiba eu mesmo. Já que eu fiz uma escolha errada, equivocada e aí vem essa autopunição, essa dor de consciência. Então, quando a pessoa não a acusa, acusa alguém. Então, essa mentalidade, ela produz doença, porque a vida fica pesada. A vida fica pesada. E a se deixar conduzir pela espiritualidade ou pelo mito da fénix que renasce das cinzas é você ter sempre a capacidade de ver na dor e no sofrimento não um motivo para acusar alguém, mas um motivo para crescer, quer dizer se refazer. Então, e o que eu vou fazer agora sem minha mãe? Veja, a questão não está tanto em minha mãe, é que eu preciso refazer a minha vida sem ela e isso dói, isso dói, refazer a vida. Então, a partir dessa experiência né, a gente consegue agora alargar, porque também quando a mãe perde um filho, ela se diz: O que que eu vou fazer sem meu filho. A gente pergunta mais porquê? Ela diz eu amo o meu filho ou até uma mulher que se separa do marido e diz o que que eu vou fazer agora? E a gente pergunta, mas porquê? Porque eu amo. Isso também. Mas, eu penso que fundamentalmente se trata de que a pessoa se acostumou, se adaptou nessa relação que é bonita de amor, mas que agora ela tem que refazer a vida dela só e isso é doloroso de tal modo, que a gente prefere (risadas) como dizia Clarice Lispector

“gosta de viver, gosto. Viver dói”. Viver dói. Só que essa dor é para tornar a vida leve. Então, trata-se de uma compreensão. Tanto que Jesus diz: “Quer me seguir, pegue sua cruz e me siga”. Muita gente pode compreender essa cruz, como peso, como um sacrifício, é diferente. É que com a presença de Jesus, tudo é leve, não tem mais peso. Isso aqui que é espiritualidade né, onde a partir da consciência que eu tenho de que a minha vida é frágil e que, portanto, eu posso a qualquer momento experimentar uma dor, um sofrimento, então o primeiro passo é perdoar a mim mesmo, à medida que eu vou me perdendo, então a minha vida vai sendo leve na vida do outro, num casamento. Tanto que o que nos leva a fazer alguma coisa por alguém senão a gratuidade, sem mais querer algo em troca. Então, quando a gente fala da teologia da graça é que a experiência da vida agora é tão leve que você com essa experiência de um perdão, você consegue agora perdoar o outro. Quem nunca perdoou ninguém é porque nunca perdoou a si mesmo. Então, o perdão a si mesmo é condição para você perdoar o outro. E aí, foi aqui que eu encontrei um modo de poder conviver com a ausência da minha mãe. Mãe tem uma marca na vida da gente que a gente não sabe, é um mistério. É uma questão de mistério. Tanto que esse natal agora, celebrando aqui, eu fiz a pergunta porque Deus escolheu Maria e não José? Então, eu disse olha, o Antigo Testamento está cheio de homens e eu acho que Deus tomou consciência que ele não fez uma boa escolha em escolher Adão não, em fazer Adão e Eva é um fragmento. Então, acho que o homem, a linhagem homem se tornou obsoleto. Deus agora quer a mulher. Mais do que a mulher, o feminino. Para gente não parar no indivíduo, não se trata da pessoa de Maria. Mas, do feminino e aí do feminino que todos nós temos, homens e mulheres. O *ânima* que o Jung vai falar, essa questão do feminino. Porque o masculino se tornou obsoleto, porque pelo caminho do masculino vem a violência, o domínio, o poder, a força. Então, eu penso que essa coisa de mãe que a gente traz e que fica na vida da gente. Então, essa coisa de se tornar mais feminino no trato com a vida, das coisas, dos bichos, das pessoas, essa questão mais do feminino. Então, aos poucos parece que a mãe vai nos conduzindo. Eu tive pai, claro eu amei muito meu pai, mas não tem o sentido, o significado, o peso que tem a mãe. Então, isso para mim foi o que me ajudou muito do ponto de vista pessoal, dessa trajetória para poder lidar com as minhas fraquezas, as minhas dificuldades e vem me ajudando até hoje.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

Bem, depois que a gente sente uma dor maior, mas aqui eu faço uma distinção entre a dor que a gente sente por conta de perder alguém como a mãe e a indignação diante de algumas experiências que a gente considera inaceitável. Por exemplo, em Porto Alegre, a primeira vez que fui na Paróquia como padre, assim que eu entrei, os casais que estavam no banco da frente se levantaram e foram embora. Isso foi na primeira igreja. Depois convivendo, o irmão do padre gostava muito de mim e ele dizia na minha frente que gostava mais da celebração da missa que eu celebrava do que a do seu irmão. Ficava brincando. E aí chegou a família deles numa festa da padroeira, Nossa Senhora de Fátima e ele chamou a família dele fez questão de chamar todos e disse eu quero apresentar a vocês um padre baiano. Esse aqui é um padre baiano arretado. Por trás dessa pele dele, tem uma pessoa pra lá de gente boa. Veja, mais aqui eu não pude ter uma reação porque ele já tinha uns setenta e pouco anos e eu já trabalhava, porque o tema do doutorado é *Escravidão Negra: Uma demanda urgente por direitos históricos*. Isso me levou a penetrar mais nas questões do discurso racial. De modo que essas questões que ocorreram me levaram a ficar indignado, mas eu aceitava, não dizia nada, porque para mim já era tranquilo isso. E de algum modo, morando com o padre, então ele já sabia que em algum momento isso tinha que aparecer e apareceu. Tiveram vários outros casos. Por exemplo: Eu fui abastecer meu carro e o alarme disparou e não funcionava, estava sem bateria e o frentista disse: “Rapaz, chame o dono do carro para ver se ele conserta (risadas). E eu começava a ri e dizia eu acho que eu vou chamar o dono mesmo (risadas). Então, a gente começa a lidar, dependendo da situação, começa a lidar com isso... Eu fui aqui num Supermercado da cidade comprar vinho e quando eu entrei, o vigilante ficou me seguindo o tempo todo, então aí eu fiquei indignado não é. Porque a indignação demanda uma resposta ética, a gente não pode ficar sem fazer nada. A indignação é isso. A indignação é diferente de raiva, de ódio. O ódio e a raiva são histéricos. E a indignação não, você vai tomar uma atitude. Então, eu procurei o gerente e disse: Olha, me apresentei para ele e disse, eu sou padre, apesar de ser negro e estar comprando um vinho, não quer dizer que eu vou roubar o vinho não. Ele pediu perdão, desculpas. Mas, a gente precisa considerar que essa coisa acontece sempre não é.

E existe também às vezes acontece com algumas pessoas e elas nem percebem que está acontecendo. Então, são fatos que acontecem.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Sim (risadas). Porque essa questão do perdão é sempre curiosa porque o perdão sem reconciliação não é perdão. Então, o perdão requer reconciliar. Essa palavra re(conciliar) tem o mesmo sentido de re(ligação). Que re(ligare), reconciliar é conciliar aquilo que foi quebrado não é. Então, eu penso que quando a pessoa perdoa a si mesmo é essa dimensão de integridade, é essa dimensão que a pessoa procura integrar aquilo que foi quebrado, não é? E isso vale para as relações. A gente tem uma amizade e toda amizade é fraca também, frágil. Essa experiência de perdão que a gente faz. O perdão me ajudou mais no fazer as coisas. É nunca fazer nada interessado. Então, se eu estou na sua casa lavando os pratos, eu estou lavando os pratos não é. Eu acho se eu fosse casado hoje, e o que eu fizesse em casa, estaria fazendo por fazer, não por causa da esposa, não por causa do filho, mas fazer por querer fazer. Porque isso aí, estar tanto no campo do público quanto do privado. Por exemplo, se eu acordo para estudar, eu gosto de estudar por estudar. Essa experiência do perdão me ajudou nisso. Porque, isso traz saúde. Porque a vida vai dizer *Agamben*, “a vida é sacramento”. Ele chama o homo “*sarcer*”. Sendo sacramento, a vida é um presente de Deus, um presente. Então, que bom que o marido ver a esposa como um presente não como minha (risadas). O presente o que a gente faz, a gente cuida ou descuida. Mas, geralmente, um presente, algo que nos é dado gratuitamente. O Djavan, ele tem aquela música belíssima, que diz “tudo que Deus criou pensando em você, fez a via láctea e fez os dinossauros, sem pensar em nada, fez a minha vida e te deu”, ver que coisa, não é? Porque fala sem pensar em nada, então quer dizer que não é nada em troca. Então, quer dizer que foi algo puramente dado (risadas). Aí uma teologia muito bonita. Eu tenho consciência de que a vida é frágil e que é impossível viver sem experimentar essa fragilidade, então o ato de perdoar é reconhecer a vida como fraca. E é importante tornar a vida esse sacramento, essa presença de Deus. Porque uma vida doente, veja o que é uma pessoa doente? Uma pessoa doente não é uma pessoa que porta uma deficiência. Uma pessoa doente é aquela que perdeu a esperança. Perdeu a esperança acabou. Porque? Porque nasceu e morreu é... Porque quando a pessoa perde a esperança, acabou. Então, a pessoa que consegue

alimentar o perdão significa não permitir que a dor e que o sofrimento causado pelas relações, tornem a vida pesada; uma mágoa. Por isso que Jesus foi muito sábio! Então, o perdão é para você ter saúde, para você ter alegria para viver. E quando você não compreende isso... você permitir que alguém lhe tire, por muito tempo, a alegria de viver, é você que permite. Então isso quer dizer que, a consciência que eu tenho ou a fé que eu tenho, ela faz com que eu permita ou não, entende? Então, é preciso eu buscar uma espiritualidade, portanto, uma fé, que faça com que eu experimente as dores da vida, porque é constituinte para eu crescer, mas que não permita que elas se tornem parâmetro. O meu parâmetro é Jesus. O parâmetro é a fé que eu tenho em Deus, o resto como dizia São Paulo, o resto é lixo (risadas).

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

O sentido de que o outro é mais importante do que a dor que ele causou em mim. As pessoas são mais importantes do que aquilo que elas causam. Jesus sempre fala que ama o pecador e não o pecado. Então, a gente ver as pessoas para além das suas ações cotidianas, corriqueiras. Por isso que a vida sempre se impõe como elemento sagrado. A vida é importante. Às vezes a atitude de perdoar pode parecer como uma atitude de autossuficiência, porque as vezes a gente pode achar que somos muito autossuficientes e achar que nada atinge. Corre esse risco. É uma luta que a gente vai tendo com esses sentimentos que vamos experimentando, não é? Mas eu penso que, de algum modo, a gente precisa de uma certa segurança, uma segurança, mas essa segurança talvez nos estudos da filosofia, da teologia, dessa experiência de fé. Eu acho que isso é muito importante para a gente saber lidar com as coisas. Eu acho que essa experiência nos ajuda a enfrentar.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

O benefício de perdoar é justamente ter uma vida mais tranquila. Porque não podemos fugir das relações, não é? Então, o exercício diário do perdão é você ter uma vida. Eu costumo dizer que quando a pessoa perdoa, a pessoa mostra Deus. Dos sete sacramentos, o perdão é o mais difícil. O mais difícil. Porque o sacramento do Crisma, a pessoa entra faz o curso, a primeira eucaristia, a criança entra vai para fila comungar. O perdão não. O que acontece com o perdão? Se entra aqui um ladrão e corta o seu braço, causou uma dor física, você vai no

médico. O que aconteceu? Foi um ladrão. Se uma filha dar um tapa no rosto da mãe já não vai doer no rosto, vai doer na alma. E aí vem a dor da alma, pode o médico passar algum remédio? Então, a nossa questão é a dor da alma. E a dor da alma só pode ser causada por alguém que a gente ama. É uma amiga, é um filho, é uma esposa. Sem amor, não há dor de alma. Pode ser uma dor qualquer, uma tapa, um murro. Então, a gente tem que se preparar para esse tipo de dor que não tem médico (risadas). Daí é que vem a experiência de fé. Que é como você agora perdoar uma pessoa que lhe causou a dor da alma. Então, o Morrica, diz uma expressão que achei muito interessante. E é ateu o Morrica. Ele diz: “o amor é tão forte quanto ódio”. Só que ódio é histérico e o amor gera vida. Então, se por amor eu apanhei no rosto, por amor eu perdoo, não por ódio. Então, você pergunta: “Porque que eu estou sentindo essa dor? Colocando como exemplo, um pai que leva um tapa de uma filha e porque ele não parte pra cima para revidar. Qual a expectativa de perguntar: porque você me bateu? Então você vai para cima dela. Você para e pensa: Porque isso me dói tanto? E a resposta é: Me dói tanto porque eu amo a minha filha. Então, a gente para pensar que a questão não estar muito nela não (risadas), mas está em mim, que estou experimentando essa coisa agora e que sem ela eu não experimentaria, aí vem o perdão. Então, é sempre essa consciência que vem da experiência, que a gente é capaz de refletir, meditar, meditar essas experiências.

8. Afinal, para quê perdoar?

Risadas. Porque aí você torna o perdão um instrumento. Você pergunta pra quê não é? Nessa era moderna da técnica é como se servisse a um determinado fim. Eu parto da ideia de quando Jesus coloca é preciso perdoar 70 x 7, ele não está falando da quantidade, mas da predisposição do perdoar. Então a predisposição é sempre algo gratuito. Não tem o pra quê, é sempre algo gratuito. É bem do campo da graça. Porque se minha vida foi dada de graça, se eu tenho essa consciência, se eu percebo, se eu faço essa leitura de que minha vida é um presente, então esse presente, eu não vou permitir agora que deixe de ser um presente, que passe a ser um peso. Então, o perdão é essa disposição, essa pré-disposição de uma consciência de uma vida como presente, de uma vida dada. Eu não pedi para estar aqui e estou. Então, amando esse estar aqui, então eu recorri a essa categoria de presença de presente para dizer como é bom viver. E essa experiência que me faz

perdoar a mim mesmo, como condição para perdoar o outro. Agora, necessariamente, perdoar não é essa coisa talvez poética. Às vezes, uma mãe precisa romper com o filho como condição do perdão, para ele crescer. Porque se a dor faz crescer, então as vezes é preciso separar para unir. Então a mãe que ama o filho, e proíbe que ele chora. Eu passei por uma experiência dessa com o próprio padre. Ele deu um guarda-chuva ao filho e ele foi para a escola e perdeu o guarda-chuva. No outro dia, ele foi para a escola debaixo de chuva e ele, o padre foi para o quarto chorar porque obrigou ao filho ir para a escola debaixo de chuva. Então porque que ele fez? Ele fez isso não por ódio e nem por vingança, mas por amor ao filho, não é? Então, muitas vezes, precisamos agir dessa forma para que o outro cresça. Ele vai ter uma experiência e fará uma reflexão. Se meu pai me ama porque ele fez isso. Tem uma aprendizagem nisso tudo. Por isso que família a gente briga para juntar (risadas).

ENTREVISTADO 2

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 43

Naturalidade: João Pessoa - Pb

Escolaridade: Filosofia e Teologia (Graduação), Teologia reconhecida pelo MEC

Profissão: Sacerdote da igreja católica

Formação teológica/Instituição: Teologia (Seminário Arquidiocesano da Paraíba)

Outras formações/Instituição: Mestrando em Teologia pelo UNICAPE (Pe) e Pós-Graduando em Psicanálise – UNEPSI/EPSI

Tempo de atuação no sacerdócio: 16 anos

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista Semiestruturada)

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Então, eu penso que uma vocação sacerdotal ela tem sempre um chão, uma realidade familiar que dar um suporte. Acho que a vocação ao sacerdócio com uma certa autenticidade, pelo menos na minha experiência, observo que o chão da realidade familiar é um grande contributo para as bases de uma vocação acertada do ponto de vista sacerdotal. Então, a minha vocação nasce ali com uma realidade de família. Minha mãe muito católica ela sempre nos levou para essa realidade de vida cristã. Então, meu pai também contribuindo, mas lógico que minha mãe sempre foi essa base mais fundamental para essa vocação. E aí ao longo do tempo, eu fui fazendo os sacramentos, Primeira Eucaristia, Crisma na Paróquia Cristo Rei, em Mangabeira, e ali foi despertando cada vez mais, esse engajamento e essa proximidade com as realidades mais da liturgia, da catequese, da vida dentro igreja enquanto aqueles que saem para a evangelização. Pouco a pouco fui sendo

movido por essa experiência religiosa. Até um tempo que decidi fazer um caminho vocacional, ou seja, uma escuta mais aprofundada se realmente era um chamado de Deus para a minha vida. Foi quando fui acompanhado por alguns sacerdotes e aí teve aquele processo. Mais na frente, não deu para resistir, realmente eu percebi que havia um chamado muito mais íntimo e muito mais profundo, e maior do que as minhas próprias perspectivas pessoais. E estando na Universidade, fazendo psicologia me chamava à atenção desse lado mais da escuta, desse lado do cuidado psíquico com as pessoas. O cuidado em geral. Eu acho que isso já estava ali internalizado uma marca sacerdotal. E, portanto, cheguei ao fechamento do discernimento também não só do ponto de vista dessa realidade mais do entendimento do que Deus me chamava para ser padre, mas também daquela escuta interior, daquela que digo que é a internalização da vontade de Deus nas nossas vidas. E ali vi que Deus estava realmente com uma voz sempre constante que me acompanhava e ali cheguei a fechar esse discernimento de uma forma muito lúcida, muito tranquila e já os 19 para 20 anos foi ali onde eu escrevi uma carta pedi para ser então ingresso no Seminário Arquidiocesano. Nessa época morava numa comunidade religiosa chamada Comunidade Doce Mãe de Deus, eu e outros amigos, dois jovens entramos no Seminário. Dom Marcelo Pinto Cavalheiro era atual bispo na época e ele nos acolheu como seminaristas e aí comecei a trajetória. Claro, essa escuta que é inicial ela vai também se desenvolvendo em todo processo também nos estudos que é tempo também de escuta e eu não deu para dizer outra palavra senão um sim a esta vocação. É mais ou menos aí nesse percurso e falo com muita gratidão pela vida, pelo que sou, pela família que tenho, pelo chão da realidade eclesial onde vivi na igreja, paróquia, também pela comunidade religiosa que participei, hoje não estou mais lá. Hoje eu vivo uma vida arquidiocesana, mas também tudo isso serviu para ser um chão teológico de escuta da vontade de Deus. Hoje sou muito feliz como padre, como padre que estuda, mas também como padre que está tocando nas realidades concretas das vidas das pessoas. Já fui reitor do Seminário Propedêutico Arquidiocesano da Paraíba. Já trabalhei longos anos com juventude. Também participei inclusive da montagem da jornada mundial da juventude aqui no Brasil, dois anos antes da grande jornada 2013, antes da vinda do Papa Francisco. Eu tive a oportunidade de ser Secretário Executivo de uma das Comissões. Também passei um bom tempo trabalhando na própria Comunidade Doce Mãe de Deus

com eventos, com promoções de Congressos e Encontros na Comunidade. Até que também assumi uma Paróquia aqui em João Pessoa na periferia do Bairro do Valentina. Uma experiência muito bonita também. E nos últimos anos tive também a graça de estar como formador da etapa filosófica do Seminário Maior da Arquidiocese. E, a pouco mais de um mês, volto a realidade paroquial, estou agora a frente de uma nova Paróquia e claro todo esse percurso vai dando a gente uma base, uma bagagem para viver bem essa vocação. Então, eu diria que tudo isso faz com que eu viva as experiências fortes de fé, de convivência com o povo de Deus, tudo isso é e continuará sendo a experiência religiosa e vocacional. Todos os dias são dignos para dizer Eis-me aqui sim.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.

Com os meus 16 anos de padre, com certeza muita coisa aconteceu. Então, já tive oportunidade de coordenar grupos de orações, muito jovem, muitas pessoas adultas ali naquele grupo. Já tive uma experiência, coordenando com jovens na comunidade Doce Mãe de Deus que durou oito anos. Chamava-se vigília jovem. Reunia cerca de 500 a 1000 jovens nas noites, uma vez por mês, das 22h às 05h da manhã. Então, exigia de mim certa liderança para equipes, articulações, gestão de eventos de pessoas. Como também, ao longo desse tempo, do ponto de vista da evangelização, também ajudei na Semana Missionária, assim chamada é um evento dentro da Jornada Mundial da Juventude, o que trago muita gratidão a Deus por poder fazer parte de uma Comissão Nacional de padres que estavam na articulação de uma das dimensões da Jornada Mundial da Juventude, então foram oito reuniões em estados diferentes: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas e a gente fez esse percurso. Num grupo de mais ou menos 10 padres que estavam ali e fui convidado pela CNBB para ser o secretário executivo do ministério dessa comissão. Acho que me fez ampliar muito a minha visão tanto eclesial como também com a gestão de articulação de eventos. Enfim, foi mais ou menos assim a minha trajetória. Como padre, posso dizer resumidamente, que além dessa parte mais evangelizadora teve também a parte mais formativa e aí participei na Arquidiocese logo nos primeiros anos do meu ministério, nos quatro primeiros anos iniciais, como reitor do Seminário Propedêutico. É uma formação prévia de um ano para aqueles meninos que querem ingressar no Seminário maior de

Filosofia e depois Teologia. Então, tive oportunidade de participar da formação desses jovens que no seu primeiro momento estavam ali na escuta da vontade de Deus. Isso, trago com muita alegria, e depois mais na frente, novamente a igreja me pede, e aí passei mais dois anos no Seminário e já morando no Seminário maior, compondo a comissão, a equipe de formadores dos seminaristas da etapa filosófica. Enfim, é uma bagagem grande, dar para ver que muitas coisas foram feitas ao longo desse tempo. Tive a experiência também de dois anos e meio como administrador paroquial da Paróquia Santíssima Trindade no bairro do Valentina de Figueiredo e ali também foi uma experiência muito bonita tocando nas realidades desafiadoras de conjunto da periferia uma situação sócio geográfica que exigia de mim uma atividade pastoral muito segura. E eu vi que teve muitos frutos e eu fiquei muito feliz de trabalhar no chão daquela realidade concreta. E atualmente, estou como administrador paroquial na Paróquia Santana, parte mais central de João Pessoa e São Joaquim no bairro Pedro Gondim. E também hoje estou como acompanhador vocacional. Antes do Propedêutico, os meninos que querem ser padre, passam pelo um processo de discernimento e aí fui convidado pelo nosso arcebispo, o Dom Manoel Delson para fazer parte dessa etapa de formação para os meninos que desejam ingressar no Propedêutico, oportunamente. E atualmente, como mestrando em teologia, tenho também, ajudado no corpo docente do nosso Seminário como Professor. Mesmo em tempo de mestrado, mas como precisávamos de um padre para dar aula de antropologia teológica e ao longo do ano de 2020 eu fiz a experiência de ser professor do Seminário. Algo novo para mim, mas vai agregando tudo isso, vai sendo parte desse legado vocacional, profissional do exercício de ser padre. Enfim, mais ou menos por aí.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

É uma pergunta bem desafiadora. De fato, ser líder agrega várias dimensões. Você, ao mesmo tempo, que tem que trazer consigo aquela sensibilidade do ponto de vista da organização, do bom planejamento, aí precisa ter paradas de avaliações, acho que o líder cristão, e aí digo por mim, ele precisa ter claro um planejamento estratégico curto, médio e longo prazo, eu quero alcançar, então de fato, aquela coisa mais organizada e internalizada dentro de si. Ao tempo também,

ele tem que estar aberto às imprevisibilidades do campo, do espaço, daquilo que vai vindo, daquilo que vai acontecendo. Eu acho que só a partir daí, e eu digo por experiência própria, só a partir daí a gente vai tendo essa escuta mais profunda dos acontecimentos, digamos até mesmo das situações das próprias pessoas que estão envolvidas também. O bom líder está sempre com a visão daqueles que estão mais próximo dele para uma ação seja lá qual seja. Mas em vista de... e aí tem um público seja jovem, seja adulto, seja a massa em geral, seja crianças, idosos que seja. Então, ele vai ser sempre aquele líder que tem um olhar mais longe. Precisa ter um olhar mais longe. Tem que ter uma paciência imensa com os processos, com as pessoas. Aqui eu digo que, ao longo do meu tempo de ser padre, uma coisa que me ajudou muito foi à psicanálise, tanto fazer análise, ser acompanhado, como também estudar a psicanálise para mim fez uma diferença porque diante de toda essa situação de cuidar de pessoas, liderar pessoas, acompanhar pessoas, articular, gerir ali, o líder tem que ter essa sensibilidade com os momentos, porque senão ele se perde, ele se perde pelas suas emoções e às vezes tem alguém ali do lado que está com um problema, com uma situação que se você não tiver um olhar mais profundo, você se perde.

Algumas vezes, posso dizer que pude aprender com os erros e é importante o líder católico, cristão, um sacerdote ele precisa também entender que ele também é passível de erros e os erros são importantes ao longo da vida. Angústia, dar um trabalhozinho, mas nada melhor do que um dia depois do outro, eu aprendi isso, nos conflitos. Mas, algo muito mais profundo e o elemento essencial é ser uma resposta para os momentos desafiadores. E Cristo é essa resposta maior. Muitas das vezes eu estou aprendendo e ainda continuo aprendendo a ser um líder que assimila o jeito, o estilo de Cristo, as palavras, os comportamentos. Eu gosto muito de entrar nas cenas dos evangelhos e captar algo que está por trás daquilo ali que está sendo dito, por exemplo, Jesus foi lá e multiplicou os pães. Então, tinha ali uma multidão para ele multiplicar os pães e tinha os apóstolos do lado e ele multiplica os pães e realiza ali uma bênção e ele distribui aqueles apóstolos que estão mais próximo dele e ele vai articulando e vai dando para que eles possam levar para a multidão. Ali é uma aula de liderança. Mas o fim qual era? Era matar a fome daquele povo, da Palavra, mas também do pão. Diversas situações ali eu vejo que o que está por trás da cena é muito mais rico; é você pegar o texto literalmente falando e transformá-lo em imagem. Então há uma imagem que

também fala do aspecto próprio, teológico. A relva, o monte, a cesta, os pães, tudo aquilo é concreto. O líder trabalha com situações concretas. Eu preciso está sempre atento para ser um líder, um líder que está não somente numa realidade humana, um líder humano, mas, sobretudo, um líder espiritual. Poxa, esse que é o desafio. Mas, estamos aqui para aprender.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

Sim, acho que eu passaria a manhã inteira falando sobre algumas situações desafiadoras. Eu acredito que todos nós temos o nosso universo interior, nosso estilo, nosso jeito e muitas das vezes se embatem com outros modelos de vida, situações, bagagens que a pessoa vai assumindo ali. Eu volto a questão da psicanálise, um pouco da transferência, da contratransferência e aí muitas das vezes me angustiei sim e entrei em conflito. Embora, eu tenha uma natureza que não entro no jogo do embate. Eu até brinco se a pessoa quiser brigar comigo vai demorar muito, precisa fazer muito para eu poder entrar numa briga. Eu vivo mais na situação de observar, perceber, sofrer e tentar amenizar, eu tenho uma postura muito mais conciliadora. E acho talvez por isso também que absorvi muitos conflitos. Já tiveram várias histórias, mas assim, talvez uma bem interessante. Eu convivi com um amigo, um colega, sacerdote que, no primeiro mês de convivência, estava ali, de repente eu comecei a observar o relacionamento dessa pessoa comigo, muito hostil, muito indiferente. E eu não entendi aquela situação. E tentei conversar várias vezes, mas a coisa se tornou muito mais difícil de conviver e depois fui percebendo que existia algo em mim que mexia com ele. E ao longo do tempo, eu fiz a minha sentença. Do ponto de vista psicológico, a pessoa se sentia inseguro do meu lado. Então, é como se tivesse algo em mim que o incomodava. Eu disse poxa, a gente está junto para crescer, para avançar. Mas, houve diversos momentos, que eu disse não entendo, não compreendo, mas eu dizia, eu estou aqui. Não tinha como fugir daquela realidade, mas eu precisei muitas das vezes, ser mais enérgico nas minhas palavras, nas minhas posições, no meu comportamento. Passou, hoje consigo tranquilamente está mais próximo, conversar. A gente tem aquele dado do perdão, é seu tema, não é Andréa? Mas esse conflito me fez refletir muito, de que maneira eu vou lidando com essa

situação limite de ressentimento. Como eu sou uma pessoa muita mais de guardar eu não sou de explodir, e se cheguei a explodir foram pouquíssimas vezes e foi muito difícil para mim, então eu acredito que eu sofro mais por isso. Mas enfim, acredito que aquela experiência me fez sair fortalecido. A gente sai fortalecido desses momentos desafiadores. E sobretudo, porque você fica um pouco assim, num gatilho de culpa. Que culpa eu tenho? O que eu fiz? E de repente, você diz: não pera aí, num saldo, num balanço de tudo eu não tenho culpa nenhuma. O problema não está aqui. Então, foi esse sentimento de fortalecimento interior. Mas, o ressentimento aconteceu, a raiva aconteceu dentro de mim. Mas, enfim é algo hoje resolvido e já se preparando para alguns outros momentos que podem acontecer na vida, sempre acontece, né. Então, é isso.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Sim, tiveram vários momentos que eu precisei dar o perdão e isso foi muito tranquilo como também pedir desculpas ou pedir perdão isso em relacionamentos de amizade, relacionamentos de pessoas assim que a gente guarda muito no coração e acredito que foram vários momentos. Lembro que tenho uma amiga, uma pessoa que prezo muito, que temos uma amizade muito boa no sentido de cumplicidade mesmo, de se ajudar. Acho que são pouquíssimas e aquela que a gente tem a gente vai cultivando e as boas amizades passam por esses momentos de conflitos e também superações. Então teve um momento que eu acredito que eu não fui tão legal assim com essa pessoa. Do ponto de vista mais dos comportamentos. Às vezes por alguma circunstância então eu não estive tão perto, tão próximo e aí essa pessoa cobrou e fiquei naquela situação de tentar dizer: não eu sou livre. Foi mais nesse ponto de vista. De que eu massacrei um pouquinho ali a pessoa que estava precisando da minha presença e eu achei que ela queria controlar a minha liberdade, digamos assim. Então, essa minha atitude foi enérgica, firme até para poder ali trazer um controle da situação e um momento mais na frente quando eu reuni com ela e ali conversamos como amigos e aí eu disse quero te pedir perdão porque eu agi assim e eu sei que foi um sofrimento para você e também para mim e a pessoa naturalmente eu vi pelo gesto pelo olhar uma situação de desculpas e vamos em frente e foi muito bom porque mais uma vez eu digo sai fortalecido. A gente cresce com essas experiências. Acredito que o perdão é uma linguagem que comunica amor. Essa foi uma experiência de dizer

desculpa: eu errei. Teve outras que foram ao contrário. Só que não lembro aqui a situação em que tive que verbalizar: eu te perdoo. Eu acredito que foi mais do ponto de vista dessa linguagem corporal, linguagem dos comportamentos, acho pelo meio jeito de dizer assim: Vamos em frente, a vida vale mais, você é importante. Eu não tive a necessidade de dizer para pessoa: eu te perdoo. Até porque, dizer eu te perdoo parece que a gente está numa posição de juiz. Aqui eu sentenciei. Está tudo resolvido. Acho que nos coloca numa situação mais de superioridade. É o meu estilo, meu jeito de pensar assim. Mas, a experiência de dizer: Me perdoe, foi mais nobre, mais própria de mim. Acho que foi isso.

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

Eu acho que o sentido de perdoar ele é sentido que provoca uma liberdade interior. Um cancelamento de uma dor, de um sofrimento. O sentido passa por um dar sentido ao existir. Quando você cultiva uma mágoa, um ressentimento, realmente a vida vai sendo travada. Digamos que num quadro de um eletrocardiograma, os batimentos não fluem de forma tranquila. Há pessoas que estão num quadro de ressentimento, esse gráfico vai sendo totalmente oscilante. O sentido é quando você realmente normaliza os batimentos cardíacos, digamos assim, de uma vida. E aí eu penso que o sentido é esse. O sentido de perdoar me trouxe tranquilidade nos batimentos da vida, na frequência da vida. E aí você caminha livre, eu acho que essa palavra liberdade é muito importante, do ponto de vista de uni-la ao perdão. Como também, a leveza. Acho que são duas palavras que carrego comigo ao longo da vida. Quem é livre é leve. A pessoa que libera o perdão abre possibilidades de liberdade interior e fortalece esse caminhar leve. E aí é o grande desafio das pessoas que não conseguem perdoar. Porque elas sempre estão escravas, aprisionadas. E também elas estão sempre pesadas, sempre um peso que carrega. E o sentido na minha experiência, e aqui eu diria sem leitura nenhum, é dado de vida, talvez algo novo que a gente pudesse criar uma certa literatura a partir daí, quem sabe escrever até um artigo sobre isso, não é Andréa? Mas eu diria que o perdão passa por esse processo de dar sentido ao viver e passa pelo processo de liberdade e de leveza.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

Sim. Na verdade, eu penso que cada uma das experiências de perdoar e de pedir perdão, de reconciliação, elas vão dando uma sinalização personalizada naquele caso. Mas de forma geral, eu já falei, eu penso que o grande trunfo de quem realmente libera o perdão é a liberdade interior, quando eu digo liberdade é aquela possibilidade de ir e vir, então sai do processo de escravidão. E também a questão da leveza, ser leve. E leve enquanto aquela pessoa que está integrada, estar inteira, estar com seu eletrocardiograma batendo normal e aí de fato essas são as consequências que revelam sentido de vida. Aproveito aqui para dizer que cada experiência é única. Pode ser que eu seja tão livre interiormente, que eu seja tão leve, seja tão tranquilo. As coisas estão indo tão bem, mas numa situação limite, de um dado particular, onde você não tem nada a ver, mas envolveu-se dentro de uma história de conflito, e ali você precisará oferecer novamente a sua capacidade de perdoar e gerar ali naquele ambiente uma paz. É também outra realidade de reconciliação, de processo de reconciliação, de finalidade, de sentido, é a geração da paz. Paz com todos. A paz no ambiente. Eu fico imaginando aqui situações de um ambiente, por exemplo, de trabalho. Você trabalha num ambiente onde trabalham ali com você três, quatro pessoas. Aquelas pessoas num mesmo ambiente de trabalho. Aquelas pessoas ali estão em pé de guerra, é terrível esse ambiente. Você entra e já vê aquele ambiente minado e ali quando alguém começa a permitir que circule a palavra ou lave a roupa suja ali, há possibilidade que você alcançar um ambiente de paz. Essa paz que é necessária. E aqui um novo dado, liberdade interior, leveza e capacidade de gerar ambientes de paz. É por aí, Andréa.

8. Afinal, para quê perdoar?

Pois é, para que perdoar? Na verdade, talvez alguém possa ter essa trava dentro si e faça essa pergunta como uma resposta, essa pergunta já é um dado de resposta. Para que perdoar? Ou seja, eu devo perdoar? É necessário perdoar? Então, talvez aí já esconda uma resposta para cada pessoa que viva uma situação ali de limite. Não devo perdoar. Mas, aí a resposta talvez caminhe para um dado mais subjetivo. É desafiadora essa pergunta, porque talvez tenha situação que não aja possibilidade de perdão. Entrevistador: Na sua experiência, o que o senhor acha: para que perdoar? Entendi. Falamos aqui de tanta coisa forte, grande né, como por

exemplo, liberdade interior, leveza, construção da paz. Então aqui, já está implícito um para que. É a meta, a finalidade disso. O perdão sempre vai ser essa possibilidade de gerar paz entre as pessoas, de gerar leveza nos relacionamentos e de gerar condições de liberdade da pessoa. De poder ter um percurso de livre acesso de ida e de vinda. Então, é razão para que toda e qualquer pessoa possa investir na capacidade de perdoar. Eu diria que para que perdoar talvez numa outra sinalização fosse porque é um bem para si próprio. Perdoar parece, que aparentemente, eu estou dando o perdão para que o outro seja sentenciado com uma libertação, mas a grande libertação é aqui. Para que perdoar? Para que seja um bem para minha vida. Há quem diga que perdoar cancela até situações de adoecimentos físicos, psíquicos e espirituais. Tem muitas doenças que são oriundas de uma somatização de ódio, de rancor, de raiva. Isso vai munindo a pessoa de grandes problemas. Então, para que perdoar? Para que gere saúde. Em quem? Em mim. O grande beneficiário do perdão sou eu. Eu estou cuidando de mim, ao dar o perdão. Então, essa é razão para que alguém realmente invista forças de resiliência, de superação de si para chegar a dizer: Eu te perdoo. Eu acho que a palavra é essa: Eu te perdoo. Mas não é eu te perdoo. Eu devolvo a mim a paz que tanto preciso para caminhar bem, caminhar saudável.

ENTREVISTADO 3

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 39 anos

Naturalidade: Juazeiro do Norte / CE

Escolaridade: Superior (fazendo o doutorado)

Profissão: Funcionário Público Federal / Ministério da Cidadania

Formação teológica/Instituição: Instituto Bíblico/ Curso Livre em Teologia / Igreja Congregacional

Outras formações/Instituição: Graduado em História (UFPB), especialista em saúde mental e foco em dependência química; mestrado em Ciências das Religiões (UFPB) e doutorando em Ciências das Religiões (UFPB)

Tempo de atuação no sacerdócio: 11 anos

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista Semiestruturada)

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Na minha adolescência eu fui ateu. Então, eu sempre estudei sobre religiões, só que mais como questionamentos, devido as questões relacionadas à necessidade de autoafirmação, autoestima baixa e por aí vai. E fui muito envolvido com pesquisa na área de religiões, mas mais para questionar. Eu era depressivo atípico. Era um tipo de depressão que ela não se manifesta visivelmente. As pessoas não conseguem reconhecer, somente a própria pessoa que percebe isso. E eu era suicida também. Então, eu fazia planos para me matar e não compartilhava isso com ninguém, então as pessoas não sabiam disso. E aí eu tinha medo de cometer o suicídio por causa da questão do pós-morte, não sabia o que tinha lá, então mesmo dizendo que não acreditava em nada, existia o temor, então isso é o que me levava a não praticar o suicídio. Mas um dia, numa fase de depressão muito pesada, eu escrevi uma carta explicando o porquê tinha cometido o suicídio. E aí

fiz um plano para isso, enfim, escrevi uma carta para que meus pais não se sentissem mal com isso. Não se sentissem piores ainda achando que a culpa eram deles e aí meus pais me chamaram, nessa mesma noite, para um evento de uma igreja que eles tinham sido convidados. E eu fui, pois ia ser a última vez que eu ia estar junto com os meus pais. E fui para um evento na Igreja Congregacional na cidade de Juazeiro no Ceará e quando eu cheguei no lugar eu disse para mim mesmo que ia cometer suicídio e disse também: ninguém me impediria de cometer o suicídio. E quando eu cheguei no lugar havia um cantor evangélico ele estava cantando uma música sobre valorização da vida. Dizia “você tem um valor” nessa música. E aí, eu achei muita coincidência isso, mas continuei com isso na mente e quando ele cantou isso, eu achei coincidência, mas continuei com isso no coração com esse propósito de cometer suicídio. Mas, no meio da música ele parou de cantar e começou a falar coisas e que foi nesse momento eu tive uma experiência religiosa que a gente chama. Ele falou que naquela noite tinha ali uma pessoa que ia cometer um suicídio. Mas que Deus ama essa pessoa que Deus enviou seu Filho para morrer no lugar dessa pessoa e que sabia das minhas dores, das minhas angústias. Ele foi falando aquilo e aquilo eu fui identificando com a minha vida. Se alguém soubesse do meu caso, eu ia ter certeza que alguém tinha falado para ele e por várias coisas que aconteceram na minha vida. Ele falou: Existe uma pessoa aqui que teve muito trauma na infância, que sofreu abuso moral, enfim, acha que ninguém lhe ama e essa noite decidiu se matar. Então assim, foi muito impactante para mim. E o cantor continuou falando: Mas, nesse momento, quero lhe dizer que Jesus ama você e Deus enviou o Filho para morrer em seu lugar e ali eu considero que realmente tirei minha vida, eu me matei. Então, naquela noite eu tive uma experiência religiosa de que a gente chama no cristianismo de “nascer de novo”. Então, nessa noite eu deixei lá morto um Saulo antigo e ressuscitou um novo Saulo espiritualmente como a gente fala no cristianismo. E a partir desse dia, eu recebi um chamado para cuidar de pessoas. Mas eu não recebi um chamado para cuidar de pessoas no sentido como no cristianismo costuma se dar. De que você passa a ser um sacerdote que tem uma vida santa em detrimento de estar em práticas laicas, ter o sagrado e o profano. Eu entendi que o sagrado deveria estar em minha vida em todas as esferas. Então, eu não vi necessariamente um chamado para que fosse ser um sacerdote abrindo mão de tudo o que eu fazia. Então, eu comecei a cuidar de pessoas, independente do

que eu fazia. Eu tinha uma empresa na época, continuei na minha empresa e passei a cuidar de gente em várias áreas. Depois de um tempo, fui ser voluntário em uma igreja já em João Pessoa na Paraíba e nessa igreja nós montamos uma Fundação começamos a cuidar de pessoas excluídas socialmente e aí foi quando eu comecei a me voluntariar e recebi o convite para deixar a empresa onde eu estava e ficar integralmente cuidando dessa instituição. Então, fui trabalhar com dependentes químicos e com o tempo me tornei coordenador social da Fundação. E nesse período, foi quando eu me tornei efetivamente Pastor, Pastor no sentido pleno da palavra, porque eu já pastoreava pessoas. Então continuei exercendo as minhas funções de trabalho e sou o que nós chamamos Pastor bi vocacionado. Eu continuo tendo trabalhos que não necessariamente estão dentro da igreja, mas no meu trabalho eu também me considero um sacerdote. Porque eu tendo, de diversas formas no meu trabalho, levar os conceitos que Cristo passou na sua vida. Então, por exemplo: hoje eu trabalho no Governo Federal, estou aqui temporariamente, e enquanto eu estou aqui eu busco nessa área social tirar pessoas da exclusão, porque eu acho que Jesus faria isso. Enquanto eu trabalhava em outra empresa eu buscava levar conceitos que eu aprendi com Jesus para aquela empresa. Então, busco ver de que forma eu posso abençoar as pessoas que trabalham comigo enquanto eu estou nesse lugar. Então, independente, se eu esteja como professor, porque eu já trabalhei como professor também integralmente, como professor eu vou de alguma forma, ajudar crianças a terem um desenvolvimento melhor, a serem pessoas melhores na sociedade, vou ajudar pais a criarem seus filhos de forma a estarem mais perto deles. Enfim, onde eu estiver eu creio que tenho um chamado sacerdotal. Para que eu der o meu melhor ali considerando que o meu patrão é Deus, então eu presto conta a Ele. Então, não creio hoje que eu precisaria estar integralmente como Pastor. Se estivesse também não haveria problema, mas hoje eu decidi estar na bivocacionalidade. Pode ser que amanhã eu trabalhe apenas como Pastor, mas hoje essa não é a realidade.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.

Certo. Como já falei antes, eu já estudava religiões e quando eu tive a experiência da conversão religiosa eu quis conhecer melhor as Escrituras. Nós baseamos nossa fé na Bíblia Sagrada, então eu sempre estudei vários livros e várias religiões, então

eu me aprofundi mais na Escritura Sagrada e aí foi quando eu resolvi fazer um Instituto Bíblico, seria uma espécie de Seminário. Mas, um curso de menos tempo, até porque para o Seminário eu teria que deixar o trabalho que fazia e assim trabalhava durante o dia e fazia a noite o Instituto bíblico e eu sempre fui autodidata eu sempre gostei de estudar teologia também de maneira individual. E aí comecei a estudar essa temática. Eu sempre tive o sonho de estudar Ciências das Religiões. Na época, no Ceará, não havia essa graduação, tampouco na UFPB. Então, quando eu estava fazendo o curso de História eu especifiquei a minha área em Histórias das Religiões e aí fui estudar a história de um movimento Hindu. Então eu fiz a historiografia de uma comunidade na Paraíba, também partindo do pressuposto da minha relação com as pessoas de outras religiões como comunicador do evangelho cristão para pessoas de religiões diversas e depois disso, foi quando eu estava na graduação iniciou a especialização em Ciências das Religiões, só que o ano que eu estava terminando iniciou a primeira turma do mestrado, então eu fiz parte da segunda turma do mestrado. Quando terminei o mestrado fui para a área da Espiritualidade e Saúde, na especialização fui trabalhar a influência da espiritualidade na reabilitação dos dependentes químicos. Fui entrar mais no tema no sentido teórico porque já atuava nisso no prático. E por fim, depois de alguns anos sem ter tempo de fazer o doutorado eu resolvi entrar no desafio aí em 2017 e nesse ano abriu uma seleção e eu tentei e hoje a minha pesquisa versa no âmbito da teologia social. Então de que forma duas igrejas elas atuam socialmente, como elas fazem para promover um desenvolvimento social de pessoas em situação de vulnerabilidade. Então, a minha experiência com a parte mais teológica da coisa vai nesses sentidos que coloquei aqui. Quando eu comecei a me envolver com o cristianismo, eu comecei ajudar algumas pessoas, vendo pontos que eu poderia auxiliar, e sempre que você se coloca como auxiliador de alguém no contexto eclesial, você passa a exercer influência na vida das pessoas. Então, por exemplo, vem uma mãe até mim com um problema com o filho com dependência química e eu auxílio a essa mãe de como se proceder com ele. Essas pessoas começam a ver você como uma referência de alguém que pode auxiliá-la de alguma forma. Então, nesse sentido eu comecei a exercer liderança, já no princípio da minha caminhada cristã porque eu passava por problema de depressão antes da conversão. Não quer dizer que uma pessoa que se converta não tenha problema de depressão já que é uma patologia. Ela pode ter

uma forte influência espiritual, mas nem sempre, mas no meu caso tinha. Então, eu passei a ajudar muitas pessoas que tinham problema com saúde mental, pessoas que tinham problema de depressão. Isso vai fazendo com que você vá exercendo influência sobre as pessoas, porque as pessoas veem em você alguém que tem empatia com relação a dor delas. E com o tempo eu fui liderando pessoas, liderando grupos, fazendo grupos pequenos. Ajudando pessoas em situação de dores diversas na alma. Na especialização em saúde mental eu trabalhei mais isso porque fui para a parte mais científica da coisa. Então, comecei não somente a liderar pessoas, mas também a liderar grupos. E quando há exatamente 10 anos, quando houve essa ordenação, de dizer publicamente agora você é um pastor, isso só foi uma oficialização de um ofício que eu já exercia. Porque eu já conduzia pessoas a uma vida diferente. Já dialogava com pessoas que passavam por sofrimentos em suas famílias, sofrimentos individuais e já orientava essas pessoas a como tomar certas decisões. Enfim, e a exercer práticas que são peculiares do cristianismo. Então nesse sentido, de lá pra cá isso se intensificou, de forma que também me tornou plantador de igreja. O que é isso? É uma pessoa que é enviada para um lugar para que lá ela possa consolidar uma base e dali deixar aquele lugar pronto para que uma pessoa comece ajudar aquelas pessoas e dali você ir para outro lugar. Então, fiz isso em Campina Grande, fiz isso juntamente com outra pessoa na Zona Sul de João Pessoa. E hoje quando vim para Brasília, trabalhar aqui, também senti também essa necessidade, tinha muita gente aqui devido ao momento de pandemia. Tinha muita gente com sérios problemas de âmbito de espiritual, de âmbito emocional. E aí eu juntei um grupo aqui, comecei a acompanhar essas pessoas e a 4 meses nós fundamos uma igreja aqui, justamente pegando essas pessoas que estavam passando por sofrimento, solidão, devido a pandemia, problema de saúde mental e hoje a gente tem um grupo de aproximadamente 60 a 80 pessoas que se reúnem lá a gente auxilia essas pessoas tem um trabalho de ajuda mútua.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

Líder é uma pessoa que influencia pessoas e acima de tudo essa pessoa se torna exemplo para essas outras. Não é um chefe. É diferente de ser um chefe. Como é que eu faço no sentido da liderança? Eu pego o exemplo de Cristo, então vejo nele

um líder, alguém que tinha atitudes primeiramente de empatia, ele olhava para dor do outro, ele se identificava com a dor do outro. Jesus, por exemplo, se identificava com as pessoas que a sociedade excluía. Então ele não tinha, por exemplo, pena do preso, ele não tinha pena do excluído, ele se identificava com o excluído. E ele fazia também com que as pessoas se identificassem com os outros em situação de sofrimento e em situação diversas. Eu me vejo hoje como alguém que tem um chamado de inspirar pessoas para que essas pessoas sejam pessoas melhores na sociedade e não somente serem melhores, mas para que elas sejam também sejam agentes de transformação da sociedade. Para que cada pessoa saiba que ela tem uma função social de produzir algo na sociedade principalmente na vida de outras pessoas, para amenizar a dor do outro, para levar sementes de esperança de esperança no coração dos outros, para plantar uma visão de futuro de forma esperançosa. Então, eu me vejo dessa forma, tendo essa função de líder. Que inspira, não necessariamente pela oratória, não necessariamente por palavras faladas, mas como alguém que aponta para a liderança de Cristo. Um líder cristão, ele é alguém que aponta para quem Cristo é. As pessoas olham para ele e tem que ver nele alguém que aponta para quem Cristo é. E a partir disso, viver de forma que isso seja um exemplo para os outros. Senão não passa de alguém hipócrita. Alguém que fala sobre coisas, mas não vive essas coisas, então eu tenho que viver dessa forma e apontar para as pessoas que essa forma é uma forma que agrada a Deus, já que eu sou um líder cristão.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

A minha experiência com a depressão, boa parte dela, veio devido a um trauma que eu tive quando criança. Eu tinha aproximadamente 6 e 8 anos por aí. E aí uma pessoa de minha família estava sob efeito de álcool, e num dado momento que eu estava dormindo na casa de uma pessoa. Essa pessoa numa madrugada foi até onde eu estava, eu estava sozinho nesse local e falou palavras muito agressivas para mim em relação a meu futuro. Ela estava sob efeito do álcool. Eu também creio que existia uma questão espiritual nesse meio. No cristianismo, nós cremos que há influências espirituais nesse meio. Por isso que digo que não foi algo totalmente intencional dessa pessoa, além de ter a questão do álcool, tinha uma questão

espiritual. Então, essa pessoa disse para mim que eu não ia ser ninguém na vida, que eu não prestava. Enfim, eu era uma criança. A partir daí, eu comecei a desenvolver uma visão de futuro, ainda como criança, eu comecei a achar que a minha vida realmente ia ser uma vida fracassada. E foi a partir daí, que eu comecei a ter medo do que ia acontecer depois. Eu comecei a me ver como uma alguém inferior, enfim. E foi parte desse processo que me levou a desenvolver o processo de depressão. Então, nesse sentido, eu tenho um trauma, aliás eu tive um trauma. Trauma é uma coisa que é aberto na vida de alguém e que se não for tratado vai trazer danos. Então, isso foi trazendo muito dano para minha vida. E isso foi tratado a partir do momento dessa experiência religiosa que eu tive. Essa situação foi a experiência que trouxe um trauma na minha vida, esse causou ressentimento. Porque eu já tive outros fatos que não me causaram ressentimento. Eu passei por outra situação, mas não me causou ressentimento. Passei por outra situação que foi uma tentativa de abuso. Mas porque não me causou ressentimento? Porque, a forma como aconteceu, isso não se concretizou. Graças a Deus eu consegui me defender disso. E não tinha um laço com essa pessoa, não houve uma relação posterior também, não era uma pessoa que tinha contato. Então, não posso dizer que houve ressentimento porque eu nem conhecia a pessoa. Eu era pré-adolescente quando houve uma tentativa de abuso. Então, eu não posso dizer que houve ressentimento porque ressentimento é quando a gente conhece a pessoa tem algum tipo de afinidade e isso causa um ressentimento, ou então, você conheceu naquele momento a pessoa e passa a ter uma relação depois e isso causa ressentimento. Nem sabia o nome dessa pessoa. Então, não causou ressentimento. O que causou ressentimento de fato foi o primeiro acontecimento que relatei da pessoa alcoolizada que era ressentido com ela até o momento que tive a experiência religiosa.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Sim. Esse fato dessa pessoa que me causou esse trauma, na experiência religiosa que eu tive e ao entender o que tinha acontecido comigo, depois que tive a experiência religiosa e desistir do suicídio, eu comecei a analisar minha vida para tentar compreender o que havia motivado essa falta de perspectiva de futuro. E aí foi quando eu trouxe a consciência esse fato do passado de quando era criança e naquele momento eu perdoei a pessoa que tinha feito isso eu entendi que havia

uma questão espiritual e entendi que essa pessoa estava sob efeito do álcool e entendi também que eu deveria manifestar uma característica do cristianismo que é o perdão, então assim, isso não me trouxe mais peso. Existia também um outro fato. Eu tinha uma relação muito conflituosa com meu irmão, aquela coisa de irmão de ter muita briga. Um dia, já após a conversão, em um evento eu senti algo para falar com meu irmão ao chegar em casa e pedir perdão a ele, porque eu deveria ter um laço maior com ele de afinidade e isso não pode acontecer devido a questão de uma agenda que não bateu. E nessa noite, meu irmão ele foi para um evento e no retorno para casa, o carro quebrou a caixa de direção e o carro capotou e ele passou cinco dias em coma na UTI e nesse momento eu também tive uma experiência religiosa de diálogos com Deus em relação ao perdão e um desejo de pedir perdão a ele por eu não ter tido essa atitude antes de me aproximar mais dele. Enfim, eu tive esse diálogo com Deus e cinco dias depois o meu irmão faleceu. E a minha experiência de perdão aí, foi mais no sentido de eu me sentir perdoado por ele nesse período de cinco dias e não como muitos pensam que ele havia conversado comigo. Não, ele não conversou comigo até porque ele estava inconsciente na UTI. Mas foi mais de uma experiência religiosa mesmo, espiritual de entender que como meu coração estava, Deus interviu naquilo ali e eu senti realmente que fui perdoado por não ter tido uma relação mais intensa com ele como irmão.

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

Quando a gente tem uma mágoa de alguém, eu costumo dizer que carregar mágoa de uma pessoa é você tomar veneno esperando que a outra pessoa morra. Porque uma mágoa só faz mal para você. Então, se você tem coisas não tratadas com pessoas, se você carrega pessoas na sua vida de forma negativa, você realmente carrega pessoa na sua vida. Perdoar é você se sentir aliviado por não está carregando alguém de forma nociva. Quando você perdoa alguém, você está se alimentando espiritualmente. A experiência do perdão é a experiência de você se vê como alguém que não é maior que a outra, que não é melhor do que outra pessoa. Que você é tão limitado, quanto. É tão pecador, quanto. É tão cheio de falhas, quanto. Então, sempre a gente perdoa, a gente está tendo a humildade de olhar para o outro, tendo a plena convicção de que nós somos iguais, e que uma falha que o outro comete contra você hoje poderia ser você cometendo contra ele

ontem ou amanhã. Então, perdoar é simplesmente você se colocar no lugar de igualdade e quando a gente olha para Deus, quanto mais relacionamento a gente tem com Deus, mais a gente o vê grande e a gente como pequeno. Então, a gente aprende que, sendo pequeno, nós temos que aprender a ver os outros de forma digna, de forma a valorizar as pessoas, isso também implica em perdoar as falhas dos outros porque também somos falhos.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

Um benefício é a questão da leveza, de você não sentir esse peso da mágoa. Outra característica positiva do perdão na minha vida é porque ele é muito pedagógico para mim e se torna pedagógico para outras pessoas. Que você pode dizer: Olhe isso aconteceu comigo, então perdoe, porque isso vai ser bom para você, isso vai ser bom para seu futuro. A pessoa passar por experiências negativas e positivas são muito boas para que você possa levar isso para vida de outras pessoas, porque você diz: Olha, eu passei por isso. E por fim, e o principal, a minha vida é pautada, por ser um sacerdote, nesse sentido que a gente costuma dizer no cristianismo, por ser alguém que tem um relacionamento com Cristo, o foco da minha vida é agradar a Deus. Então, eu creio que perdoar alegra o coração de Deus. Então, já que para mim o foco da minha vida principal é fazer com que ele se alegre, perdando eu tenho a plena convicção que ele fica feliz comigo, então valeu a pena. Independente se isso não seja o que eu queira, porque nem sempre a nossa vontade é perdoar, mas se faz o coração dele feliz, então isso é bom para mim porque eu sei que fazê-lo feliz também abençoa minha vida, então assim que eu vejo enquanto líder cristão.

8. Afinal, para quê perdoar?

Perdoar para viver livre. Se você não perdoa você vive preso. Vive preso a falhas dos outros. E viver preso à falha dos outros é você se considerar alguém inerrante. E quem se considera inerrante não está disposto a crescer. Vive na mediocridade. Vive na mediocridade não no sentido de viver na média das pessoas, mas de viver algo a baixo do que você poderia viver, você poderia viver de forma mais relevante, mais frutífera e pessoas que vivem carregando mágoas nos seus corações são pessoas que simplesmente frutificam coisas que ficam sem gosto. E viver sem gosto é uma vida que não vale tanto a pena. Por isso que Jesus disse

que nós somos o sal do mundo, que a gente tempera o mundo. Perdoar é você trazer tempero para uma vida sem sabor. É algo que, inicialmente, dar trabalho, mas passa a ter gosto. Nossa vida passa a ter um gosto melhor.

ENTREVISTADO 4

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 48 anos

Naturalidade: João Pessoa/Pb

Escolaridade: Doutorado

Profissão: Servidor Público Federal

Formação teológica/Instituição: Graduação (Faculdade Teológica Sul Americana); Mestrado (Betel); Doutorado (Trinity International University em Chicago com validação na PUC do Rio de Janeiro)

Outras formações/Instituição: Engenharia e Direito (UFPB); Mestrado em Filosofia na UFPB; Especialização em Engenharia de Segurança na UFPB e uma Especialização em Gestão Pública pela Cruzeiro do Sul

Tempo de atuação no sacerdócio: Desde o ano de 1998 como ministro licenciado e 2002 como pastor ordenado.

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista Semiestruturada)

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Bem, o meu chamado foi uma experiência como professor de escola bíblica na Primeira Igreja Batista de João Pessoa. Eu fui convidado para substituir um professor e aquilo ali me encantou, o ensino, à docência teológica, aliado a um culto que eu participei em Natal na época em que estávamos gravando o CD da Primeira Igreja Batista de João Pessoa, da Banda Gênese. Ali eu estive num culto com testemunho de um jovem e aquilo ali falou muito a meu coração sobre o quanto eu poderia, de alguma maneira, ser útil nas mãos de Deus. Mas, isso veio como um choque né, porque eu sempre exerci funções públicas por um concurso, outras coisas. Eu achava que tinha que deixar tudo para ser um pastor. Mas, aos poucos eu fui entendendo que não. Fiz um preparo. Comecei com um mestrado.

Fiz algumas disciplinas no Seminário. Mas, como eu já era graduado numa área humana das Ciências Humanas e Sociais, o Direito, resolvi entrar no mestrado. E depois do mestrado, fui ordenado pastor. Então, o chamado foi assim algo que foi testado e testificado pela igreja. A igreja percebia, a igreja respondia. Muitas pessoas da igreja chegavam e dizia: Olha você tem o dom do ensino, da pregação. Quem sabe Deus não o queira chamar para essa vocação. Então, foi um conjunto de fatores ali, mas o mais claro na minha decisão de ir a frente numa vocação ministerial foi à resposta das pessoas. Então a partir daí, eu também comecei a crer que antes de qualquer coisa de treinamento o teológico, ir a um Seminário, ou de ter um preparo ou qualquer coisa, sacerdócio, digamos, a vocação pastoral ela, na verdade ela deve surgir da igreja e não do candidato. E eu passei então a usar esse critério depois que assumi a titularidade de uma igreja. Então, hoje na igreja Batista Cidade Viva, o preparo vem depois do reconhecimento. Você pode até fazer o preparo, você pode até fazer teologia, pode até fazer mestrado, pode até ser doutor em teologia, mas se a igreja não reconhece o chamado como algo evidente na vida de alguém, eu começo a ter problemas porque eu começo a ver que na tradição as coisas se inverteram. Não é assim que a Bíblia fala? Primeiro Jesus chamou os apóstolos e depois ele treinou os apóstolos. Então, o chamado de Deus vem primeiro e depois vem o treinamento. Quando o apóstolo Paulo estabelece as escolhas e pede para Tito, e a Timóteo, nas epístolas, uma das coisas que ele fala é tenha uma boa reputação com os de fora, que seja um bom marido, que tenha seus filhos sob uma disciplina amorosa, então eu comecei a partir da minha experiência. Eu não fui para um Seminário para ser ordenado, eu fui para o Seminário como se aquilo fosse à expressão de algo que já testificava no coração das pessoas que conviviam comigo.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.

Bem, o percurso foi esse. Eu já era engenheiro civil quando eu me converti. Eu era bacharel em Direito e eu já era especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho. Então, a formação teológica ela veio no meu processo de vida normal, profissional. Eu me lembro que houve essa oportunidade de fazer algumas disciplinas no Seminário em nível de graduação. O Instituto Teológico Batista de Ensino Superior. Fiz ali 2 anos e meio, nem sempre bloqueado porque eu fazia o

curso de Direito na mesma época, estudava Direito, estava no último ano de Direito quando comecei teologia. Depois resolvi ir para o mestrado. Depois do mestrado em teologia, eu senti uma necessidade de ter um preparo para um debate mais abrangente fora, digamos, fora daquele locus religioso. E voltei a UFPB e me candidatei ao mestrado de filosofia, fui estudar o campo da ética e da filosofia política e aquilo ali me deu, atribuo ao mestrado em filosofia uma maior capacidade em decorrência dele, para um debate mais profundo no campo das ideias até para convencimento das minhas concepções teológicas. Então aí, quando eu tinha então esses dois mestrados em teologia e filosofia, segui em um doutorado em teologia e conclui esse doutorado em 2016. Foram quase sete anos porque eu tinha que viajar para os Estados Unidos em períodos específicos para ter aulas e a pesquisa de campo foi aqui, foi uma pesquisa qualitativa muito trabalhosa que eu tive que fazer com uma amostragem inicial de 1500 igrejas, depois eu reduzi um foco. Essa entrevista que você está fazendo comigo eu não sei quantas pessoas estão participando, mas eu entrevistei 50 pastores para compor as ideias, depois foram 50 horas de gravação que eu joguei para a uma análise qualitativa no NVivo com todas aquelas categorias. E aí, posso dizer que dei um tempo nos meus estudos teológicos com a finalização em 2016, validei na PUC. E aí, ali em 2018, eu venho para o governo. Então, começou a reavivar e dizer eu preciso agora de uma formação em Gestão Pública. Fiz a Especialização. E agora estou num Pós-Doc em Direito por uma necessidade de uma reciclagem na Universidade de Salamanca, com aulas que foram suspensas. Então, eu posso dizer que a minha formação teológica ela foi sempre transversalizada com a filosofia, com Direito, com a sociologia. Eu acho que isso ajudou a ter uma compreensão mais ampla do ministério. Então, a minha formação é literalmente híbrida.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

Eu acredito que a liderança cristã ela nos é ensinada, isso biblicamente e eu tento aplicar na minha vida, por dois movimentos interessantes, o movimento de liderar a partir do servir e não a partir do mandar ou do determinar ou convencer pelo medo, ou manipular o coração. Eu tento obviamente, eu estou aquém do meu Senhor, mas eu creio que você lidera servindo as pessoas. Esse serviço para

mostrar o quanto a posição de líder ela é uma posição que tem o privilégio de olhar as pessoas na perspectiva da dignidade intrínseca delas. Ver realmente não apenas teoricamente, mas ver a realidade a imagem de Deus refletida no outro. Então, esse é um dos movimentos, o movimento do serviço. E o segundo, é o movimento da modelagem de condutas. A gente ver isso em Bandura que é um teórico da psicologia que diz que uma das formas de aprendizagem é o modelo. É você ser o modelo, você ser a carta. A carta aberta, que se apresenta. Então, eu entendo que liderar é servir e modelar ações, a partir das suas ações. Não que eu esteja dizendo: Pregue o Evangelho e se preciso use palavras. Não, eu acho que não isso. O Evangelho é uma mensagem que tem um sentido hermenêutico próprio. Eu tenho que verbalizar o Evangelho. Porque no contexto cristão, o pecado é uma realidade e não apenas uma categoria. Eu tenho que falar do pecado, eu tenho que falar de arrependimento, eu tenho que falar de seguir a Jesus. Mas, na hora que eu modelo as ações daqueles que eu lidero a partir das minhas ações que são reflexo das palavras que são as boas novas então pelo menos eu fujo do perigo da hipocrisia. Então, isso eu falo em tese, o que eu penso sobre liderar: Servir e modelar. E em segundo lugar, como me vejo nessa perspectiva. A minha experiência pastoral e vejo que cada uma tem sua experiência muito pessoal, e como sua pesquisa é fenomenológica, penso que é muito importante falar de minha experiência e o meu universo particular é muito importante. Então, no meu universo particular, em razão de ter que continuar sendo Procurador da Fazenda Nacional, quando assumi a titularidade em Direito, continuar sendo um pesquisador, um estudioso. Eu estou chegando agora no nono título acadêmico. Então, é uma estrada de muito desejo de aprendizagem e de tudo mais. Eu me percebi o seguinte: Não, eu não tenho como ter um trabalho relevante sendo aquela figura do púlpito que gera nas pessoas dependência de mim. Jesus fez um trabalho muito maravilhoso, tanto no servir quanto no modelar, mas especialmente também num processo de dar um passo atrás para que as pessoas dessem um passo à frente. Então, nós temos no processo de discipulado de Jesus três fases muito claras: venha e veja o que estou fazendo, então ele modelava; venha e faça comigo, ou seja, vamos servir juntos; e agora você vai e eu fico, e eu vejo você fazendo. Foi isso que aconteceu com a missão dos 70, a missão dos 12 que a gente ver nos evangelhos. Então, isso se aplicou muito ao meu universo particular. Eu não tinha como ser aquele ser imprescindível que alguns

incorporam no seu universo particular. Ah, é o pastor que vai estar ali, que vai atender todo mundo, que vai orar para todo mundo, que vai abraçar todo mundo, que vai saber o aniversário de todo mundo. Eu simplesmente não tinha primeiro porque eu me entendi sempre desde o princípio, demasiadamente humano no processo. Eu nunca achei que a ordenação me levaria a um plano de suportar mais do que um ser humano qualquer suportaria. E ao mesmo tempo, a decisão de seguir uma vida em que o ministério pastoral para mim não precisou ser a dedicação exclusiva, eu tinha que, ensinar as pessoas servir, servindo-as. As pessoas precisavam ver equilíbrio nas minhas palavras, na comparação da minha palavra, na convivência com a minha esposa, na minha palavra com a convivência com os meus filhos, na minha palavra como cumprimento das minhas promessas. Eu precisei também como Jesus fez, eu fui me colocando no caminho da não imprescindibilidade e há uma diferença muito grande a quem se faz substituir e dar o palco para que os outros possam liderar e servir, porque Jesus disse que estaria com os discípulos a todo o tempo, ele é onipresente, eu não sou. Então, eu tenho que assumir essa característica de que não sou onipresente. Eu posso me fazer cada vez mais desnecessário. Então, como é que eu vi que isso atingiu um nível de maturidade de verdade na minha vida. Eu vivi a minha vida inteira em João Pessoa, desde que nasci. Nunca quis sair de João Pessoa. Nunca quis assumir cargos na Procuradoria. Mas de repente eu disse assim: ah, é um novo governo, com algumas ideias que eu concordo. Com a visão mais liberal da administração, que eu concordo. Com o Estado menor, então, eu vou sair. Então, eu achei que a minha vinda para Brasília e uma ida esporádica agora nos finais de semana, dois, três finais de semana, eu achei que afetaria a vida e a saúde da igreja. Mas, pelo contrário. Como eu ensinei a igreja servir, servindo-os, como eu ensinei a igreja a partir de uma modelagem e como eu chamei para vir comigo e depois para me ver fazendo, depois para vir comigo e depois enviando-os a ser e a fazer. Hoje, eu tenho a felicidade de que a igreja não caiu o número de voluntários, mesmo na pandemia, nós conseguimos continuar servindo a Cidade, o Estado com novos líderes surgindo e eu me transformei naquele tio mais velho, já não sou mais o cara de 33 anos de quando iniciou a igreja, hoje estou com quase 50. E vejo novas relações que me querem bem, que gostam de me ver pregar, mas hoje sabem que eu não sou a razão da existência da igreja, sou apenas uma parte que compõe o ministério. Então, esse erro de tornar-se razão, centro ou imprescindível, ou super-

homem eu nunca tive esse problema. Isso me poupou a saúde. E não só poupou a minha saúde, trouxe saúde a um grupo crescente que hoje chega a cerca de 1500 de voluntários fixos em dado mês. Igrejas sendo plantadas. Novos líderes sendo identificados e aprovados pela igreja. Uma faculdade hoje que tem dentre outras intensões a de formar teólogos, tanto na área de pesquisa, como professores, como missionários e pastores. Então assim, eu ousou dizer que acho que acertei, mas não porque eu criei um modelo, mas porque eu segui o modelo de Jesus. Então, se ele deu um modelo e ele apresenta-se como soberano sobre como se fazer ministério, como maior e mais importante líder, ele modelou a minha conduta e eu modelei a conduta de meus liderados e isso, tem gerado um círculo virtuoso de novos líderes e eu posso dizer que hoje trabalho muito menos porque tem mais gente trabalhando dividindo as cargas comigo.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

Eu vejo o ressentimento, eu preciso aí da filosofia da linguagem, um pouco analítico na questão do ressentimento. Eu entendo que o ressentimento ele acaba que sendo a perpetuação de uma tristeza por um dano recebido. Para mim, o ressentimento ele é o irmão gêmeo da amargura. Eu sempre tive uma grande facilidade de relevar ofensas. Então, se você me pergunta se eu já entristeci com os sofrimentos que me causaram, eu vou dizer que sim. Mas esse sofrimento, essa dor transformou-se em ressentimento, ou em amargura? Não. Por causa de uma tendência, e aí a gente não vai entrar nesse campo, mais genética, mais de experiência familiar, mais da graça de Deus. Eu sempre lidei com o sofrimento e a tristeza pelo dano que me causaram sem deixar que isso se transformasse em ressentimento. Então, diante da sua pergunta, eu já tive muitas pessoas que me fizeram sofrer, mas eu não permiti que o meu sofrimento se transformasse em raiz de amargura ou de ressentimento, pelo menos que eu me lembre. Eu sempre trabalhei muita a dor sentida, tentando entender a limitação que o outro tem ao me ferir. Em outras palavras, eu tento me colocar no lugar do outro e dizer assim: eu já devo ter feito muita gente sofrer. Então, talvez isso que tenha sido feito contra mim, que tenha me feito sofrer, tenha sido por inexperiência, ou por um momento difícil na vida de alguém ou uma falha mesmo própria da humanidade própria

daquela pessoa. Para mim, a palavra ressentimento analiticamente para mim significa um processo mais enraizado de dor. A minha dor existiu, mas eu não deixei que ela avançasse a ponto de ela começar a me fazer mal. Porque o ressentimento não muda a ação do outro, mas a decisão de não guardar ressentimento me afeta positivamente.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Já, já vivenciei situações de perdão, de perdoar pessoas que me fizeram mal. Até mesmo de perdoá-las, antes delas me pedirem perdão. Porque eu entendo que o perdão, e aqui essa questão, digamos que eu tinha em potência, mas em ato, usando mais uma categoria filosófica, eu tenho uma predisposição para perdoar muito fácil, mas quando eu entendi a graça de Deus sobre a minha vida, na minha conversão, isso ficou mais fácil ainda. Então, é sempre bom a gente ouvir um pedido de perdão. Isso nos faz bem. Mas, há momentos em que a gente tem que tomar a decisão e dizer assim: cara eu vou perdoar. Eu vou perdoar porquê? Porque o não perdão ele é sinônimo de ressentimento, de raiz de amargura. Então, essa resposta está ligada a mais ou menos a resposta anterior. Então, eu já tive momentos de dizer assim: poxa me trataram injustamente, não deveriam ter feito isso. Aí vem a raiva, vem a tristeza, vem a dor e aí vem o processar. Então, pera aí, eu poderia ter feito isso também. Quem sabe se eu não já fiz isso com alguém e não me percebi. Eu creio que um exercício muito importante para a cura nesses processos de dor decorrentes de sofrimentos causados, é a transparência. É chegar num momento e dizer: olha, eu não gostei disso, eu me senti mal com isso, eu acho que você usou a palavra que não deveria, eu me senti diminuído. E aí a gente dar uma oportunidade de a pessoa rever. Agora, eu conheço pessoas e nessa minha convivência pastoral e aí já vai chegando perto de 20 anos de ordenação no ano que vem, eu já vi pessoas dizerem: não eu não vou perdoar a quem não pediu perdão. Então, na hora que eu vinculo o perdão ao pedido, eu vivo uma dinâmica de reação. E eu deixo de ser ator da minha própria história, no sentido de não carregar fardos. Porque toda retenção de perdão, toda a amargura, é um fardo. Alguém já disse e eu não me lembro quem, que quando eu guardo amargura, é como se eu tomasse veneno e esperasse que o outro morresse, quem me fez mal morresse. Mas, quem vai morrer sou eu. Então, já li algumas pesquisas, eu acho que isso é importante no campo da espiritualidade, da saúde, é um campo novo,

tem sido tratado nas Ciências das Religiões, tem sido tratado na Teologia, na própria medicina, na própria Ciência da Saúde, a ligação que há entre a retenção do perdão, a amargura e doenças psicossomáticas, inclusive câncer, alguns tipos. Você vai crescendo, vai vendo assim, eu junto à predisposição ao perdão, ou seja, eu sou uma pessoa de fácil perdão com a consciência de que o não perdão me faz mal e não vai mudar a outra pessoa. O que vai mudar o outro é minha capacidade de talvez de abrir o meu coração respeitosamente, falar dos meus conflitos. Jesus fala sobre isso não é também. Se você tem alguma coisa contra alguém vai lá e fala, abre o coração, se a pessoa não aceitou, chama uma testemunha. Eu acho que essa testemunha aí ela funciona também às vezes como um mediador e eu fui mediador de conflitos de trabalho, trabalhistas quando fui auditor do trabalho entre 95 e 2000 e eu aprendi muito sobre o quanto às vezes uma terceira pessoa ela é importante num processo de conscientização de pedir perdão, de amargura e tudo mais.

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

Bem, a experiência de perdoar, especialmente depois desses anos caminhando com Cristo, com a igreja, tendo tantos problemas, tendo que resolver problemas de não perdão, de pecado, o sentido do perdoar para mim está ligado à convicção de quem eu sou enquanto um ser incompleto, pecador e que muitas vezes consciente e muitas inconscientemente causa danos nos outros. Isso para mim aqui é a chave. Eu não entenderei a dimensão do que é perdoar o outro, o sentido do perdão, enquanto eu não entender profundamente o quanto eu preciso do perdão de Deus. Então, a convicção sobre a graça, porque, Escrituristicamente a gente vai aprender o que aqui? Paulo vai dizer “todos pecaram e destituídos estão da graça de Deus”. Lá em Efésios capítulo 2, ele vai dizer que Ele nos amou quando nós éramos inimigos. Então, se eu vejo que eu sou um pobre pecador e há alguém que não tinha nenhuma razão para me perdoar, porque se me condenasse estava sendo 100% justo. Porque o perdão está ligado a misericórdia, está ligado a graça. Mas, misericórdia e graça não é o antônimo de justiça. Deus, caso condenasse toda a humanidade ele não estaria sendo injusto. Até se condenasse entre aspas os bonzinhos. Porque não há diante de Deus ninguém que seja bom. Então, se ele me perdoa sendo eu mal e eu entendo a dimensão da minha fragilidade e da minha nudez, enquanto um ser que afronta a santidade de Deus todo tempo, eu passo a

ver o outro com olhos mais graciosos, ou seja, para mim ninguém vai entender a profundidade da graça de Deus, a dimensão da graça de Deus se não entender a profundidade do seu próprio pecado. Então para mim, o sentido do perdão é um sentido mínimo de resposta grata a Deus por ter sido por ele perdoado sem merecer. Então, para mim hoje não há ninguém que eu possa dizer fulano não merece o meu perdão. Então, eu não entendi a graça de Deus e acho que sou merecedor do perdão de Deus. No final das contas, por experiência eu tenho visto que às pessoas que têm uma maior dificuldade de perdoar, eu não estou generalizando, que fique bem claro, mas na minha convivência pessoas muito rancorosas e que não tem capacidade de perdoar, geralmente tem uma auto imagem deturpada, além do que de fato é, ou seja, acham-se mais dignas do que aquele a quem ela nega o perdão. Então, o sentido do perdão para mim é dizer assim, poxa: diante de Deus eu sou culpado e ele me perdoou porque eu vou negar o perdão ao outro. E Jesus disse isso, não é, se você perdoar o seu Pai que está no céu vai lhe perdoar, se você não perdoar, o seu perdão vai está retido. O que ele está querendo dizer, ninguém pode se dizer convertido a Cristo, se ainda não entendeu o que é perdoar o outro. Porque se eu não entendo o que é perdoar alguém que é tão pecador quanto eu, como está minha percepção diante de Deus? Deve está equivocada. Talvez eu me ache no fundo, do fundo, um pouco melhor do que aquele a quem eu negue o meu perdão. Então, para mim, o sentido do perdão está na convicção plena de que fui perdoado por Deus sem merecer. Então, essa aí é a minha visão do perdão.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

E traz benefícios sempre, porque eu durmo tranquilo. Eu não acordo pensando no meu agressor, eu não preciso desviar os meus caminhos para não encontrar aquela pessoa. Eu exercito a misericórdia de Deus. Outro benefício, eu modelo aqueles que eu lidero, com a minha atitude, a ponto de ouvir, mas rapaz como é que você consegue perdoar um negócio desse. E aí, você começa a modelar, aquilo que havia dito mais atrás, a liderança com três aspectos: liderar servindo, liderar modelando e liderar afastando-se para que outros ocupem o espaço. Então, são muitos os benefícios: dormir bem, não guardar rancor, não ter amargura no coração, ter uma visão mais positiva das pessoas, acreditar na restauração das pessoas. Eu acredito demais. Para mim, ninguém pode estar tão longe de Deus

que não possa ser trazido pra perto. Então, são múltiplos os benefícios. Perdoar faz bem. Perdoar traz saúde para nossa alma.

8. Afinal, para quê perdoar?

Está ligado aos benefícios. Para quê perdoar? Perdoar e aí eu falo como cristão, como Ministro do Evangelho, talvez a minha percepção seja diferente da percepção de outros cristãos, mas, para quê perdoar? Para, especialmente, ser um canal de propagação da graça de Deus, você mesmo. Perdoar para que a sua mensagem tenha personalidade, personifique-se, seja vista. E outra coisa, o perdão é algo tão poderoso que na hora que eu perdoo quem me ofende e trato bem, a Bíblia diz que eu amonto brasa na cabeça da pessoa, brasa viva. A pessoa fica doida, ela diz assim: poxa! Então, quando eu perdoo, eu ajudo o outro mais, do que quando eu guardo amargura e passo a tratar mal aquela pessoa que me fez mal. Então, eu ajudo o outro, eu me ajudo, eu propago o Evangelho. Então, é para isso que a gente deve perdoar. *Para mostrar que existe na realidade dos relacionamentos intersubjetivos uma prova de que Deus existe.*

ENTREVISTADO 5

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 65 anos

Naturalidade: Princesa Isabel/Pb

Escolaridade: Superior

Profissão: Ministro do Evangelho

Formação teológica/Instituição: Seminário Teológico Batista do Recife

Outras formações/Instituição: História e Filosofia (UFPB); Psicologia (UNIPÊ);

Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais (UFPB)

Tempo de atuação no sacerdócio: 42 anos

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista Semiestruturada)

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Ele se deu no contexto da minha vivência religiosa, dentro de uma família evangélica, convivendo com a igreja desde muito tempo. E aí, já na minha adolescência, tinha paixão pelos eventos da igreja e na juventude, após 18 anos de idade, senti-me assim, impulsionado pelo desejo de me envolver com a igreja, de estudar teologia e de ser pastor. Então, foi num processo que se deu como um desfecho de uma vivência religiosa dentro de um ambiente evangélico batista aqui em João Pessoa na Primeira Igreja Batista.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesiástica e de sua experiência de liderança cristã.

Em 1975, eu fui para Recife estudar teologia onde me formei em 1979 em Bacharel em Teologia e vim para João Pessoa em 1980 para assumir a Igreja. Assumo na Igreja e aí eu senti a necessidade de um preparo terapêutico para lidar com as pessoas, com seus dramas, suas dores e daí veio o desejo de estudar

Psicologia. Então, nasceu da necessidade de me preparar mais para conhecer melhor a alma humana e as demandas dessa alma humana. Como sempre gostei de estudar, então logo após terminar o Curso de Psicologia eu fui convidado por uma Professora amiga para fazer o Curso de História, porque era ela da igreja e Coordenava o Curso de História da UFPB, eu já tinha o Curso Superior. E juntou o pensar com o gostar de estudar, então eu fiz os Cursos de História e Filosofia. E na sequência, eu me envolvi com a igreja, descobri que eu tinha uma potencialidade de liderança muito grande, fui me envolvendo aqui na cidade, sai do gueto da igreja, propriamente dito, me tornei assim, uma espécie de pastor da cidade. Fui me envolvendo com os eventos, com as autoridades, de tal maneira, que entre a década de 1990 e 2000, tudo o que era na cidade que envolvia o Evangelho, uma posição evangélica, eu estava presente a convite dos setores responsáveis. Então, foi uma liderança naturalmente assumida dentro de um contexto de viver o ministério na cidade e não só no gueto da igreja paroquial, mas para João Pessoa como um todo. Durante 12 anos eu escrevi para o Jornal Correio da Paraíba uma coluna dominical, chamada “Refletindo a vida” e aí formaturas, casamentos, solenidades cívicas e militares, religiosas, natal, ano novo, então eu coloquei em João Pessoa o sentido de prática ecumênica, como, onde tinha uma cerimônia de posse de um governador, de um prefeito, da câmara, da assembleia ou do Natal sempre tinha que ter a presença de um padre e um pastor, eu e o arcebispo. Nesse sentido, aprendi a ocupar espaços para o bem do Evangelho. E aí eu fui fazendo palestras para as famílias, de João Pessoa fui para Campina Grande, de Campina para Recife, de Recife para o Brasil e o mundo, naturalmente, nesses últimos anos.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

Primeiramente, é uma resposta difícil porque envolve valores abstratos, não é? Mas, eu entendo que um líder religioso, ele naturalmente exerce uma liderança, uma influência na forma das pessoas pensarem a vida, a partir dos valores cristãos, da fé cristã. Então, o que eu fiz na minha vida foi colocar no cardápio do dia a dia, Jesus Cristo, seus ensinamentos, a sua Palavra. Entender que o cristianismo não é uma religião de missa ou de culto de domingo. Mas, uma religião do cotidiano, onde o gosto da vida cristã está no cotidiano, nas decisões, nos sentimentos, nos abraços,

nos afetos, no amor, naquilo que a gente faz no dia a dia, como expressão da presença de Cristo em nós. Então, eu fui ensinando sobre isso e percebendo que em mim mesmo alguma coisa precisaria ser desconstruída, quebrando preconceitos, alguns muros, para poder penetrar e colocar o saber de Cristo nos diversos segmentos da sociedade. Então, para mim, a liderança cristã tem a ver com isso, com influenciar para o bem, segundo a ótica de Jesus Cristo, conforme está na sua Palavra que a gente entende como bússola para a nossa pregação e vida cristã.

Eu entendo que uma vez chamado para pastorear uma igreja histórica, eu tinha que ser proativo. E tinha que encontrar caminhos para além dos muros da própria igreja, deixar de ser um ministério paroquial para ser um ministério aberto. Abençoar a cidade e não somente o meu povo. Eu entendo que se eu tenho uma missão de Deus, essa missão não pode ser confinada aos limites dos meus pressupostos religiosos. Essa missão precisa ser cumprida para a cidade porque o evangelho é ide para o mundo e não ficar na sua paróquia. Então, eu me vejo potencialmente chamado para influenciar. Então, eu me vejo assim, como apenas um servo que entende que o seu papel ultrapassa o limite da paróquia e vai abrindo espaços nas fronteiras que estão a sua frente. Então, eu sempre dialoguei com outros líderes, dialoguei com a igreja católica, dialoguei com a universidade, dialoguei com intelectuais, dialoguei com agnósticos, respeitando-os e procurei fazer na minha percepção de líder que eu não podia ficar atrás do muro, nem também na posição defensiva, mas interagir. A liderança que interage ela cria espaços para ser mais influente e também receber outras influências que lhe façam pensar e crescer a partir de um senso crítico da vida.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

Ao longo de 42 anos de pastor, muitas, não é? Algumas a gente esquece conscientemente, isso é, melhor não as lembrar, não é? Outras, a gente não tem como esquecer porque são fortes. Mas, eu me lembro no início que eu sofria muito porque havia um *preconceito social* com relação a figura de um pastor. Porque como eu falo de 40 anos atrás, só tinha em João Pessoa a influência de um padre, era um arcebispo muito forte, muito respeitado, Dom José Maria Pires. E de

repente, ele dividir espaços comigo, deixou muita crítica da sociedade. Eu me lembro quando eu escrevia para o jornal Correio da Paraíba, a convite do diretor do jornal, eu fui chamado a deixar, porque, digamos assim, eu era pastor e psicólogo e o Conselho de Psicologia não permitia que um psicólogo subscrevesse como pastor. Então, eu sofri muito com isso. E tive que recuar para poder continuar escrevendo. Eu sofri muito quando entrei na Universidade Federal da Paraíba para fazer Filosofia, eu fui rejeitado porque era um pastor. Era como se eu fosse um elemento estranho ali dentro. Então, o meu caminho foi de superar barreiras e preconceitos, até de ambientes não esperados. Mas também dentro da vivência pastoral, porque naturalmente, a gente vive com lutos, e a gente vive com perdas, tudo isso de maneira muito forte marcou minha vida. Então, a história de um pastor é a história de um caminhar entre flores e espinhos. Então, tem sangue nos pés, mas também tem flores nas mãos, não tem como ser diferente. Então, eu prefiro lembrar assim tópicos, do que lembrar de formas assim específicas, porque quando você lembra os sofrimentos específicos, você lembra de pessoas. Algumas já morreram e outras estão vivas. E eu não queria lembrar muito delas para poder guardar na memória o que me dar esperança e descontaminar a minha alma. Isso me faz muito bem.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Ah, com certeza. Quando eu cheguei em João Pessoa nos anos 80, eu tive uma pessoa que me fez sofrer muito. Porque na época era uma liderança forte na igreja e por ser muito forte eu me vi como menino. Aí perseguiu, humilhou, distratou. E me fez chorar mesmo. De tal forma que em 87, eu até pensei em deixar a igreja. Porque há limites no sofrimento. Até que eu entendi que o coração de um pastor tem que ser um coração permeado de possibilidades de afetos. Tem que ser um coração marcado por experiências de tolerância, de compreensão e de perdão. E compreender que guardar aquilo para mim só faria muito mal a mim. Então eu a procurei, eu perdoei, eu abracei. E a partir daí, eu aprendi lidar com algo chamado no meio religioso de cura da alma, cura interior. Por entender que não há um caminho mais libertador do que o do perdão. Então, Dra. Andréa quanta gente eu já perdoei. Então, eu já fui caluniado, já fui perseguido, mas olhe perdoei mesmo, liberei o perdão. E entendo que há três caminhos dentro desse processo da minha experiência. Primeiro, o caminho de reconhecer que eu fui ferido, mas também eu

posso ter ferido alguém, com certeza. Segundo, liberar no coração a possibilidade de perdoar e depois, perdoar de verdade. Então, hoje eu sou um homem de alma leve. Já perdoei mesmo e não há ninguém do qual eu fuja ou me esconda porque meu coração aprendeu que ser perdoador é parecer um pouco com Jesus Cristo. Quem não perdoa não pode se atrever em falar em nome dele e nem dizer que é servo ou ministro dele. O perdão, na minha experiência, ele tem etapas, tem faces e tem interfaces. Primeiro, ele é pedagógico porque ele ensina a gente a ser humilde. Ele ensina a gente a ser mais humano. O perdão só me mostra que estou magoado. Só me mostra que fui ferido. E me mostra que essa é minha condição humana. Segundo, vai me mostrar que viver assim vai adoecer a minha alma. Então, o perdão além de ser pedagógico, ele é também é terapêutico. Ele leve a gente a descobrir feridas e a curá-las. E o perdão é um remédio que cura a alma. Porque ele é libertador? Porque quando você joga fora a dor, você joga fora a mágoa, você fica mais leve, você se liberta. Mas também o perdão, no bom sentido, ele humilha a gente. Em que sentido ele humilha a gente? Reconhecer que você também erra, você também fere os outros. Você também falou alguma coisa ou fez algo que feriu alguém. Que você não tem o direito de não perdoar alguém se há outros a quem você feriu e talvez você não saiba. Então, eu perdoo porque a minha humanidade me diz: O ser humano é assim ou você perdoa ou você não espere a liberdade interior verdadeira. Então para mim o perdão ele é terapêutico, ele é pedagógico, mas também ele é profundamente reflexivo. Ensina a gente a ser mais humano, a ser mais verdadeiro e tolerante com a dor dos outros que nos fazem sofrer, mas também com a nossa atitude que fere os outros e que também os outros sofrem pôr a gente.

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

Trouxe e ainda traz, porque a experiência de perdoar não é do passado, mas é um ato contínuo. A vida é assim, é um caminhar de perdoar sempre, de ferir e ser ferido. Então, a minha experiência é que somente perdoando é que eu me vejo assim digno de ser ministro de Cristo. Eu não sou pastor porque sei teologia, aí eu seria apenas um teólogo. Eu sou seu pastor porque lido com pessoas humanas. Então, se Cristo me perdoou um dia, porque eu não perdoo todo dia. Então para mim, o perdão é uma experiência dinâmica e que me faz todo dia pensar sobre o valor da vida que estar nos outros. O perdão me fez uma pessoa mais altruísta, me

fez uma pessoa mais empática e, sobretudo uma pessoa mais humilde. Embora eu seja um pastor, eu sou encantado com o que a tradição católica, evangélica e protestante chama de oração de Francisco de Assis: “é perdoadando que se é perdoado”. Então é perdoadando que você é plenamente humano, porque você vive para os outros e vive também dos outros em você. Não há como viver sem perdoar, não há como.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

A experiência do perdão me traz muitos benefícios. Pelo menos três de início. Um é saber que é um desafio do qual eu não posso abrir mão. É um estado de abnegação contínuo. De renunciar o ego em função do outro. Eu não posso ser pastor sem saber perdoar. Não há como. Todo dia alguém pode fazer alguma coisa que me fira. Então, me traz essa experiência. É um desafio de todo dia ser mais humano, mais sensível. Segundo, a experiência de perdoar que me faz crescer é ser mais tolerante com os outros. E a tolerância é um elástico que a nossa alma cria para poder lidar no mundo dos outros. E se eu não tenho tolerância eu radicalizo e se eu radicalizar, não tenho como conviver. Então, a tolerância é o elástico da minha convivência. E terceiro, eu fico aqui com 65 anos de idade, o perdão me ensinou que ele é um remédio que não deixa minha alma adoecer. Eu sou hipertenso e todo dia eu tomo remédio de pressão. Então, o perdão é um remédio que todo dia eu tomo para minha alma e sem esse remédio para alma eu vou também me adoecer por dentro e eu não quero.

8. Afinal, para quê perdoar?

Primeiro, para ser coerente com a fé cristã. Ser coerente com Jesus Cristo na minha vida, que me perdoou primeiro. Eu só sou dele um ministro e um servo porque ele me perdoou. Segundo, para criar possibilidades reais de convivência com o diferente. Com o erro dos outros, com as feridas dos outros. Sem o perdão não teria como conviver. Terceiro, para me ensinar todo o dia, que o perdão é terapêutico. Ele cura a minha alma. Ele liberta a minha alma de prisões que me fariam menos humano, me fariam menos digno da vida que tenho. Então, perdoar todo dia é fundamental para pavimentar esse caminho que tem a ver com abraços, com olhares, com reciprocidade, com sinceridade, sobretudo, com o que eu chamo uma leveza da alma. Sem perdão a gente fica amargo, a gente fica fugidio, a gente

fica arredo. Sem perdão a gente fica ressentido. Essas coisas minha filha eu já entendi e já aprendi que não vale a pena a gente armazenar na alma. Então, perdão para mim é condição de respiração da alma para seguir vivendo.

ENTREVISTADO 6

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: 78 anos

Naturalidade: Uiraúna/Pb

Escolaridade: Superior

Profissão: Ministro do Evangelho

Formação teológica/Instituição: Teologia (Seminário Regional do Nordeste II)

Outras formações/Instituição: Licenciatura em Filosofia (Seminário Regional do Nordeste II e o reconhecimento na UFPB; Especialização em Psicologia da Infância e do Adolescente e Gestão Pública e Administração (FACISA)

Tempo de atuação no sacerdócio: 50 anos

II – DADOS REFERENTES AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Entrevista Semiestruturada)

1. Fale-me como foi o seu chamado vocacional para o sacerdócio.

Eu fui chamado muito cedo, ainda era criança. Naquela época, criança era recebida no Seminário. Eu tinha 15 anos, era uma criança adolescente. Quem despertou em mim a vocação foi uma outra criança. E que foi para o Seminário antes de mim, 2 anos antes. Ele foi quem inaugurou o Seminário de Cajazeiras. E dois anos depois eu cheguei. Ele foi terminar o Primário no Seminário eu fiquei na minha terra em Uiraúna. Terminei o quarto ano Primário, fiz depois admissão. Não sei se você conheceu Dom Luiz Gonzaga Fernandes. Era Reitor do Seminário daqui de João Pessoa. Ele era de Uiraúna. Ele ia todo fim de ano passar uns dias com a família. Disseram a ele que tinha lá um menino querendo ir para o Seminário. Era eu. Ele mandou me chamar. Então, aquele despertar para a vocação lá nas conversinhas com o meu colega Francisco Noronha, que por sinal já é falecido. Não chegou a ser padre, se concretizou através do reitor do Seminário, padre Luiz Fernandes, naquela época. E me encaminhou para

Cajazeiras. Eu fui 02 de fevereiro de 1957, Cajazeiras. E lá quando eu cheguei. O reitor Luiz Gualberto, por sinal de Uiraúna também, perguntou-me na entrevista, como foi seu estudo? Eu contei tudo e aí ele perguntou-me: Você não quer fazer um teste de matemática e português para saber se podemos dispensá-lo da admissão e aí você já vai direto para o primeiro ano ginasial e assim foi feito e eu fiz os testes e eu entrei no ginásio, deu para passar. Mas, hoje, se fosse voltar atrás eu não aceitaria, porque eu tive prejuízo. Eu devia ter feito admissão. Eu digo isso porque as consequências a gente vai sentindo depois. As faltas. Eu sou de uma terra conhecida como terra sacerdotal, Uiraúna. Eu quando fui ordenado na minha terra já fui o trigésimo nono padre ordenado. Nós somos já como filhos do município, mais de 50 sacerdotes. É claro que muitos já morreram. Pensar em ser padre naquela época entre as crianças, entre os jovens era uma coisa cultural. Fazia parte de nossa cultura religiosa. E aí assim eu fui para o Seminário, inclusive para saber se a vocação era essa.

2. Fale-me sobre o percurso de sua formação eclesial e de sua experiência de liderança cristã.

Comecei em Cajazeiras, vim para João Pessoa no ano seguinte. Aqui o reitor padre Luiz quem me encaminhou para o Seminário. Cinco anos em João Pessoa. Cursos ginasial e colegial eram seis anos naquela época. Terminada aqui, eu fui para Olinda, filosofia. Camaragibe, teologia. Antes de terminar o curso de teologia, isso foi depois do Concílio Vaticano II, a igreja porque o mundo também estava em ebulição para não falar em evolução, entrou numa crise profunda. Que o Concílio Vaticano II, o que aconteceu entre 1962 à 1965, começou com o Papa João XXIII e terminou com o Papa Paulo VI. Essa crise atingiu em cheio o clero, os padres. E aí houve muita desistência. Nós aqui da Arquidiocese do Estado da Paraíba, a igreja perdeu muitos bons sacerdotes. Inclusive preparados em Roma, como padre José Loureiro, que está vivo, um dos ex-reitores do UNIPÊ, o padre Antônio de Souza Sobrinho, ex-reitor da Universidade federal e um dos proprietários do IESPE e vários outros como Pe. José Trigueiro, Manoel Batista, Flávio Colaço, Pe. Marcos Trindade. Então, houve essa crise e eu pedi a Dom José Maria Pires, me aproximei do meu bispo que me acompanhava já há quase 30 anos. Eu já estava terminando o curso de Teologia. Mas, eu cheguei para ele e disse que dava para terminar naquele momento, eu acho que devo me afastar, não

dar para me ordenar e fazer o compromisso, pelo menos agora. Ele era muito compreensivo e aí ele disse veja o que é melhor para você e para igreja. Eu não estou convencido que deve aceitar a fazer o compromisso, não. Pois eu estou achando que é melhor eu me afastar, ficar fora fazendo uma experiência, para não ter que fazer isso, quem sabe, depois. Eu me afastei, pedi licença. Fui para Recife e fiz vestibular para Direito na Federal e na Católica e graças a Deus passei nas duas. Fui aluno da Federal, mas nem conclui o curso, porque senti de novo vontade de retornar ao Seminário e terminar minha teologia e ser ordenado. Foi o que aconteceu. Na volta o bispo disse: Eu sabia que você ia voltar. Aí eu retornei. Fui ordenado padre na minha terra como já lhe disse. Fiquei lá 33 dias, substituindo o vigário da paróquia, depois vim embora para a diocese até hoje, trabalho na diocese me ausentando apenas por quatro anos para ser o reitor do Seminário onde eu tinha estudado. Eu tinha feito um Curso um ano sabático com 10 anos de padre. Um curso muito importante na minha vida. Curso de Especialização em Teologia Pastoral em Caxias do Sul, Latino Americano, vários países da América Latina. Foi muito enriquecedor. Eu ia para Europa fazer um Curso de Espiritualidade. Dom José queria que eu fizesse um Curso de Espiritualidade em Roma. Dom José, ele queria me fazer bispo. Mas, o Espírito Santo me conduziu por outras tendas, por outros caminhos. Quando eu voltei desse Curso, eu disse: eu não vou para Europa não. Eu estou pensando em ir para o Norte. Estou querendo visitar algumas Dioceses do Norte do País. Então, passei por Iguatu, Ceará, passando por Crateús, terminei no Maranhão. Estava pensando em passar no Pará, mas a minha doença num dente me castigou e então eu tive que voltar para João Pessoa. Eu fui padre quase 25 anos na primeira etapa, com 24 anos de padre aconteceu um problema comigo em Miramar. Dez anos eu fui pároco em Miramar. Eu era pároco inamovível. Só o papa poderia me tirar de lá. O direito canônico da igreja católica. Então, eu com 24 anos de padre eu precisei me afastar do ministério sacerdotal. Ninguém percebia isso, que eu estava em crise. A coisa foi feita de uma forma tão discreta que ninguém percebia. Mas, eu entrei em crise porque eu arrumei um namoro e eu tenho uma personalidade, graças a Deus de que não mentir para o povo, para a Paróquia, para o bispo, para meus colegas. Eu não vou ficar tranquilo dessa forma. Eu me afastei da Paróquia. Aí eu entreguei a Paróquia. Não quero ficar mentindo para ninguém. Eu não vou dormir meu sono tranquilo dessa forma. Dom José Maria Pires, muito compreensivo, veja que bispo, veja que gente era

Dom José. Ele cultivava abelhas, mel de abelha ele cultivava. Eu me ausentei da Paróquia, mas não perdemos o contato. Ele me disse preciso conversar com você. Marcamos um encontro no Seminário Arquidiocesano no Miramar. Fomos para lá numa bela tarde. Ele sofreu muito com a minha saída, eu fiquei sabendo depois. Mas chegou lá com a garrafa de mel na mão e sorrindo para mim. Acompanhe bem a coisa. E aí me entregou a garrafa de mel e disse: Isso aqui é para adoçar a sua vida. Ele sabia que eu estava sofrendo, apesar de ter feito a coisa de forma até certo ponto consciente. Mas, ele sabia que eu estava sofrendo. Aí, tivemos a nossa conversa. Ele estava se preparando para voltar para Minas Gerais que havia finalizado o tempo dele aqui. Eu perdi a missa da despedida dele. Fui morar em Campina Grande. Passei lá uns 4 anos. Trabalhando, ensinado na Universidade. E aí resolvemos voltar para João Pessoa. A minha esposa era juíza. Chegou o momento dela de ser transferida definitivamente para João Pessoa. E aí surgiu o trabalho no CETA (Centro Terapêutico do Adolescente). Então, oito anos distante do altar. Pois bem, no começo, como todo casamento, lua de mel. Foi muito bom porque a experiência que eu adquiri para poder hoje entender os problemas de um casal e de uma família. Tudo eu agradeço a Deus, eu te adianto logo, Andréa. Tudo o dedo de Deus trabalhando. Porque hoje quem sabe se o Espírito Santo quisesse que eu fosse bispo, eu tinha obedecido ao bispo e teria ido para Roma. Eu faço toda essa reflexão hoje. Mas, porque eu tive que passar por onde eu passei, com momentos de “alegria”, de “felicidade” e de sofrimento para poder retomar o caminho inicial. Aí eu retornei. Aí eu pedi licença a Roma. Eu escrevi para o Papa na saída, obedeci a todo o trâmite processual, o papa era João Paulo II. Houve atraso para chegar nas mãos da Cúria, porque com a saída de Dom José, ele não teve condições de agilizar, mas com a entrada de Dom Marcelo, ele assumindo, ele tinha sido meu reitor do Seminário em Olinda e Camaragibe e ele deu conta de tudo isso. Então, eu trabalhando no CETA e também adquiri um Colégio também e assim continuava minha vida. Eu visitando um colega, o padre Luiz Antônio, fui lá fazer uma conversa amiga, fraterna e ele me fez uma proposta, ele disse: Tu não queres retornar não? Aí eu já estava separado. Porque após 8 anos, eu me separei. Novamente como não estava dando certo o casamento, eu disse a mulher: Eu acho que é melhor eu me separar. Vamos combinar isso. Combinamos para nos unir no civil, porque na igreja não chegou a acontecer. De novo aqui a intervenção do Espírito Santo, através de um Bispo, o padre Dom

Luiz Gonzaga Fernandes que tinha sido meu reitor e tinha me colocado no Seminário. Ele ia presidir a celebração, mas depois de uma conversa se chegou a conclusão que não se fizesse. Pois é, pouco tempo depois eu disse a ela: eu vou sair de casa. De novo, eu quero respeitar a você e, sobretudo, aos dois filhos que adotamos. Quando sai o mais jovem tinha 7 anos. Em respeito essas crianças. Nós estamos nos desentendendo constantemente e dessa forma é melhor eu sair de casa. Então, retornando a conversa com o padre Luiz Antônio me perguntado se eu não queria voltar ao ministério sacerdotal. E eu perguntei: E pode? Ele disse: Vamos tentar? Se você quiser eu falo com Dom Marcelo. Eu disse: Fale. Se você acha que é possível. Eu saí de lá alegre, mas um pouco desconfiado. E aí ele falou com Dom Marcelo e ele mandou me chamar. Tivemos alguns poucos encontros, tendo em vista o retorno e aí lá vem de novo uma documentação de Roma. Tive que preencher direitinho e procurei ser sincero, verdadeiro para mandar essa documentação para Roma, tanto na primeira vez como na segunda. Fiz inclusive essa documentação com o Juiz Canônico do Tribunal Eclesiástico e rapidamente julgaram meu processo e através do padre Dom Marcelo e logo veio a resposta que o papa havia revogado o meu pedido de dispensa das obrigações sacerdotais e que obrigações são essas, sobretudo? O celibato e a questão dos sacramentos de forma geral: de obediência e tudo isso. O papa João Paulo II que me dispensou do ministério sacerdotal, agora revoga e eu retomo o ministério sacerdotal. Eu escrevi uma carta para Dom Marcelo pedindo perdão a ele e a igreja e fiz uma cópia para Dom José, depois de tudo resolvido, baseado no Evangelho, da parábola do filho pródigo preferindo olhar pelo lado da bondade e da misericórdia de Jesus Cristo manifestado nessa parábola. A carta pedindo perdão a Deus e a ele. A resposta de Dom José em poucas palavras. Padre, se Deus foi misericordioso com você, (ele me conhecia viu, 30 anos foi meu bispo) doravante procure ser mais misericordioso para com seus irmãos. Depois dessa resposta fechou. Hoje eu vivo buscando viver a luz dessa mensagem. Porque o temperamento eu sou muito irascível, mas Deus trabalha na gente e vai mudando nosso coração. Para mim, a coisa mais importante não é construir igrejas, não é multidões, mas Jesus Cristo estava voltado para pequenas comunidades. O mais importante é a conversão.

3. Na sua compreensão, o que significa ser um líder no contexto da espiritualidade cristã e como o senhor se percebe nesse papel?

Para nós o papa é nosso líder. E os bispos, os padres e os leigos deveriam se espelhar nele. Eu me vejo nesse caminho. Sinto que o meu legado foi deixar por onde passei pequenos grupos de pessoas catequizadas para viver em comunidade o Evangelho de Jesus.

4. O senhor lembra de experiências marcantes em que pessoas ou situações lhe causaram sofrimentos que lhe fizeram ficar ressentido? Se sim, o senhor poderia descrevê-las?

No nosso dia a dia, na convivência a gente encontra barreiras, dificuldades. Eu já falei que tenha um temperamento forte e hoje eu estou com meu temperamento mais educado. Eu não tenho assim propriamente intrigados, pessoas com quem eu diga com fulano de tal eu não falo. Isso não existe. Existem pessoas que se distanciaram de mim, jovens. Houve desentendimento e se distanciaram. Eu peço perdão no altar. Agora mesmo, nos meus 50 anos de padre, o meu ato penitencial foi pedindo perdão a Deus e ao povo no altar. Falando dos pecados que eu cometo de público. Eu cometi o pecado de público, porque eu não peço perdão? Essa história de só pedir perdão a Deus, tem gente que diz que basta pedir perdão a Deus, não é tudo. Deus quer que a gente peça perdão ao outro. Vai reconciliar-se com teu irmão e depois volta à mesa. Lembra-se dessa passagem do Evangelho? Não é isso mesmo? Então, eu não tenho essa dificuldade hoje. No passado já tive, quando era mais novo. Mas, agora no momento não. De todos os lugares por onde passei eu gostaria de passar de novo, celebrar para todo mundo, visitar todo mundo. Agora, tem gente que se afastou de mim eu não sei o que faça, porque depende também do outro lado. Eu não quero morrer levando isso nas minhas costas. Eu gostaria de morrer em paz com todo mundo.

5. O senhor já vivenciou experiências de perdão? Se sim, poderia descrevê-las?

Eu descrevi a carta que escrevi para os bispos pedindo perdão e recebi de um deles a resposta esse meu pedido de perdão e que está me movendo, me comovendo no sentido mais profundo da palavra. E produz em mim essa comoção. Se Deus foi misericordioso para com você, procure ser misericordioso para com seu irmão. Isso para mim foi a experiência que vivenciei mais marcante da minha caminhada até hoje.

6. Qual o sentido que a experiência de perdoar trouxe para sua vida?

Perdoar a gente passa sempre. Nós temos todo dia e toda hora, a oportunidade para perdoar, sobretudo em fatos pequenos, a oportunidade para perdoar. Quando eu celebrava todos os dias há certos momentos na celebração eucarística, éramos levados à situação de perdoar. O sentido do perdão para mim é de paz e felicidade. Todas vezes que eu me confesso, por exemplo que é um momento sacramental, para mim e quando eu o faço bem feito, eu sinto a paz, liberdade, amor. Esses são os maiores sentido do perdão. Sentimento interior de liberdade, de paz e de amor. E, sobretudo porque o padre é o ministro do perdão. A missão principal do padre é exatamente a missão de Jesus, a de perdoar. Jesus veio para perdoar os nossos pecados. Por isso, faço sempre referência a Dom José Maria Pires, para mim hoje está a chave para mim.

7. A experiência de perdoar lhe trouxe benefícios? Quais foram?

Benefícios de paz, de liberdade e de amor.

8. Afinal, para quê perdoar?

Perdoar para poder reconstruir a família de Deus, no sentido mais amplo da palavra, reconstruir. Só através do perdão a partir de mim eu vou colaborando com a essa reconstrução da unidade que deve existir entre os filhos e o pai, essa comunhão. Não é possível fazer essa comunhão sem o perdão. Não é possível de forma nenhuma. Conto um exemplo de quando estudava no Seminário. Havia um momento que se chamava “quebra casca”, todos os sábados. O vem a ser a “quebra casca”? Era um momento de revisão de vida. O coordenador lia um texto do Evangelho apropriado que pudesse ajudar. E ali iniciávamos o “quebra a casca”. O objetivo era dizer o que tinha acontecido durante a semana que interrompeu um bom relacionamento entre nós. E aí saía eu não estou falando com fulano, as vezes queríamos nos atrair e éramos estimulados a falar o que havia dificultado ali o relacionamento e então a quebra casca era feito para haver um momento de confissão, arrependimento, no fim abraçarmos, as mãos dadas e rezarmos um Pai Nosso. Se eu não sou capaz de abraçar meu irmão e aí lembro que, como iremos comungar se para traz deixei alguém com quem não está comungando comigo? O caminho central é o Perdão. Reconstrói a unidade e comunhão consigo mesmo, com os outros e com Deus.

